



REVELAR-SE AUTOR

---

# RESPEITO ÀS DIFERENÇAS



**CIDADE DE  
SÃO PAULO**  
EDUCAÇÃO



**PREFEITO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO**

Ricardo Nunes

**SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO**

Fernando Padula

**SECRETÁRIA EXECUTIVA MUNICIPAL**

Malde Maria Vilas Bôas

**SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO**

Bruno Lopes Correia

**CHEFE DE GABINETE**

Omar Cassim Neto

**CHEFE DA ASSESSORIA DE ARTICULAÇÃO  
DAS DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO – DREs**

Sueli Mondini

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO



REVELAR-SE AUTOR

---

RESPEITO ÀS  
DIFERENÇAS

SÃO PAULO, 2023

## COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Simone Aparecida Machado - *Coordenadora*

## DIVISÃO DE CURRÍCULO - DC

Aparecido Suter da Silva Junior - *Diretor*

## EQUIPE DIVISÃO DE CURRÍCULO

Amanda Ferreira Rodrigues  
Ana Katy Lazare Gabriel  
André de Pina Moreira  
Anna Luiza de Castro  
Caio Marques Fernandes  
Carlos Alberto Mendes de Lima  
Carolinne Mendes da Silva  
Clodoaldo Gomes Alencar Junior  
Eduardo Murakami da Silva  
Eva Aparecida dos Santos  
Guilherme Cunha de Carvalho  
Jonas Ribeiro dos Santos  
Juliana Bauer de Oliveira Pimentel  
Karla de Oliveira Queiroz  
Luciene Aparecida Grisolio Cioffi  
Paloma Damiana Rosa Cruz  
Rafael Fernando da Silva Santos Fitipaldi  
Regina Célia Fortuna Broti Gavassa  
Renata de Lara Ferreira  
Samir Ahmad dos Santos Mustapha  
Solange Cristina Corregio  
Thais Blasio Martins

## NÚCLEO DE LITERATURA

Academia Estudantil de Letras - AEL

Academia de Letras dos Professores - ALP

Guilherme Cunha de Carvalho

Samir Ahmad dos Santos Mustapha

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.

Revelar-se autor : respeito às diferenças. - São Paulo : SME / COPED, 2023.  
160 p. ; 21 x 21 cm

Volume 4 resultante da 12ª edição da Semana de Incentivo e Orientação  
ao Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal nº 14.999/09.

ISBN: 978-65-88021-53-8 (livro físico)

ISBN: 978-65-88021-51-4 (livro digital)

1. Literatura brasileira. 2. Escolas municipais. I. Título.

CDD 22. ed. B869



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo recorre a diversos meios para localizar os detentores de direitos autorais a fim de solicitar autorização para publicação de conteúdo intelectual de terceiros, de forma a cumprir a legislação vigente. Caso tenha ocorrido equívoco ou inadequação na atribuição de autoria de alguma obra citada neste documento, a SME se compromete a publicar as devidas alterações tão logo seja possível.

Consulte: [educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br](http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br)

Código da Memória Documental: SME75/2023

Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede - CRB-8/5877

# CARO(A) LEITOR(A)

“Ontem, sonhei o teu sonho  
sem saber que também era o meu”

*Sérgio Vaz*

Com muita alegria e orgulho, apresentamos os textos literários produzidos pelos educadores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo – RMESP.

Os professores, membros da **Academia Estudantil de Letras – AEL** e da **Academia de Letras dos Professores da Cidade de São Paulo – ALP** foram convidados, neste volume, a produzirem contos, crônicas ou poemas que mostrassem a importância ou a necessidade de respeito às diferenças.

A valorização das diferenças e a busca da equidade implicam uma abertura ao próximo, uma disposição de enxergá-lo em sua singularidade, e fomentam a cultura de paz na sociedade.

Os textos reunidos neste volume revelam como o sonho do outro pode ser o seu próprio sonho, como dito na epígrafe de Sérgio Vaz. A literatura é o espaço privilegiado para conhecer o outro.

O livro **Revelar-se Autor** é parte integrante das ações realizadas na Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, criada pela Lei nº 14.999/09, de autoria do professor vereador Eliseu Gabriel.

Boa leitura!

**Fernando Padula**

Secretário Municipal de Educação de São Paulo



# A busca pela tal felicidade

*Adriana Boriollo da Silva*



Busco pela cidade  
aquilo que me possa causar  
a tal da felicidade.

Durante o trajeto  
só sou reconhecido  
pelos meus desafetos  
e fico estarecido.

Afinal, pra que tantos apelidos  
que nos deixam destruídos?

E quem é essa tal  
felicidade?  
Que não reconhece  
a diversidade.

Quem é essa tal  
diversidade?  
Que não se respeita  
na cidade.

A busca está sendo  
uma verdadeira enganação,  
pois a tal felicidade  
mora mesmo no meu coração.



# Reparação histórica

*Alessandra Saragó*

## 1º ATO: ANTÔNIO

Acordei bem cedinho, seria um dia bastante corrido, mais um dia normal na vida de um estudante de Direito. Estudo na Faculdade São Francisco, no Centro de São Paulo. Depois da vida inteira na escola pública, foi difícil passar no vestibular, mas consegui! Se era para fazer Direito, que fosse numa das faculdades mais tradicionais. Eu gosto muito dessa palavra “tradicional”. Identifico-me bem com ela. Sou de uma família tradicional. Tradicionalmente pobre. Não sei desde quando, mas eu a odeio e tudo que ela representa. Por isso, queria mais, queria estar entre os que tinham mais e nessa faculdade, embora pública, eu podia encontrar gente que tinha mais. Aquelas meninas bonitas e cheirosas e os caras usando social, não qualquer roupa, mas roupas boas. Eu sou branco, então não é tão difícil assim me misturar. Para o Fernando sim, para ele é difícil. Ele é preto e pobre. Meu amigo de infância, estudamos na mesma escola a vida inteira e ele quis fazer a mesma faculdade que eu. Na infância era legal ser parecido, mas, quando comecei a amadurecer, passei a me incomodar um pouco tendo o Fernando sempre comigo. Ele conseguia tudo, era muito inteligente, é verdade. Mas as facilidades como a cota, com certeza, ajudavam, queria me livrar dele, eu pensava enquanto fazia a barba. Tomei meu café e me dirigi para a faculdade. Nesse dia, analisaríamos uma peça jurídica. Seria uma atividade importante, principalmente porque quem dava essa aula era um importante advogado da cidade e seu escritório estava precisando de estagiário. O aluno que se destacasse poderia ter vantagens no processo seletivo. Juntei-me aos colegas na sala, incluindo o Fernando. O professor entrou e iniciou a aula. Expôs tudo e incitou a discussão. Tratava-se de um crime cometido por uma mulher e poderia haver indícios de racismo na acusação. Achei tudo aquilo muito apelativo, falei minha opinião. Todos fizeram suas reflexões. Senti que o professor ficou entre mim e o Fernando. Mais uma vez, a cor da pele pode ter ajudado no julgamento. Ironia. Eu estava certo e, ao final da aula, o professor nos chamou e marcou a entrevista para o mesmo dia, ao fim da tarde. Aula, mais aula, biblioteca, enfim, saímos para o almoço. Fomos a um bar próximo da São Francisco que serve pratos feitos. Fernando me contou como estava contente com a entrevista, tanto por ele como por mim. Ele era bom. Eu não. Eu estava triste por não ser o único escolhido. O céu estava especialmente escuro nesse dia, muito provavelmente cairia uma tempestade. Enquanto conversávamos, notei que um homem bem vestido, elegante, nos observava atentamente, provavelmente ouvindo nossa conversa. Meu amigo se levantou para ir ao banheiro e o homem se aproximou da mesa. Fiquei um pouco inquieto com aquela presença, quase seduzido. Mas eu não gosto de homens, que fique claro aqui! O distinto se apresentou:

— Com licença, meu nome é Pítonos Aguiar! Mas todos me conhecem como Dr. Pí. Poderia conversar com você em particular?

— Desculpe, mas do que se trata? – respondi.

— Trata-se de uma interessante proposta, vi que você e seu amigo são futuros advogados, gostaria de conversar. Você teria um tempo?

Confesso que fiquei interessado, mas tinha que ir para o bico que fazia num escritório próximo e depois ainda tinha a entrevista com o professor. Mas queria me livrar logo do cara, se fosse uma proposta de trabalho, não queria que Fernando





soubesse também. Então pedi rapidamente um cartão e perguntei se poderia ser no dia seguinte. O homem respondeu que não, mas poderia ser no início da noite. Deu-me um cartão com o endereço Rua Tabatinguera, 294. Peguei o cartão e fui direto para o caixa esperar pelo Fernando. Continuando a corrida do dia, dali fui para o escritório, trabalhei o dia todo pensando o quanto tinha sido esperto. Eu, finalmente, ia me dar bem, caso não conseguisse o emprego com o professor - porque era bem capaz de ele contratar o meu amigo para parecer politicamente correto, embora o Fê tivesse sim muito gabarito para tal, eu admito - teria a entrevista com o tal Dr. Pítonos só para mim. “Que raios de nome é esse?!”. A hora demorou a passar, no fim do expediente passei pelo banheiro, ajeitei a gravata, o paletó e segui para a entrevista com o professor. Encontrei o Fê na porta. Subimos. A entrevista, na verdade, consistia em uma pequena prova. Não estava preparado para isso. Foi rápido, depois de fazermos, aguardamos uma hora mais ou menos e o professor já nos deu o resultado. Claro, o Dr. Fernando era o mais novo estagiário do escritório Gomes & Souza. Pois bem, eu ainda tinha minha segunda entrevista. Não contei ao Fernando exatamente o que era, disse apenas que tinha um compromisso, como íamos juntos para a estação ele resolveu me acompanhar e esperaria do lado de fora. O escritório do professor é perto da Tabatinguera. Chegamos rápido. A chuva começou no caminho, o céu que já estava extremamente escuro, ficou ainda mais. Nuvens pesadas, raios e trovões. Uma senhora tempestade. Não dava para enxergar direito. Fomos atravessar a rua. Ouvi um barulho forte de impacto. Vi um corpo vestido de social girar no ar, dar duas cambalhotas aéreas e bater no chão como se fosse um pesado boneco de pano. Na hora, me lembrei do Judas que malhávamos quando éramos crianças. Era o que parecia, aquele boneco molenga. Caiu de cara no chão. O sangue imediatamente começou a se misturar com a enxurrada. O trânsito parou e um mar de pessoas com seus guarda-chuvas se juntou ao corpo. Eu fiquei ali parado, olhei para o lado e não vi o Fernando. Só podia ser ele ali, provavelmente morto.

## 2º ATO: FERNANDO

Acordei bem cedinho, seria um dia bastante corrido, mais um dia normal na vida de um estudante de Direito. Estudo na Faculdade São Francisco, no Centro de São Paulo. Depois da vida inteira na escola pública, foi difícil passar no vestibular, mas consegui! Se era para fazer Direito, que fosse numa das faculdades mais tradicionais. E era uma grande vitória para um cara como eu, preto e pobre. Meu pai ficou todo orgulhoso quando viu meu nome na lista de aprovados: Fernando José Silva. Ele disse: “Você vai honrar esse nome, meu filho! Assim como seus ancestrais, reis e rainhas escravizados, honraram nossa família, lutando pela liberdade”. Fiquei ainda mais feliz de saber que meu grande amigo de infância, o Antônio, também tinha passado no mesmo curso e na mesma faculdade. Lembro-me bem do dia que descrevo porque foi quando consegui a vaga para o escritório Gomes & Souza, nos encontramos na aula, eu e o Antônio, e ambos conseguimos a entrevista. Depois do curso, almoçamos juntos. Fui para o trabalho que tinha na época, era escriturário num hospital ali do centro. Assim que saí do trabalho, fui para a entrevista. Reencontrei o meu amigo e fizemos a prova para o estágio. Passei, conquistando a vaga de estagiário. Antônio estava mais arredio do que nunca naquele dia, mas eu estava acostumado com seu instinto competitivo e por isso não me importei. Ele me disse que tinha um compromisso na Tabatinguera. Era perto do escritório. Fui com ele porque queria aproveitar para ver onde ficava a Igrejinha da Boa Morte. Meu pai me contou, certa vez, a lenda de que ela tinha esse nome porque os escravos subiam a Tabatinguera e paravam para descansar nas escadarias da igrejinha, e de lá seguiam para o pelourinho do Largo Sete de Setembro. Por diversas vezes, seguiam até o Largo da Força, onde fica a Capela dos Enforcados



na Liberdade, viam muitas vezes outros escravos mortos e desciam para rezar na Capelinha de Nossa Senhora dos Aflitos por sua vida triste e amargo destino. O tempo escureceu por completo, estava uma tempestade absurda, rajadas de vento, raios e trovões. Quase não enxergávamos na chuva. Chegamos ao número que o Antônio disse e fomos atravessar a rua. Antônio correu na frente. Ouvi um barulho estrondoso, olhei para cima e vi um corpo vestido de social girar no ar, dar duas cambalhotas e se espatifar no chão. De cara. O sangue começou a descer com a enxurrada. Meu coração acelerou, achei que ia desmaiar com aquela visão. As pessoas correram em volta do corpo que já estava sem vida. O carro que atropelou foi embora, fugiu. Olhei para o outro lado da rua e não vi o Antônio. Fiquei confuso, não consegui saber logo se ele já havia entrado no prédio ou não. Aproximei-me do corpo cercado pela multidão. Senti que ia desmaiar.

### **ATO FINAL: REPARAÇÃO HISTÓRICA**

— Antônio?! Antônio?! – Ouvi alguém gritando do meu lado. A voz era de choro, de dor. Quem chamava meu nome? Só poderia ser algum colega de faculdade que ainda estava pela região àquela hora e vira o acidente. Olhei para trás e vi o Fernando andando na direção do corpo, gritando meu nome. Vi ele cambalear ao olhar o corpo e vi alguém segurá-lo num quase desmaio. Se não era o Fernando, de quem era o corpo? Olhei para o outro lado e vi o tal Dr. Pí, estranhamente ele não se molhava mesmo estando embaixo daquela tempestade gigante. Seu terno estava impecavelmente seco. Senti-me puxado com toda a força por uma energia arrebatadora, como se eu fosse o “The Flash” me deslocando na velocidade da luz. Senti uma dor forte, e meu corpo sendo jogado para o ar, vi o mundo girar duas vezes, e depois senti um impacto lancinante e definitivo. Gosto de sangue na boca. Imediatamente enxerguei novamente as pessoas em volta do corpo, Fernando sendo acudido. Corri para o bolo de gente. E me vi no chão. Era eu ali. Era eu morto! Em frente à Igreja da Boa Morte. Que grande Sacanagem! Procurei o tal Dr. Pítonos em volta, ele estava agora bem próximo a mim. Ele chegou bem perto, me olhou no fundo dos olhos e disse:

- Que bom que veio ao meu encontro! Chegou bem na hora!
- Você está louco?! Eu estou...MORTO? Você me disse que tinha uma proposta! Acaso queria comprar minha alma?
- Sim, eu tinha. Mas você morreu e, para onde vai, não precisará de propostas. Além do mais, nem sempre se trata de comprar a alma, às vezes, é só reparação histórica mesmo.

*Nota da Autora: Ftono ou Phthónos, na mitologia grega, é a personificação do deus do ciúme e da inveja. As localizações citadas existem de fato assim como a história sobre o trajeto dos escravos desde a Igrejinha da Boa Morte até a Capelinha dos Aflitos*



## Uma crônica escolar sobre igualdade de direitos na escola. Na escola?

Alessandra Umbelino da Silva

Raul está frustrado, pois não desenha muito bem... Em casa, seus pais cobram um excelente rendimento. Ainda mais na aula de Artes! Não pode ir mal numa matéria cuja avó é professora também.

Raul saiu da escola chorando... foi tirado do grupo porque queria escolher um desenho mais fácil de fazer.

No dia seguinte, Dona Esperança, coordenadora pedagógica da escola, chama Raul para conversar. Com aquele sorriso nos olhos, ela perguntou o que aconteceu.

Raul explica tudo com uma riqueza de detalhes.

Dona Esperança pede para chamarem todos os alunos que estavam com Raul no trabalho em grupo de Artes.

Cada um explica o que aconteceu:

*“O professor deixou a gente escolher os integrantes do grupo...”*

*“A gente fez dois ou um pra saber quem seria o líder!”*

*“Precisávamos escolher o desenho que faríamos juntos... Raul queria um desenho fácil... A gente não... Eu pedi pra ele sair naquele momento... Não quis que ele participasse da votação... Mas não era pra ele sair do grupo... Ele não entendeu.”*

*“Nós tentamos falar com ele..., mas ele pediu pra ficar sozinho.”*

Dona Esperança olha aquela cena toda e explica, com calma e tranquilidade, que a ocorrência foi um grande mal-entendido entre os meninos. Ela olha com aquele azul sem fim dos seus olhos e diz que não foi certo excluir Raul da votação. Olha para Raul, diz que ele poderia ter explicado aos meninos porque estava triste e não queria conversar naquele momento.

Raul concorda.

O colega, o que expulsou Raul da votação, olha para ele com olhos marejados e quase gaguejando diz:

— “Ra-ul ... Ra-ul... E-u... eu... Eu não queria deixar você triste... Eu... Eu acho que vou chorar...”

Raul, num salto tão espontaneamente infantil, abraça o colega.

O menino continua chorando. Ali, naquele longo corredor, ele parece uma estátua: corpo congelado enquanto era banhado por suas lágrimas.

Dona Esperança, assistindo à cena e enxugando a lágrima teimosa que estava a descer diz:

— Abrace seu colega... Está tudo bem chorar...

Os dois meninos se abraçam, chorando e reconciliam a amizade que estava abalada.

No dia seguinte, Raul olha para a Dona Esperança e solta: *“Gostei muito da nossa conversa de ontem”*.

Dona Esperança sorri... E pensa no grande desafio que temos pela frente... em como é difícil trabalhar a igualdade de gênero e de direitos nas escolas... *“A sociedade maltrata muito os meninos também... Ninguém consegue ser rocha o tempo todo”... Ela pondera.*

E segue para mais um dia na escola.



# Ana e Juliana

Ana Cláudia Dantas de Freitas Sales

Ana levanta cedo pra trabalhar  
E corre contra o tempo  
Num trem lotado em movimento  
Para que Juliana possa andar.  
“Juliana tem que estudar!”  
É o que sua mãe diz  
Para ser veterinária ou atriz,  
Ganhar o mundo e ser feliz.  
Nunca deixar de lutar!

E Ana luta pra sustentar!  
No emprego e no lar numa dupla jornada  
Toda manhã acorda cansada,  
Mas não pode fraquejar.

Nunca deixar de lutar!  
Foi isso que a velha mãe  
À Ana menina ensinou...

Que por carregar na pele o peso da cor  
E de ser mulher nessa cidade  
Deve andar vestida de garra, fé e vontade

Sem deixar de lado o amor e a cumplicidade  
Pra felicidade alcançar!

# Para além da consciência, acolher a diversidade

Ana Deise de Assis São Martinho



**P**ara falar dos povos reduzidos, machucados e até marginalizados, usaram o conceito de “consciência”. A consciência negra, das ações afirmativas de gênero e sexualidade, da pessoa com deficiência e do “índio”. Ora, assim estereotiparam a consciência, deram-lhe etnia, nome e cor para pensar o dissabor do peso do preconceito e da deficiência que causa dor. Não é a dor física, tampouco intelectual, mas é a deficiência do carinho, do afago e do sentido que se dá ao caminho, trilhado na contramão do amor. A verdadeira deficiência é aquela que não se sente, a dor do próprio irmão, dor da alma, na pele e no coração da gente.

Consciência não tem cor, ela tem sentido, tem função que vai percorrendo o caminho na contramão da exclusão. Por que então não se fala em consciência humana? Aquela que abraça a diversidade como Terra que é santa e que acolhe, que alimenta e que tem em sua natureza a diversidade que encanta. Cheia de cores e formas, rica pela beleza da fauna e da flora.

Ah! Se todos pudessem sentir a magia de ter a Terra como mãe e a ancestralidade do ser, poderíamos assim, como uma colcha de retalhos, costurar uma sociedade rica com seus detalhes e a beleza que cada um tem, mas cada um tecendo sua identidade, foi trilhando seu caminho, criando calos numa alma já em desalinho, para encontrar um lar, a paz e até um ninho e assim quem sabe fazer seu próprio destino.

É preciso mudar a história e encontrar o verdadeiro sentido da “consciência”, que foi se esvaindo, dando lugar a um palco que apresenta uma peça com um arsenal de guerra e de luta dos povos que buscam, para o planeta, a liberdade de ser e promover a igualdade de direito e o respeito pelas diferenças.



# Minha coroa

Ana Flora Pinheiro Salviano

**N**aquele dia, o relógio despertou, mas ela não queria sair da cama, reuniu o pouco de forças que lhe restavam e levantou.

Mais um dia para quê? Novamente iria sair para uma série de entrevistas e voltar para casa sem nada. Precisava de um emprego, as contas acumuladas sobre a cômoda só lhe traziam mais angústia e desespero.

Arrumou-se o melhor que pôde, prendeu os cabelos bem presos, pois eles eram um empecilho em sua busca por um emprego, crespos e volumosos, eram a sua coroa, como dizia aos seus filhos, porém, infelizmente, muitos empregadores não pensavam assim, e ela precisava pagar as contas.

Ser negro nesse país não é fácil, mulher e mãe solo piorou, pensou na quantidade de entrevistas que já havia feito e nas promessas vazias que recebia.

Olhou-se no espelho e sentiu orgulho de sua pele retinta, dos seus lábios grossos e pensou em seus antepassados e tudo o que tinham passado, era uma mulher empoderada, uma guerreira, ela não iria desistir.

Entrou no quarto dos filhos que ainda estavam dormindo, abraçou-os. Na cozinha, sua mãe fazia o café, beijou com ternura a testa daquela mulher franzina, que trabalhava incansavelmente nas cozinhas dos grã-finos para que ela pudesse estudar e ter um diploma.

Ao chegar à porta, pediu proteção aos orixás, abriu e, antes de sair, soltou seus cabelos!

# Diversimologia

Ana Maria Cesário Moraes – pseudônimo: Euzinha

13



Quem és?

Verso

Reverso

Diverso

O que és?

Idade

Cidade

Igualdade

Realidade?

Falsidade!

Para quem és?

Muitos

Poucos

Todos

Ninguém!

O que falar?

Muito a dizer

Pouco a comemorar

Muito a entender

Tudo a alcançar

Precisas avançar!

País tão diverso

Não entendes o conceito

Ideias

Credos

Etnias

Gêneros

Não conheces o sentido

Sociedade

Diversidade

Crueldade

Igualdade?

Nada!

Escravidão

Discriminação

Humilhação

Miséria

Fome

Abandono

Esquecimento

Tormento!

Diversidade...

Na prática,

Quem a pratica?



# Emaranhado

Ana Paula Silveira de Faria

Um emaranhado de humanos. “Ser” humano é olhar para si e entender que somos corpo, esqueleto. Reconhecer-se humano vai além. É entender que somos diferentes. Pretos, brancos, pardos, amarelos, indígenas.

Um emaranhado de diferenças. Coloridos, altos, baixos, magros, gordos, cabelos lisos ou crespos, cristãos, judeus, budistas, religiosos das matrizes africanas, homens, mulheres, homossexuais, heterossexuais, cis, trans, pobres, ricos, pessoas com deficiência. Diferenças imensas que criam distâncias.

Um emaranhado de distâncias. Essas distâncias, muitas vezes, nos fazem sentir mais humanos do que os outros. Ou menos humanos. Quem sente assim já é “mais ou menos” humano. Essas distâncias todas não devem classificar. Mas classificam. Oferecem ou retiram direitos.

Um emaranhado de direitos. Direitos que deveriam ser universais. Acessíveis aos tantos diferentes que somos. Direitos escritos na Constituição dos semelhantes. Daqueles que têm direito à vida, à liberdade, à segurança. Daqueles que têm direito a tantos direitos.

Humanos, diferenças, distâncias, direitos. Palavras.

Um emaranhado de palavras que complicam e dificultam. Complicações e dificuldades criadas por aqueles que não enxergam o outro. Por aqueles que creem que ser diferente os torna especiais.

Emaranhado. Misturado, intrincado, confuso, embaraçado. Esse nosso mundo de diferentes.

Que esse emaranhado de humanos possa descomplicar as coisas, desembaraçar situações em nome de um mundo mais igual para os diferentes. Em nome de justiça, paz, acessibilidade, equidade. Que possamos olhar para o diferente e reconhecê-lo humano.



# Diversimologia

Ana Regina Barbosa Spinardi



Pret@ sou  
e muito dona de mim  
Pret@sou me esparramo  
Pret@sou me assento  
Pret@sou me alargo  
Pret@sou me junto  
Pret@sou me desobriço  
Pret@sou me solicito  
Pret@sou me abasteço  
Pret@sou me desdobro  
Pret@sou me pergunto  
Pret@sou me respondo  
Pret@sou me refaço  
Pret@sou me acaricio  
Pret@sou me publico  
Pret@sou me reconheço  
Em vezes que se levantaram de berços privilegiados para quererem me calar,  
me diminuir, me desautorizar. Disse não!  
Estou de novo aqui e nego suas cartilhas, todas elas.  
Malditas cartilhas: menina pernas atadas.  
Menino bolas ao pé.  
Menina cozinha, cama e lavanderia, se for preta então...  
Menino rua e variados cardápios, mas se for preto, não!  
Vira o próprio menu principal, perseguido, engolido, exterminado.  
E este cheiro de morte que invade as periferias cotidianamente.  
Mulheres choram maridos, choram filhas e filhos.  
Movimento secular. Repetitivo, até quando?  
Mas se fortalecem com outras que enxugam as lágrimas e ensinam prosseguir.  
Fugi de suas regras. Rasguei suas cartilhas...nunca me serviram.  
Me reafirmo. Me confirmo.  
Cheguei aqui.  
A resistência transformou meu corpo em casulo e nele me fortaleço contra seu racismo.  
Sessentei e aprendi: subo e desço degraus quando eu quiser!



Fiz de minha resistência a diferença para gerar novas crias.

Respeitem minha vivência.

Respeitem a minha, as nossas diferenças!

E eu não sou humana?

E eu não sou mulher?

E eu não tenho o mesmo direito de andar por aí, por aqui?

Driblando regras impostas pelas cartilhas aos corpos de nós mulheres, percebemos as diferenças e nunca nos calamos. Desconfiamos e recuamos. Estudamos e avançamos.

Nossas vozes eram encobertas por padrões instituídos por tuas cartilhas, mas revidamos o tempo todo principalmente quando persistiram em nos calar e ou falar por nós. Criamos e recriamos com elegância. Nunca coubemos nestas vestes de frágeis.

Revidamos através das marchas públicas, revidamos em altos brados, revidamos nos lares e firmemente construímos nossos passos e, embora duvidassem de nossas potências, nos unimos e fizemo-nos mulheres.

Mulheres de todas as naturezas. Tirem os rótulos, tirem as definições, tirem as taxações!

Mulheres são mulheres, ô meu!

Com elegância, mandamos mais recados: respeitem as diferenças, respeitem nossas histórias e nossas caminhadas!

# “Você viu? Tem um “professor” no CEI!”

*Anderson Pereira de Almeida*

17



Início de mais um ano letivo.  
Turma nova, sala nova e novos colegas.  
Mas, de alguma forma, me senti desconfortável e sozinho.  
Olhares de estranhamento...  
Esquisito, diferente e incomum,  
a figura do “gênero masculino” em meio a um  
universo cultural feminino.

Seria um estímulo? Um desagregar?  
Ou apenas mais uma indagação?  
A busca de permissão, busca de ruptura de bloqueios  
culturais existentes na Educação Infantil.

Semana de acolhimento?  
Não, semana de enfeitamento.  
Por parte dos pais e professores...  
Com reações nunca imaginadas.

Procurei apoio, não havia corrimão...  
Olhei ao redor, não havia fuga...  
Escapular dos olhos de estranhamento  
censurando uma figura masculina  
que estreia a partir daquele momento  
em meio ao espaço dos pequeninos.

Pequeninos estes que depois me esticavam seus bracinhos  
Como quem pede acalento.  
Acalento este retribuído com sorrisos.  
Sorrisos depois multiplicados nas interações e brincadeiras.

Brincadeiras, estas planejadas  
para o desenvolvimento cognitivo e motor  
destes pequeninos.  
Interação com ludicidade para o estímulo  
do raciocínio lógico daquelas crianças  
que desconhecem o mundo no qual serão inseridas.

Um pedagógico que, naquele momento,  
me pareceu paradoxal.  
Trajetória questionada e sendo avaliada a  
todo momento.

A atribuição de um professor em meio a tantos  
Olhares, tantos discursos sobre igualdade de direitos  
e mensagens de respeito às diferenças!  
“Você viu?”

Quanto tempo mais será preciso para ser ratificado  
o meu papel?



## Do amor

*André Alves de Sousa*

Lucas amava Giulia que amava Bruno  
que amava Tati que amava Igor  
que amava Adriano,  
ainda que em segredo  
ainda que pensasse ser errado  
ainda assim, amava-o.  
Nessa nova quadrilha Lucas foi preso,  
Giulia foi viajar o mundo,  
Bruno se casou com Tati  
e Adriano preferiu ficar solteiro,  
enquanto Igor conheceu Paulo  
e o amou sem segredo algum  
sem questionamento, sem insegurança  
e sem medo.  
E Paulo o amou de volta.

# Subverso

*Angélica Dadario*

19



choque, estranheza  
paralisia  
vem como um golpe  
me encolho

um corpo doutrinado a julgar o desconhecido  
o que não conheço, hoje, escolho

interagir ou não,  
parte do querer  
respeitar ou não,  
parte do ser

quebrar barreiras  
mais de uma vez  
subverte-me  
nesta sociedade de falsas apologias



# Reflexões de um migrante

Artur Antonio Azevedo Amorim

**T**enho em minhas memórias remotas, quando era criança na década de 1970, a imagem de um trem azul e branco a passar diante dos meus olhos pela janela da cozinha de minha antiga casa. Diante deste espetáculo da imaginação de uma criança que sempre gostou de trenzinhos, ficava a meditar qual era a origem daquele trem colorido. Pedi socorro à única pessoa que poderia me salvar deste dilema: a minha mãe.

— De onde vem este trem mãe?

Ela respondia com toda paciência maternal:

— Vem de muito longe, da Bahia!

Demorou um bom tempo para compreender que todas as manhãs, para minha diversão, aquele trem era uma das alternativas de fluxo migratório para São Paulo, cujos passageiros eram gente simples fugindo das dificuldades de sua terra natal e em busca de uma vida mais porvindoura numa cidade em pleno crescimento como São Paulo.

Desde que o homem se entende por homem, sempre buscou o melhor para si, instintivamente, assim como os animais, que se deslocam diante das necessidades. Ao longo da história, os fluxos migratórios foram e são os mais variados. O clima, as tragédias naturais, a fome, a violência, as guerras. Ninguém sai da sua terra por nada, e um detalhe a salientar, ninguém, por mais que esteja confortável em sua terra natal, está livre deste fenômeno. Os fluxos migratórios fazem parte da história humana. Temos que entender que somos parte deste fenômeno. Tudo muda e está em constante transformação, e os fenômenos sociais não escapam a esta Lei.

Entretanto, a humanidade ainda padece de males profundos do orgulho e do egoísmo. A insensatez ainda contamina os corações das pessoas quando extravasam o preconceito aos nossos irmãos imigrantes, e também se esquecem de que também foram frutos de outros ciclos migratórios. *Aí pergunto: por que o ódio aos nossos irmãos de outras terras?*

Diante de crises econômicas e sociais, grupos surfam na onda da intolerância, na busca de um culpado pelas suas frustrações e incapacidades, e escolhe o imigrante como bode expiatório para todas as mazelas do mundo. Culpado pela crise econômica, pelo desemprego, pela violência, pelo tráfico, pela política, pela marreta e até mesmo pelo Corinthians quando ganha.

Diante desses movimentos, a sociedade tem instituições para o combate a este terrível equívoco. E a escola é o espaço ideal de convívio, de aprendizagem, de afeto e de compreensão aos nossos irmãos de outras culturas e experiências. Por esta razão, estamos convidando e dando espaço para discutirmos e refletirmos estes problemas com objetivo de diálogo, de compreensão, de sensibilização e de esclarecimento a todos nós, seres humanos, diante deste fenômeno social.

Como boa parte da população paulistana, posso dizer com todo orgulho que sou fruto deste fluxo migratório e da própria história. Sou produto da migração, filho de um pai vindo de Portugal, para não servir na guerra colonial em África com uma mãe baiana. Muitos chegaram a São Paulo de “pau de arara”, de trem da Central do Brasil, de ônibus da São Geraldo, Gontijo e da Itapemirim. E eu, no conforto do ventre da minha mãe, num DKW Vemagueti a buscar a vida em São Paulo.”

Um professor.



E o que mais me intrigava era a minha mãe dizer que aquele trem vinha da Bahia. Mas como? Tão longe, como pode? Aquilo ecoava em mim, buscando alguma lógica para tudo, mas enfim passou um tempo, o trem deixou de passar pela linha, e os questionamentos também passaram. Foi preciso tornar-me adulto e perceber que a resposta para minha questão estava também na cozinha. Havia uma pequena prateleira na cozinha, onde tinha um pequeno guia de ruas que o meu pai usava quando era taxista. Descobri que o guia não só era de ruas, mas sim um guia ferroviário com todos os horários de trens do Brasil, numa época em que se podia viajar de trem neste país. O livrinho é uma preciosidade e, para os aficionados, vale a peso de ouro de tão difícil de achar. O incrível que a edição do “Guia Levi” era mensal e editada desde 1898, a revista definhou junto com as ferrovias do Brasil, a última edição foi de 1984. Analisando as informações contidas no livro, minha mãe não estava mentindo. Na verdade, o trem que passava em Poá pelas dez horas da manhã vinha de Belo Horizonte para São Paulo. Em Montes Claros era possível passageiros vindos de Salvador/Monte Azul fazerem a conexão do trem para Belo Horizonte. Era uma verdadeira saga viajar por quase quatro dias sentados em bancos de madeira, mas havia nestes trens: primeira classe – poltronas; segunda classe – bancos fixos e estofados; e terceira classe – bancos de madeira. O único trem que ainda dava conforto era de Montes Claros a Belo Horizonte, onde possuía vagões com leito e cabines leito. Mas será que o sertanejo fugindo da seca tinha condições para este conforto? O trem que vinha de Belo Horizonte era chamado em São Paulo de “trem dos baianos” – o termo baiano era pejorativo a todos nordestinos. Não tenho dados exatos a partir de quando a rede ferroviária ofereceu este serviço Belo Horizonte - São Paulo, mas há reportagens de acidentes deste trem em jornais na década de 50. O trem deixou de circular em 1979, o de Salvador/Montes Claros em 1978, e o de Montes Claros a Belo Horizonte, este chamado de “trem do sertão”, sobreviveu até os fins da rede ferroviária federal em 1996.

O fim de serviços de trem não significou o fim do processo de migração, era apenas um caminho alternativo, que nem se compara ao desconforto dos “paus de arara”. Hoje o processo é feito de ônibus, e teve um tempo que se podia vir de avião. A migração é um ciclo constante, porém a intensidade do fluxo migratório norte-sul não se compara aos anos de 1950 a 1970.



# A voz de Alice

Barbara Falcão

No primeiro dia de aula, aquela animação barulhenta das crianças contrastava com o silêncio de Alice. Quieta, calada, fechada no seu canto. Ninguém tentava fazer contato, já que ela mesma parecia ter criado uma barreira. O que será que tem de errado com essa menina? Pensou a professora.

As aulas foram passando, Alice sempre quieta, até que um dia, passando pelo pátio na hora do intervalo, a professora vê uma roda de alunos em volta de Alice e se alegra ao notar que, finalmente, ela está tendo contato com outras crianças, mas a cena, que parecia bonita, logo se transforma, como naqueles quadros em que quanto mais a gente se aproxima, mais a imagem vai mudando, as outras crianças estavam atacando Alice: “Fala direito!”, “Tá na escola e fala tudo errado”, “Volta pra sua terra que aqui ninguém gosta de você”.

Com um misto de decepção, tristeza e preocupação, a professora afastou as outras crianças e acolheu Alice, que, dessa vez, movida pela emoção do momento, falou uma frase bem baixinho no ouvido da professora: “Não gosto desse lugar”, mostrando o forte sotaque que mostrava sua origem.

Naquele dia, a professora teve vários pensamentos confusos: como seus próprios alunos poderiam demonstrar tanto preconceito? Como ela não percebeu que a menina era discriminada e, por isso, tinha aquele comportamento contido, calado, na tentativa de ser invisível? Ela mesma havia achado alguma coisa errada naquela menina... Mas se elas aprenderam a ser preconceituosas, elas podem aprender a não ser, ninguém nasce racista, homofóbico ou capacitista, em vez de me culpar, vou tentar usar as armas que eu conheço. Assim decidiu a professora.

Propôs então um trabalho de pesquisa sobre as origens de cada um dos seus alunos, quem eram os pais, os avós, as pessoas que cuidavam das crianças. Cada um foi entrevistar seus parentes e pessoas próximas, e algumas dessas pessoas aceitaram vir contar sua história no dia da festa da família na escola.

Foram muitas histórias bonitas e tristes, de luta e de resistência. A avó de uma das crianças que atacaram Alice era filha de quilombolas e contou tudo o que passou antes de fugir com seus pais por causa de disputas de terra. Outro aluno tinha um tio cadeirante que cuidava dele junto com sua tia, outros eram imigrantes, que falaram de seu país, de sua cultura e como era mudar para um lugar totalmente diferente, assim como a mãe de Alice, que contou sobre a guerra da qual fugiu em seu país.

No dia seguinte, a professora pediu que todos comentassem sobre as histórias que ouviram e sobre suas próprias histórias, e chamou a atenção das crianças sobre algumas pessoas terem vindo de outros lugares, com suas dificuldades, e que todas mereciam ser acolhidas. Lembrou também que ninguém gostaria de ser maltratado ou saber que alguém que você ama foi menosprezado por seu jeito de vestir, falar ou por seus costumes, ou seja, que todos devem ser respeitados pelo que são, já que somos todos diferentes uns dos outros e perguntou se na escola existia esse respeito. Todos os alunos concordaram. A professora não satisfeita quis saber o que acontecia fora da sala, alguns riram, e um disse:





— Rola umas brincadeiras, prô, mas é só zoeira.

— Mas você gostaria que fizessem brincadeira com a história de sua família? Gostariam que zoassem o jeito que você é?

O aluno fez que não com a cabeça. A professora continuou:

— Quando falamos do jeito de falar de alguém, da roupa, do cabelo, estamos falando da pessoa. Na brincadeira, acabamos mostrando preconceito, porque estamos ridicularizando e menosprezando, tirando o valor da pessoa que é alvo da nossa “brincadeira”... Vocês viram quantas histórias bonitas nós ouvimos e como cada um aqui tem seu jeito de ser e sua história?

Ele abaixou a cabeça, enquanto Alice levantou os olhos e mirou a professora.

A professora, desde então, pedia sempre que os estudantes contassem mais um pouco de sua história, da história de sua família e das pessoas que cuidavam deles, assim como pedia que pesquisassem a história do bairro, da cidade e do país de cada um, para compartilhar com os colegas. A professora também contava histórias de sua própria vida e de sua família, encorajando os estudantes a fazer o mesmo.

Aos poucos, ao enxergar e pensar sobre sua própria história, cada um aprendeu a entender melhor a história do outro e, assim, respeitá-la, e as crianças começaram a acolher Alice, que foi alcançando sua voz, sua expressão, ao falar dela mesma.

A professora sentia que não conseguiria mudar as tristes estatísticas sobre discriminação no nosso país, nem sabia se, de fato, aquelas crianças não teriam mais nenhum preconceito, mas poder ter oferecido voz a Alice, por meio do respeito vindo da consciência de cada um, foi um ensinamento que nem ela nem seus estudantes jamais esqueceriam.



# O jardim da diversidade

*Beatriz de Araújo da Costa Barros*

no jardim do meu peito  
Plantarei sementes  
Para que cresçam belas flores  
Iguais e diferentes  
Regarei com o respeito  
As plantinhas preciosas  
Margaridas e tulipas,  
Lírios, crisântemos e rosas  
Flores variadas  
Cada qual com o seu perfume  
Pois é na diversidade  
Que a beleza ganha lume  
Algumas gostam da sombra  
Como a nobre violeta  
Outras crescem ao sol  
Como o grande girassol  
Há aquelas pequenas  
E também as maiores  
As que vivem em galhos  
E as que se espalham aos redores  
Cada uma com sua cor,  
Forma, hábitos  
E necessidades especiais  
Pois só assim o jardim floresce  
E enriquece os quintais  
Nós somos como as flores  
Com formatos diferentes  
Etnia, cultura, cor,  
Sexualidade e religião  
Cada um com sua própria identidade  
Habitando os espaços  
E lugares da cidade

Precisamos de respeito  
Justiça e igualdade  
Para tanto é preciso  
Promover a diversidade  
Espalhar educação  
Desabrochar o amor  
Na família, na escola  
Seja aonde for  
Semeando sementinhas  
De afeto e gentileza  
Tolerância e inclusão  
Por toda parte  
Com certeza  
Com o impacto da palavra  
E a força da ação  
Compreendendo que o mundo  
É o nosso grande jardim  
E que a conscientização  
Começa assim:  
Por você e por mim

# Senhor Coutinho

*Braz Gomes da Silva Filho*



**N**aquele dia de junho, o frio estava muito grande em São Paulo; àquela hora da manhã estava cerca de oito graus, com previsão de chegar à máxima de 10, com uma garoa intermitente, encorpada, num vai e vem nervoso, que dependendo do olhar, para uns era garoa, para outros era chuva, e para o Senhor Coutinho isso não importava.

O frio na barriga era maior do que o que estava lá fora, a garoa chuvosa não incomodava, ele repassava o texto, buscando a tonalidade perfeita. Os gêmeos entraram correndo para o banco de trás do carro, ele entrou devagar, fingindo tranquilidade. Checou o tanque de gasolina, que havia enchido no dia anterior, olhou para ver se os gêmeos estavam lá e com os cintos de segurança, ligou o carro e partiu para realizar mais um sonho.

Os seus pensamentos voavam para longe, as lembranças vinham à sua cabeça, em bandos, atropelando-se, querendo mostrar a sua importância. O Senhor Coutinho tentava controlar a “manada”, que disputava entre si a prioridade de ser lembrada.

Prestava atenção no trânsito. Suspirou fundo e aproveitou o sinal fechado para pôr os pensamentos em ordem e se concentrar.

Lembrou-se da adolescência, de quando era coroinha e queria ser padre para fugir da vila onde morava, de si mesmo e encontrar refúgio dentro de uma batina e de um convento, que lhe cheiravam como sinônimos de respeito e paz. Mas ele não queria se enganar e nem enganar a Deus, a quem temia.

Lembrou-se do dia em que, voltando do colégio a pé e remoendo obullying daquele dia, os seus novos pelos, as suas novas espinhas, os seus novos desejos e a sua nova voz, quando encontrou uma moça que lhe entregou um folheto e lhe disse “Deus te ama e se importa com você!” -Ele parou, suspirou e tremeu... Nunca havia sentido um impacto tão grande quanto aquela afirmativa, que respondia a tudo que ele amargurava naquele momento. Por vários dias, sentiu aquela emoção e, por várias vezes, voltou a pé tentando encontrar aquela moça, como querendo confirmar o que tinha ouvido.

O tempo passou, o Senhor Coutinho cresceu, o tempo passou, muita coisa mudou, e aquele sentimento sempre vinha visitá-lo. Em nenhum outro lugar, em nenhuma igreja, em nenhuma religião ele conseguiu se sentir tão pertencente à vida como naquele dia, naquele sol. Só nos sonhos, nos seus sonhos coloridos, conseguia chegar próximo da sensação de conforto e segurança e pertencimento que sentira naquela volta do colégio.

Ele era diferente e sabia, sabia que, para muitas pessoas, os diferentes incomodam, e essas pessoas gritavam-lhe com olhares, fazendo coro com gestos, com palavras e com ares de repulsa. Já deveria ter-se acostumado...

O Senhor Coutinho cresceu e agora estacionava o carro e olhava para os seus tesouros: um casal de gêmeos, que, todos os dias, lhe trazia de volta a certeza do seu real direito de pertencer à vida.

Pegou os guarda-chuvas, pegou o sobretudo e conferiu pela terceira vez se o pen-drive estava no bolso. Verificou se os gêmeos estavam bem arrumados e se dirigiram à igreja. Lembrou daquele “Deus te ama e se importa com você!” e entrou pelo salão.

Agora ele entrava pelo salão para realizar mais um sonho. Deixou os gêmeos com os avós, que já estavam acomodados no banco reservado a convidados, fez sinal para se comportarem e seguiu em frente dirigindo-se ao primeiro



banco, que parecia ficar cada vez mais distante na medida em que as pernas tremiam, em que o frio na barriga tomava novas proporções e o pavor de uma dor de barriga lhe vinha à cabeça. Sentiu um toque no ombro, um aperto de mão caloroso e um alívio ao ver o banco à sua frente. Ele suave.

O grupo musical terminou a primeira apresentação e, após os aplausos, o mestre de cerimônias anunciou a sua presença, chamando-o à frente.

Ele não ouviu exatamente o que mestre de cerimônias falara, mas seguiu firme até o púlpito.

Após cumprimentar a todos os presentes, ele agradeceu a Deus por aquele momento tão especial e ao pastor da igreja por tê-lo convidado e lhe confiado a Palavra de Abertura para aquela noite de comemoração.

Pegou o microfone e chamou a atenção do público lembrando do Pastor Martin Luther King Junior e que assim como naquele discurso de 1963, ele também tinha sonhos, não tão grandes como os de Martin Luther King, mas tão grandes quanto a sua vida.

Olhou para a sua mão que segurava o microfone e disse: naquele dia, o discurso do pastor Martin Luther King foi direcionado aos negros, mas pode muito bem ser aplicado às minorias, que, às vezes, dependendo da ocasião, é maioria. Olhando ainda para a sua mão esquerda lembrou que, em outros tempos, canhotos sofriam preconceito cultural, social e religioso, e eram associados à feitiçaria, obrigados e obrigando-se, por ignorância, a serem destros. Negros não podiam entrar em qualquer igreja, havia igrejas para brancos e para negros! Os surdos, que hoje estão aqui entendendo o que eu falo por meio do intérprete de Libras, eram considerados impotentes, sem alma, incapazes de pensar. Hoje têm a sua própria Língua, Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS! E não é uma linguagem é Língua!

E o Senhor Coutinho discorreu sobre as expressões preconceituosas e ofensivas que a sociedade incorpora e que em tom de brincadeiras ou não, desde sempre, contribui para o fortalecimento de uma sociedade cruel, que toma para si o hábito de consumir e construir uma comunicação violenta travestida de humor, de piadas, de brincadeiras, apoiando-se no tradicionalismo e no conservadorismo, não refletindo sobre os pesos das palavras, dos gestos, do tom de voz... fazendo feridas dentro de uma ferida já exposta.

Enquanto falava, o salão se calava, não se ouvia sons, parecia que ninguém respirava. Só olhos atentos envolvidos com as palavras, com os gestos das mãos e o som tranquilo e envolvente da voz do Senhor Coutinho. Ele lembrou que apesar de ainda existirem esses resquícios em nossos tempos, os movimentos populares estão mais organizados, criando leis, alterando leis, determinando novas regras de comportamentos, enxergando-se e enxergando o próximo como indivíduo de valor, de potência moral.

— As pessoas estão vivendo mais a cor da sua pele, a sua sexualidade, o seu gênero, a sua potência, a sua importância, o seu valor de ser, o valor de SER o SER que é!

E finalizando disse:

— A sociedade está repensando e revendo o passado com um novo raciocínio a respeito da vida, dos indivíduos e de seus coletivos. Creio que uma nova maneira de ver o mundo está sendo absorvida com base no respeito e no direito à vida de cada um com as suas características diferenças.



Disse que com grande prazer estava ali a realizar o sonho de participar efetivamente de uma igreja, sem ficar escondido no último banco e sair antes de todos, com medo ser abordado e ter medo do olhar que sempre vinha após se expressar, e deu Graças por esta Igreja Inclusiva e por haver outras mais.

O Senhor Coutinho aproveitou o momento para apresentar o seu companheiro, regente do coral da igreja, com quem vive há quinze anos, apresentou a sua mãe e os pais do seu companheiro que estavam juntos no banco reservado aos familiares. Do púlpito, mandou um beijo enorme ao seu casal de gêmeos, adotado há cinco anos, filhos dos corações de seu companheiro e dele, lembrando que, até pouco tempo, essa ideia era impensável e hoje eles são pais adotivos, companheiros reconhecidos por lei, leis essas que foram conquistadas por meio de movimentos sociais. E parafraseando Martin Luther King ele disse, olhando para a plateia:

— Eu tenho um sonho que o meu casal de gêmeos vai um dia viver em uma nação onde não serão julgados pela cor da pele e nem pela sexualidade dos seus pais, mas pelo conteúdo de seu caráter. Eu tenho um sonho hoje!

— Agradeço mais uma vez a Deus e a todos vocês e finalizo com as palavras do Salmo 129, versículos 1 e 2.

“1 Muitas vezes me angustiaram desde a minha mocidade, diga agora Israel;

2 Muitas vezes me angustiaram desde a minha mocidade, todavia não prevaleceram contra mim.”

Por isso eu repito, Deus Ama essa humanidade! E se importa com todos nós!



# Equidade simples complexa de nossos dias

*Caren Alessandra Corrêa de Queiroz*

Direito seu, dela, dele, nosso  
é de cada um e de todos  
na diferença de nossos olhos  
o respeito é o bem ao próximo.

Da criança ao adulto e ancião  
exista respeito e diálogo próspero.  
Somos diversos neste Planeta  
somos um verso e a poesia nos cobra:

a matemática soma os desiguais  
no alcance do cidadão em exercício  
para todo e cada ser vivo

caiba-nos o direito efetivo  
de alcançarmos juntos sem exceção  
comida, casa, estudo e profissão.

# A EJA e a cultura que reina

*Carla Cristina Miyachi Ferreira de Souza*

A verdade que a cultura  
Vai variar com direito a se especificar  
Cultura Popular é o tema semestral  
Tem a ver com o que tem no lugar

Na escola toda cultura se mistura  
De lugar a lugar  
Fica cada vez mais popular

O Cuscuz da Maria Aparecida  
Tem um tempero secular  
E o bordado da Anailde  
Uma história espetacular

Ensinando o Cordel  
Aguçou em mim a vontade de escrever  
Esses versos na real  
Mostrando pra você entender

Que aqui no CIEJA Rosa Kazueé assim  
Muito aprendizado pra eles e pra mim  
Não tem tempo perdido  
Tem tempo vivido  
Diferenças regionais  
Para um povo sobrevivido  
Que passa a enriquecer a cada dia  
Que passo agradecido...



# Salada de frutas

*Carlos Roberto Bortolotto*

Vivemos numa sociedade em que carregamos marcas profundas de um passado, que aos poucos desejamos esquecer, pois, conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos: “somos todos iguais perante a Lei”, ou seja, trazemos as nossas diferenças, mas, como cidadãos, somos todos iguais dentro dessa rica e maravilhosa diversidade. Além disso, os preceitos religiosos afirmam que somos “Imagem e semelhança de Deus e que somos irmãos”.

Com base na afirmação acima, por onde anda o Respeito (Legal, Religioso e Social) entre as pessoas (cidadãos)? – todos revestidos de Direitos e Deveres.

O que nos faz distorcer ensinamentos tão sagrados? A nossa falta de conhecimento? A nossa falta de entendimento? Como pode uma pessoa que se diz cidadã e cristã se contradizer em suas atitudes, de maneira tão vergonhosa?

O Respeito, fonte geradora de toda civilidade, nos traz comportamentos coerentes e cheios de critérios, argumentos e, assim, a sociedade cresce como um todo. Enquanto que, quando patinamos naquilo que é contrassenso, machucamos, ferimos e não evoluímos, enquanto sociedade pensante, crítica e diversificada.

A sociedade para crescer e evoluir, não somente em estruturas, mas também culturalmente, necessita de cidadãos que promovam a discussão de temas relevantes para todos e não somente manter-se em atitudes que desrespeitam o outro, enquanto pessoa; não considerando a maneira pela qual somos (somos aquilo que pensamos).

Uma sociedade desigual promove situações que nos constroem social e moralmente. Estamos em pleno século XXI, na era da modernidade, das evoluções científicas, tecnológicas, com projeções de turismo no espaço. No entanto, ainda não conseguimos nos tornar pessoas melhores e conscientes de que somos todos iguais e que ninguém consegue avançar sem o auxílio de todos. Ninguém é mais importante que o outro, ninguém é maior que o outro, apenas ocupamos funções diferentes.

Pensem nas frutas: banana, uva, morango, abacaxi, maçã, pera, laranja etc.; cada uma mais gostosa que a outra – são diferentes: nas formas, na cor, nos gostos, nas origens; cada uma com sua particularidade, mas quando colocadas todas juntas, quem resiste ao sabor de uma salada de frutas?

Quando seremos, então, uma enorme salada de frutas?



# O beijo conhecido

Cinthia Krayuska de Araujo



**A**cordou como de costume: com o celular gritando e mil pensamentos atormentando seu despertar. Remexeu-se na cama e pensou seriamente em não ir trabalhar naquele dia. Porém, as dívidas vieram lhe dar um “bom dia” temperado à baixa autoestima e desânimo. Como se preparar para a rotina de mais um dia a menos em sua vida?

Tomou café com bolacha murcha, vestiu-se desajeitadamente, esqueceu a carteira sem dinheiro. Andaria três quilômetros para chegar ao serviço. Colocou o fone de ouvido e pôs-se na rua. Estava frio e tinha escolhido um sapato velho e a meia errada. Havia muita coisa errada em sua vida desde que decidiu deixar tudo para trás e tentar a vida na capital.

No caminho, caminhões e ônibus geravam brisa poluída em seus itinerários diversos. Passavam muito perto, como se quisessem apressar os passos de quem andava a pé. Uma praça, um posto de gasolina, uma padaria, uma ponte. Foi só quando avistou a multidão que despertou da solidão de uma música de Jards Macalé.

O trânsito estava interditado em uma faixa. Uma viatura parada próximo ao meio-fio. Uma mulher agarrada à grade do viaduto. O corpo pendente no ar da cintura para cima olhando o rio de carros lá embaixo. Estava aos prantos e gritava algo ininteligível. O mesmo tipo de algo que gritava dentro de Lau.

— Posso falar com ela, senhor policial?

— Você a conhece?

— Sim.

Mentiu. Mas talvez não. Era o tipo de mulher que qualquer pessoa já havia cruzado na rua, na feira, no metrô. Quando Lau se aproximou devagar, a mulher encarou o horizonte com os olhos vidrados e inundados. Estava transtornada, a ponto de pular a qualquer momento ao som da multidão que se aglomerava barulhenta e sedenta por um desfecho.

— Solte essa grade, mulher. Qual seu problema?

— A vida, as dívidas, os pensamentos que me atormentam, a solidão, a falta de esperança, o abandono, o desânimo, o preconceito das pessoas...

— Eu sou você.

Não é possível dizer quanto tempo se passou naquela conversa entre duas pessoas (des)conhecidas. A multidão estava impaciente. Alguns filmavam e gritavam “pula”, outros rezavam, muitos já haviam ido embora, seguindo seus caminhos. Até que Lau se apoiou na grade, como a mulher. Conversaram um longo tempo ao pé do ouvido. Pacientemente, ela soltou as mãos e abraçou desajeitadamente Lau.

Na forma máxima de empatia, aquela que só a santidade consegue ter, Lau trocou de lugar com a mulher. Literalmente, sem querer, mas desejando. Tropeçando no sapato velho com a meia errada, desequilibrou-se e mergulhou. Não tentou se segurar. Esperou por essa oportunidade. Pensou nisso um milhão de vezes. Agora, só silêncio em sua mente.

O socorro demorou a chegar. O corpo sem vida não tinha pressa. Alguém cobriu com um papelão aquela figura que parecia beijar o chão. E, já completamente desforme da cabeça aos pés, não despertava interesse. Era apenas por curiosidade que poucas pessoas paravam. Paravam momentaneamente para ver. Paravam momentaneamente para ver e julgar. Julgavam.

Quando vieram lhe resgatar, já não havia mais ninguém ao seu lado.

— Está sem documento.

— Vai dar trabalho...

— Homem ou mulher?

Importa?



# Pluralidade

Creusa Ruiz

Durante uma viagem de metrô  
No trem sempre lotado  
No privilégio de uma poltrona  
Observo no amontoado  
As diferenças de nossa gente  
Nosso povo abençoado

Cada qual leva no rosto  
A própria composição  
Branco, preto, pardo e amarelo  
Diferenças da criação  
Sonhos, tristezas, alegrias,  
Artes, crenças ou religião

Homens, mulheres e jovens  
Papos enchem o vagão  
Mão com mão, sorriso solto,  
Afetos, carinho, união  
Homos, heteros, o que importa?  
Homofobia não cola não

Tem mulher de vestido branco,  
Turbante e colar de santo  
Alguém pregando a bíblia  
E rosário noutra canto  
Como é lindo ver a fé  
Atuando em cada ponto

Infelizmente também vejo  
No assento reservado  
Descaso e desrespeito  
Um jovem ali sentado  
Fingindo estar dormindo  
De frente ao maltratado

Levanto do privilégio  
E ofereço meu lugar  
Estamos todos cansados

Não se pode negar  
Mas com idoso ou deficiente  
É preciso cooperar

Uma moça dorme em pé  
Cansada de tanto trabalho  
Talvez esteja sonhando  
Com uma saída ou atalho  
Que a livre do pesadelo  
De viver com um paspalho

São tantas mulheres  
Nesta triste condição  
Caladas aguentam abusos  
Do companheiro e do patrão  
Ganham menos que os homens  
Realizando a mesma função

Ouçó chamando “índio”  
Apelido de alguém  
Olhos puxados, cabelos lisos  
O estereótipo se mantém  
Basta tais características  
Pra se rotular alguém

O correto é dizer indígena  
Consulte o dicionário  
Somos todos descendentes  
Do povo originário  
Reconheça sua origem  
Seja forte identitário

Chegou a estação final  
Já é hora de descer  
Levo sorriso no rosto  
E a certeza de saber  
Somos plurais e miscigenados  
Quero sempre enaltecer.

# Resistir

*Dalila Rodrigues do Amaral*

33



O machismo nosso de todo dia  
Assassina mulheres a cada esquina  
Violenta com suas palavras  
Gestos, comportamentos e amarras.  
Amordaçam suas bocas, sua vida, sua alma.  
Sentem que podem tudo  
Pois a sociedade se cala  
Mas os tempos são outros  
A vida não para  
Mudar é preciso  
E hoje eu grito, faço, aconteço, existo.  
Minhas iguais querem viver  
E com dignidade vencer  
Essa sociedade machista  
Que fala mal de feminista  
Feminista por querer igualdade?  
Sim queremos ter possibilidades  
De trabalhar, viajar, se apaixonar,  
Ler, jogar, beber, dançar.  
Sem julgamentos e medos  
Por ser mulher e querer viver  
Respirar sem ter medo de morrer.  
Ser mulher é ser resistência  
Por isso tenhamos todas, persistência.



# Uma aula, 45 minutos

*Daniela Tenorio da Silva*

Uma vez por semana, 45 minutos, 25 a 30 alunos, pouco tempo, muita gente e eu preocupada com a minha sequência didática aprendida na universidade, o sistema educacional, a burocracia, o prazo, a demanda, a correria.

Foram nesses 45 minutos de uma vez por semana que Laura, de apenas 6 anos, vem até mim e diz:

— Professora, sabia que eu não tenho pai?

A professora, toda preocupada em seus 45 minutos semanais precisa pensar tão rápido quanto a duração de sua aula:

— Ah é, Laura? - diante de tal desabafo, também quis lhe confidenciar algo:

— Sabia que eu não tenho mais pai também?

A garota lança um olhar de surpresa diante do meu relato.

— E, de quem você gosta? - pergunto à menina.

— Eu gosto da minha mãe, do meu irmão e da minha tia.

— E eles cuidam de você? Ela diz sim com a cabeça, ao mesmo tempo que dá um sorrisinho sem mostrar os dentes.

E Laura volta para sua mesa e continua a atividade junto com os demais colegas. Pouco antes do término dos 45 minutos semanais, a menina mais uma vez vem até mim e pergunta:

— Professora, o meu cabelo “tá” bonito?

Seu cabelo nos ombros, com uma parte amarrada e outra solta, digo:

— Está lindo, adorei o penteado!

Mais um sorrisinho ela deu.

E assim, dentro desses poucos 45 minutos que eu estava preocupada, nos confidenciamos. Laura com seus 6 anos e eu, aos 36.

Falamos de faltas.

Falamos de perdas.

Ninguém quis saber como se deram as faltas e as perdas.

Não importava como se deram.

Eram faltas.

Eram perdas.

Apenas escutamos uma à outra.

O adulto.

A criança.

# ¡No me gustan los frijoles!

Danilo de Goes Prado – pseudônimo: Danilo Siannys



Juan embarcou em um ônibus, que, segundo sua mãe, passaria por uma tal fronteira, rumo a uma nova terra. Muitas horas depois, foi desperto após uma longa soneca, para descer do ônibus e se comportar, pois havia chegado a hora de atravessar a esperada fronteira. O menino se imaginou na continuidade dos sonhos que vivia minutos antes. “¿Mamá, que es Frontera?” Como explicar para uma criança uma invenção tão subjetiva que pertence ao mundo dos adultos? A pergunta ficou sem resposta.

Sua mãe seguia de mãos dadas com o menino, na mesma direção que aquela pequena multidão avançava. Olhares silenciosos e papéis vincados e amarelados eram apresentados e carimbados. O menino se viu como um detetive. Sua missão, nas novas terras que iria desbravar ao fim da jornada do ônibus, era descobrir o que são as tais fronteiras. Voltaram para o ônibus e o menino seguiu na expectativa de sua descoberta, afinal, passaram por um local comum, e ele não tinha avistado tal fronteira. Na parada seguinte, após duas noites mal dormidas e bem sonhadas, Juan e sua mãe chegaram ao destino final daquela viagem. Desconfiado, acreditou que passaram pela fronteira enquanto ele dormia, já que perdeu a oportunidade de conhecer aquilo que deixava sua mãe tão aflita.

Ao pensar sobre isso, Juan imaginou que a fronteira podia ser um monstro, desses que vivem às soltas e assustam as criancinhas. Seria por isso o aperto de mão tão forte que recebeu de sua mãe no ônibus? Ele queria mesmo era voltar para a escola que estudava, mas essa já não existia mais. Queria perguntar para sua abuelita, mãe de sua mãe, se ela sabia o que era a famosa e temida fronteira. Ela sabia de tudo um pouco e contava sempre uma nova história para o menino dormir. Histórias de tempos antigos, histórias que falavam do abuelo Sol e da abuela Lua. Mas ela já estava longe demais. Sua mãe tinha pouco assunto naqueles dias. Era muito o que resolver, coisas de adulto, e ele sabia que precisava se comportar.

Alguns dias se passaram. Juan viu a Lua pela primeira vez naquela nova terra. Lembrou-se de sua abuelita e aguardou ansiosamente o primeiro dia de aula que seria na manhã seguinte. Dia de chuva. Mas para ele era como se fosse o auge do Verão. O Sol brilhava em seus olhos. Entrar em uma nova escola e conhecer os novos amigos era tudo o que ele queria. Perguntou à sua mãe se na escola tinha fronteira. A mãe respondeu com o olhar, como quem não quer assustar, e balançou a cabeça. Juan calçou os sapatos e foi junto da mãe, que segurava forte sua mão, até a nova escola. Ao se despedir no portão, seu coração disparou. Não sabia se naquele local a fronteira o ameaçaria. Queria seguir sua investigação para entender melhor o assunto e poder se proteger da ameaça iminente.

Ao chegar à sala de aula, foi recebido pela professora, que o apresentou aos colegas. Não entendia nada o que ela dizia. Um menino se aproximou de Juan e disparou um monólogo com sons enigmáticos. Ele apenas perguntava sobre a fronteira, e a resposta era sempre uma sequência de palavras, que ele escutava sem compreender. Neste momento, sua vontade era apertar as mãos de sua mãe, como fizera quando estava prestes a atravessar a tal fronteira. Mas estava só, acompanhado por tantas outras crianças, mas ninguém o entendia e não era entendido por ninguém.

O dia se passou e, diante do desafio, a professora falou pausadamente com Juan: Por que você fala tanto a palavra FRON-TEI-RA? O menino confessou: “¡Yo tengo miedo!”



Diante do olhar assustado, a professora lembrou-se no mesmo instante de Dona Justa, uma senhora colaboradora da limpeza da escola que viera anos atrás das mesmas terras de Juan e pediu sua presença ali. Dona Justa, amada naquela comunidade escolar, prontamente chegou e, ao se deparar com Juan, o abraçou. Olhos nos olhos, e o menino apenas repetia sobre seu medo da fronteira. Aquela senhora lhe explicou que fronteira é uma invenção, uma ilusão e só existe para quem acredita nela. Que a fronteira divide, separa e deixa as pessoas distantes umas das outras. Ainda meio que sem entender, mas com as feridas curadas por aquele abraço e pela conversa em sua língua materna, tomou um susto com um barulhão. Era o sinal do almoço.

*"Vai começar/a brincadeira/da comida/brasileira/só bate palma/se for comida: Arroz/Feijão/batata..."*

Ele seguiu a fila, com crianças que cantarolavam nomes de alimentos. Alguns ele conhecia, outros não fazia ideia do que eram. Era a sua vez de pegar o prato. Por um instante, lembrou-se do tempero de sua abuelita e da felicidade de sentar-se à mesa e partilhar a refeição. Mas sentiu medo de não gostar do que estava no prato. Seu coração mais uma vez apertou. Será que ali era uma fronteira? Será que ali existia a ilusão de separar-se das outras pessoas? Ele só queria mesmo era almoçar.

Desesperado ao ver algo no prato que não gostava, gritou:

*"¡No me gustan los frijoles! ¡No me gustan los frijoles!"*

A tia da merenda, atenta ao desespero do menino, sem entender seu pedido, apontou para cada item do prato perguntando: *frijoles?*

Ao apontar para o arroz: *No.*

As batatas: *No.*

Mostrou a carne: *No.*

Apontou para o feijão: *¡Sí!*

Ela sinalizou para ele esperar. Um belo prato sem os tais frijoles foi preparado. O menino saboreou aquela iguaria e pôde sentir o afeto em forma de alimento.

Sua mãe já o aguardava no portão. Um sorriso que fazia dias que não aparecia alvoreceu, seguido de um abraço apertado e aconchegante como uma noite de luar. Perguntou-lhe como foi seu primeiro dia na nova escola. O menino, orgulhoso de ter cumprido sua primeira missão em novas terras, apenas respondeu: *"¡aquí no hay fronteras, mamá!"*

# Seja mais amor no peito, seja respeito!

*Denise Souza da Rocha Franco*

37



Cada ser é só um  
Tu és raro, não é nada comum  
Bom que sejamos diferentes  
Que sejamos um!

Mas sabe o que é melhor?  
Ser diferente e não indiferente  
Amar com mais amor sem ser perfeito  
Mas ter respeito!

Amar o difícil  
Amar o que não é igual  
Compreender e tolerar  
Que o lado certo é amar!

O melhor disso é a maravilhosa chance que temos  
De um com o outro aprendermos  
Que as diferenças só sirvam para aproximar  
Por isso, fomos criados para AMAR!



# Em terra de cego quem tem abraço vê

*Deusdete Cassio de Jesus – pseudônimo: Cássio de Jesus*

**E**le estava lá, num silêncio só seu... Abriu a janela e absorveu a vida com o cheiro dos vestígios da noite - sono e névoa fria.

O som da chaleira apitando no cômodo ao lado, passos lentos andando pela casa... Era a manhã amanhecendo: cheirinho do café e do pão dormido na frigideira inundava a casa. Vagarosamente ele espantou as migalhas da noite enquanto alguém vem em sua direção. Reconhece aquele perfume, reconhece aquela mão quentinha que, suavemente, lhe acaricia o rosto:

— Bom dia, vovó. Eu te amo.

O rádio ligado e aquela voz gritando sem parar:

— Joga água nele, comadre. Vem mimosa, vem, vem... É o Zé Bétio...

O riso vinha fácil e riam juntos.

Com seu crochê nas mãos, linha entre os dedos, uma agulha que não parava de dançar e a voz tranquila da vovó contando:

— Dois pontos altos, um ponto baixo, cinco pontos altos, duas correntinhas...

Foi assim que o menino aprendeu que nuvem é macia como algodão doce, que o céu de outono é como colo de vó, que o arco-íris é ciranda de criança, que estrelas e vaga-lumes são como dias de festa quando todos alegram na dança no meio salão.

Desde a tenra idade, os sons, os cheiros e os toques não param de ensinar o menino sobre o viver: chuveiro ligado, o ferro deslizando sobre a roupa, o cachorro latindo, leite derramado no fogão e a voz dela segura e protetora:

— Vai se trocar, Dona Laura está chegando... Bip Biiiiip

Era ela, a perueira, Dona Laura.

Um leve cheiro de óleo da velha rural - era assim que chamava seu transporte escolar.

Aos poucos, de parada em parada, estavam todos ali...

O menino entendeu o que sua amada avó dizia:

— Não faça algazarra! (palavra bonita essa algazarra!)

Um apito estridente se espalha pelo ar... O menino quer correr, tem medo, mas aquele homem o pega pela mão, cuida, protege guia e correm juntos. Estão cansados, ofegantes e quentes.

A cada acordar, a vida ocupava seu lugar e rompia com seus cheiros e sons cada espaço dos silêncios... O menino aprendia a cada dia que pra enxergar é preciso aprender a ver.



# Prática antiga, hoje inadmissível!

Edna Maria Aparecida de Andrade Cerqueira



Bullying,  
prática antiga, hoje inadmissível!

Quantos apelidos,  
quanta maldade, hostilidade sem fim...  
com colegas e familiares  
e também dirigidos a mim.

Bullying,  
Prática antiga, hoje inadmissível!

Magrela, pau-de-virar-tripa  
Gordinho, pudim...  
Cabelo de palha, bombril  
Careca, amendoim.

Bullying,  
Prática antiga, hoje inadmissível!

Quem suporta ser chamada de Mônica,  
Menina dentuça e briguenta,  
Que Cebolinha não aguenta,  
numa relação desarmônica.

Hoje, o que os colegas fariam?  
Mônica... qual o motivo do apelido?  
Mania de meninos, não percebem que isso não é  
permitido?  
Que graça tem ver a colega chorando, que rumo  
tomariam?

Quem sabe, hoje, repensariam atitudes  
Quem sabe, hoje, fariam diferente  
Quem sabe, hoje, preferissem a colega sorridente  
Quem sabe, hoje, seriam menos rudes!

Bullying,  
Prática antiga, hoje inadmissível!

Aos alunos de hoje que colocam apelidos ainda, mas  
que após essa publicação, repensarão atitudes. Estamos  
juntas para dar um BASTA.

*Homenagem a uma aluna especialmente  
linda, que recebeu esse apelido e chorou muito,  
mas que, após acolhida percebeu-se capaz de  
lidar com tal situação. Entretanto, atualmente  
repensou, avaliou e fez questão de dizer: "Eu não  
aceito". Coragem é tudo nessa vida! Parabéns,  
querida! Vamos à luta por você, por todas!*



# E agora Maria?

*Egle Anny dos Santos*

E agora, Maria?  
Você pode falar  
E alguém vai ouvir?  
O mundo mudou  
Mas não tanto assim  
Você que sempre acreditou  
Que tanto lutou  
Mas agora vê na verdade  
que ninguém ligou.  
E agora, Maria?  
E agora, você?  
Que acredita no amor  
E apanha sem entender.  
Que vê com dor que nesta vida  
realmente tem poder.  
E agora, Maria?  
Com medo do homem?  
Com medo de amar?  
Com medo de ser tocada  
Com medo de tocar?  
Que anda pelas ruas  
olhando para o lado.  
Com medo de andar?  
Com medo de falar?  
E falar para quem?  
Com medo de virar piada.  
Com medo de falarem de você.  
Com medo de amar.  
Com medo de viver  
Com medo de colocar uma roupa.  
Com medo de simplesmente ser você  
E agora, Maria?  
Está louca?  
E agora, Maria?  
E agora, mulher?

*Esse poema pertence ao projeto teatral "E agora Maria?"; da Cia Drómos de teatro onde sou uma das fundadoras. Esse projeto traz temas sempre relacionados a essa sociedade patriarcal que ainda domina nossas decisões e até nossa vida.*

# Acreditar

*Elaine Santos Nascimento Leite*

41



Muitos dizem ser legal não ser igual  
Que a diversidade é fundamental  
O bonito dessa vida é cada um do seu jeito, e tal...

Liberdade e respeito  
para escolher política e religião,  
time de futebol e profissão  
Ah, como é bom ser quem se quer...

Mas quando se trata de direitos e deveres,  
será que a igualdade é vista assim?  
As oportunidades são iguais para você e para mim?

Brancos, negros, indígenas, migrantes...  
Os mesmos direitos os garantem?  
Os mesmos deveres os esperam?  
Crescemos juntos como iguais?  
Nossos sonhos se tornam reais?

Hoje, essas coisas não posso afirmar,  
mas ainda assim prefiro acreditar  
que a igualdade de direitos e o respeito às diferenças  
um dia possam reinar!



# No meu mundo

*Elaine Silva de Lima*

**N**o meu mundo não toleramos as invasões, é inadmissível pular as janelas. Meu mundo tem portas e sempre estão fechadas com chaves, e todas as portas de acesso têm um segredo. Se não tiver as chaves e não souber o segredo da fechadura, não adianta insistir e nem pense em arrombar a porta. A chave é estar aberto a novos conhecimentos, o segredo da fechadura é o respeito, alicerce para qualquer tipo de relacionamento.

No meu mundo não permitimos a entrada de bagagens, e nem “réguas humanas”, não entram as caixas de que somos todos iguais.

O que nos torna humanos é sabermos respeitar as diferenças existentes entre nós. Quando fazemos isso, elas se tornam elos que nos unem, ao invés de serem muros que nos separam.

O mundo seria sem graça se todo mundo fosse exatamente igual, as diferenças nos tornam únicos.

Aqui só permitimos a entrada da “Sacola da humanidade”, nela deve conter: empatia, gentileza, alegria, amor, bom humor e um coração livre de estereótipos de criança perfeita.

Quando entrar, por favor, não entre gritando e fazendo barulho, não corra para me agarrar, não me toque sem que eu lhe dê permissão.

Seja paciente e aguarde o meu sinal.

No meu mundo, a comunicação é do meu jeito, ora verbal, ora não verbal. Você precisa me estudar para me entender, não tente jogar sobre mim todas as suas teorias.

Pare, observe e me estude!

A ordem no meu mundo é diferente, não toque nos brinquedos se eu não lhe convidar, esteja por perto enquanto brinco, pois posso precisar das suas mãos.

A liberdade é o carro chefe do meu mundo, gosto de me sentir livre, quero o mundo todo para explorar da minha forma, no meu tempo e do meu jeito peculiar.

Tenho algumas preferências, sou focado em alguns brinquedos e, quando gosto, eu gosto para valer.

O vai e vem do balanço causa em mim uma sensação tão boa, posso morar lá e tudo bem. As rodas dos carrinhos são meu foco, fico observando horas e horas, essa é minha forma de ser e viver nesse mundo.

Já vou avisando que muitas coisas exigidas no “outro mundo” eu não sei fazer, mas, por favor, olhe para o que eu sei fazer. Garanto que tenho muitas qualidades, só não as compare. Apenas as contemple!

Esse é o meu mundo, as regras são para que eu possa viver bem e para que eu continue feliz do jeito que eu sou.

Não tente mudar a minha ordem, não tente mudar quem eu sou, não posso fugir da minha essência, assim como você não pode fugir da sua.

Esse é o meu mundo, as regras são para que eu possa viver bem e para que eu continue feliz sendo simplesmente eu. No final das contas, cada um de nós tem “pequenos mundos particulares”.

# Lembrança de Antônia

*Elaine Valeria de Camargo*



Eu hoje remexendo  
Em uns papéis pra arrumar,  
Encontrei um caderninho  
E comecei a chorar.  
Não era nenhum diário,  
Nenhum livro a publicar,  
Era somente um caderno  
Que usei para estudar.

Esse caderninho simples  
Que não tem nem importância  
Avivou em minha memória  
Os meus tempos de infância.  
E me fez lembrar de Antônia,  
Que em certa circunstância,  
Mudou sua própria história  
Saindo da ignorância.

Antônia era uma mocinha  
De dezoito anos de idade.  
Morava no interiorzão,  
Mas também ia à cidade.  
Trabalhava o dia inteiro –  
Havia necessidade.  
Era assim que ela passava  
Seus dias de mocidade.

Numa das vezes que foi  
Fazer compras na cidade,  
Reparou em muitas moças  
Que tinham sua mesma idade  
Vestidas com uniformes  
(Pra Antônia, novidade),  
Caminhando todas juntas  
Até a igreja da cidade.

Antônia pergunta às moças  
Se elas vão se confessar  
E então uma responde:  
“Não, nós vamos estudar!  
Numa sala ali montada  
A gente vai escutar  
A aula da professora  
Que já já vai começar”

Antônia então pergunta  
Com grande admiração  
“Então, você saber ler,  
Escrever, fazer lição?”  
“Sim”, responde a mocinha,  
Com muita educação –  
“Em breve nos formaremos  
E teremos profissão”.

Antônia meio sem jeito  
Perguntou então enfim:  
“Será que eu também posso?  
Haverá vaga pra mim?”  
“Converse com a professora,  
Talvez haja uma sim!”  
E foi o que Antônia fez,  
Decidida até o fim.

Lembro-me que Antônia  
Era uma moça esperta.  
Pra todas suas perguntas,  
Havia resposta certa.  
Descobriu que no tal grupo  
Tinha uma vaga aberta.  
Voltou pra casa, pra roça,  
Com esperança desperta.



O pai e a mãe de Antônia  
Deram um sorriso tristonho:  
Sabiam que aquelas aulas  
Representavam um sonho –  
Um sonho que não viveram,  
No seu mundo enfadonho –  
Mas que a filha ia viver  
Com o semblante risonho!

Foi com muito sacrifício  
Que Antônia estudou!  
O caminho do alfabeto  
Com dureza ela trilhou.  
Numerais e seus segredos  
A mocinha desvendou.  
Mesmo com dificuldades,  
Ela se alfabetizou!

Fascinada com o estudo  
Que tocou seu coração,  
Antônia, um belo dia,  
Tomou uma decisão:  
Montar uma escola simples,  
Trabalhar com educação;  
Ensinar aquela gente  
Com sua própria lição.

E foi assim que a mocinha  
Mudou aquele lugar!  
E com muita paciência  
Começou a trabalhar:  
Ensinava a gente humilde  
A escrever e a contar  
E explicava pra todos  
A importância de estudar.

Antônia, moça guerreira,  
Deixo minha gratidão  
Por toda a sua coragem  
Por sua dedicação  
Aos meninos que como eu  
Esperavam sua lição  
Como as deste caderninho  
Que agora tenho na mão.

Recordo que se não fosse  
Por Antônia, de alma boa,  
Eu jamais escreveria  
Versos sobre sua pessoa  
E também jamais leria!  
Viveria a vida à toa!  
Espero, Antônia querida,  
Que o bom Deus a abençoe!

# Poema de liberdade

*Elen de Lucas Rodrigues*



Em dia de verão, veio a conclusão:  
Foi paralisia cerebral,  
Aconteceu quando nasceu.  
Naquele momento, abriu-se o chão.

O medo tomou conta de nós.  
Um nome tão pesado,  
Trouxe para a família  
Todo o temor do passado.

Um novo recomeço.  
Nova maneira de pensar  
Vamos atrás das terapias  
Jamais desistir de tentar.

O tempo foi passando  
Tudo se ajeitando  
Aquele medo tenebroso  
Deu lugar a algo muito gostoso:  
Saber que as diferenças  
Não podem nos fazer desistir

Foi então que eu entendi  
De saber que você  
Poderia sofrer  
Por ignorância e preconceito  
Me deu um aperto no peito.

Então nós aprendermos  
Que não devemos ter medo  
Mostrar para todo mundo  
Que isso não é um defeito

Tu vais crescer  
Forte e determinado  
Saber que tudo isso  
É apenas parte  
De todo seu reinado.

Voa, meu filho  
O mundo é seu  
Sonhe, faça e realize  
Seja o que quiser ser  
E saiba que por aqui  
Estaremos torcendo por você.



# Das fundações

*Eliane de Jesus Santos Martins*

Filha de nordestinos,  
baianos,  
migrantes,  
ocupantes da região onde nasci.

Não me olhe estranho, não me discrimine,  
pois esse lugar eu ajudei a construir.  
Os meus levantaram essa cidade.  
Sinto dentro de mim o chamado das profundezas,  
dos pilares, das fundações.

Tenho orgulho do sotaque,  
da garra,  
coragem  
dos meus ancestrais.

Continuo migrando, ocupando espaços,  
me espalhando e conquistando o território  
pra todos que ainda vão chegar,  
pros que estão por aqui  
sem ninguém enxergar.

À margem,  
nas periferias,  
nas comunidades,  
nas avenidas,  
nas ruas,  
nos becos,  
nas estradas,  
em mim.



# Receita de sonho de igualdade

*Eliane Nadejda Pincov*



## Ingredientes:

2 kg e ½ de humanidade  
4 copos bem cheios de amorosidade  
12 colheres de sopa transbordando de sorriso no rosto  
5 xícaras de chá de calor humano  
900 gr bem pesado de solidariedade  
6 tabletes repletos de liberdade  
7 litros generosos de empatia  
1 pitada a gosto de sensibilidade

## Modo de preparo:

Leve em fogo brando todos os ingredientes na panela da consciência. Misture todos eles sempre com muito respeito às diferenças e sem bater com violência. Ao acrescentar a liberdade, descarte a repressão e a opressão que a sufocam. Vá mexendo os ingredientes até envolver, aquecer e enobrecer o coração, a alma e o espírito. Assim que ferver, coloque em fogo alto e junte também a dignidade, os valores e a fé na humanidade. Em seguida, estenda sua mão ao próximo, aceitando a pessoa como é e seja muito gentil. Sirva este doce com um sorriso no rosto, os braços bem abertos e aproveite o tempo para dar um longo e afetuoso abraço em seu semelhante.”

*Rendimento:* todos envolvidos numa cultura de paz

*Validade:* por toda a vida



# Apenas um borrão... Névoa sem contorno!

Elisabete Rabello Machado Brandão – pseudônimo: Liz Rabello

*“Que olhos bonitos que você tem”. Ela me disse quando tirei os óculos. E naquele instante seu rosto era o borrão mais lindo que eu já vi...!”*

Leonardo Brasiliense, in Angústias da Juventude

**E**stava correndo como sempre. Salão de beleza, cabelos arrumados, compras, levar o carro para o posto, encher o tanque de combustível, para mais tarde realizar minha viagem de costume para a chácara. Gosto de cuidar de minha aparência física, mas a mente e o coração devem estar em sintonia com memórias boas, costuradas ao sabor da imaginação e do encanto. Quero que minha vida seja repleta de atos e pensamentos bons, que transmitam aos jovens a certeza de que podemos modificar algo que nos faz sofrer! Ela me acenou a mão de longe. Chamou minha atenção com um sorriso farto, feliz! Uma linda mulher! Parecia-me familiar o brilho dos olhos, algo escondido naquele semblante que me transportava ao passado! “Sabe quem sou, professora?” – Não, não sabia de quem se tratava. Abraçou-me. “Fui sua aluna na terceira série, muito magrinha, cabelos black power, óculos de fundo de garrafa, míope. Sou a Josy.” Contou-me que passara por uma cirurgia recentemente e que ao se ver refletida no espelho pela primeira vez, sem os óculos, só se lembrou de mim e de minhas palavras guardadas na memória como um ato de fé e de esperança no futuro. Imediatamente, sorri! Vieram à tona todos os sentimentos bons que nos uniu, naqueles tempos inesquecíveis! Travestido de palavras novas, o bullying sempre existiu. Adolescentes são muito cruéis e não deixam escapar nada para ferir amiguinhos indefesos. Era assim com Josy. Rostinho de contornos marcantes, bem idealizados por Deus, sorriso doce, inteligência farta, tudo escondido por trás daqueles imensos óculos de lentes grossas! Um dia, voltando de uma de suas tarefas de monitora da sala de aula, sofreu com gozações e palavras impiedosas dos coleguinhas de classe. Não tive dúvidas. Ela estava na frente deles, junto a mim. Eu lhe pedi que os olhasse bem, um a um, e me dissesse o que via. Ela balbuciou palavras entrecortadas de elogios, dizendo que só conseguia enxergar pessoas lindas. Ao mesmo tempo que a classe lhe dizia que ela não era tão bonita assim com aqueles óculos. Pedi licença e o tirei para todos verem como Josy era bela! Só que então quem passava a ser apenas um borrão enevoadado eram os amiguinhos que ela anteriormente elogiara. “Estão vendo, crianças, para Josy ficar linda aos seus olhos, vocês viraram névoa sem contorno aos olhos dela. Existirá o dia em que ela vai fazer uma cirurgia e poderá vê-los e ser vista por vocês, tais como todos são: lindos!”

# O que pulsa a América Latina?

*Emilene Gutierrez de Campos*



Há um mistério. Há uma força. Há uma perversão.

Uma vez caminhando feito peregrina, ela avistou um monte. O monte se aproximou e virou montanha. A montanha, que era continuidade do chão, era também o encontro da terra com o céu. Era o beijo dela no kosmos. Era forte, G I G A N T E S C A e acompanhava o caminho. O caminho era constante e a montanha acompanhava o caminho, em silêncio. Era impassível, firme e monstruosamente P R E S E N T E. Ela corria descalça com a montanha, e a montanha sempre estava lá. A montanha escondia algo sobre ela.

Zona sísmica, abalo

chamava,  
queimava,  
seduzia,  
gritava,  
meditava,  
gargalhava,  
rebolava até o chão,  
guerreava,  
chorava,  
brincava,  
dançava,  
matava.

Era eixo. Um acordo de paz.

**E** escrevo-me para que minhas palavras ganhem corpo ao ponto de serem como emplastos curativos; que cada letra seja como gota de cura, lágrima ressignificada e acesso à ancestralidade.

Esse relato vem sendo construído há anos, em muitas sessões de terapia e movimentos ora crescentes, ora como abismo. Não é fácil esse encontro, mas é tão necessário como o ar que respiro, por isso, mesmo sendo custoso, vale a pena!

Dos 43 anos de vida que me compõem, poucos identifico como sendo eu mesma. Digo isso porque o processo de conscientização da minha identidade passou por fases que incluíram a reprodução, a ausência de sentido e o reconhecimento.

Apesar de minha pele não ser retinta, mas meus cabelos, meu corpo e minha essência sabem bem de onde vim.

Fui gerada a partir de uma escolha de minha mãe que já desejava uma filha de “cabelos bons”; mesmo sendo ela “a mais preta da família”.

Meu pai, branco, filho de portugueses, foi o escolhido para “clarear” os descendentes e, sinceramente, isso não foi um problema pra mim por muitos anos, mesmo perdendo horas alisando cabelo, mesmo sendo despercebida em lojas, tendo uma sensação de estranheza em alguns lugares em que não tinha nenhuma referência.

Isso não foi um problema... até não conseguir me encaixar mais.

Lembro até hoje, quando, como adulta e professora numa escola, senti o preconceito nítido, escancarado. Fiquei paralisada. Senti um oco no estômago que me emudeceu. Demorei muito pra entender, mas ali, diante de mim, e sem nenhum receio, o racismo se mostrou. Veio como uma frase de “brincadeira” que me atravessou como lâmina bem afiada. Demorei pra entender, senti meu cérebro amortecido, o corpo tonto, as ideias perdidas, como se, naquele momento, se criasse uma armadura de proteção cheia de vãos que, por mais eu quisesse encontrar abrigo, só restava a exposição.

Desde então, o que era um ensaio de vida deixou de existir, e uma reconexão profunda começou a se reestruturar dentro de mim.

O silêncio começou a ser nomeado, comecei a acariciar meus cachos, tentando entender como eles se comportavam, do que gostavam. Fui criando intimidade comigo mesma, me autodeclarando negra e constituindo novas formas de estar no mundo. Aprendi que, quando se trata de construção da identidade, não há como caminhar sem deixar o não-mais-eu para trás, e essa despedida nos tira da ilusão, do meio do muro, do lugar idealizado.

O processo é longo, às vezes lento, mas persistente e contínuo.

Percebo que a interseccionalidade me atravessa de maneira cortante, a diferença é que essa lâmina também cauteriza, e é justamente olhando pra essas dores que pouco a pouco vou ganhando força e mais vontade de viver.

Hoje demoro-me com quem estou descobrindo ser, acaricio meus cachos, o vermelho do batom marca o anúncio de palavras encorpadas e percebo o quanto essa liberdade me fortalece.

Ouvir-me é como um bálsamo, um colo acolhedor que me dou, que revigora a esperança, colo que, de certa forma, me foi tirado pela dor da exclusão, porque minha mãe, até hoje, não consegue acarinhar meus cabelos sem pedir que eu faça uma “touca” para deixá-los mais lisos.

Percebo que, em meu processo de reconexão com o sagrado feminino ancestral se fortalece numa egrégora de amor, de perdão, de muitas mulheres que vão me fortalecendo, diariamente!

À medida que caminho para dentro, dou espaço para o olhar externo, vou tateando novos lugares, despertando sentidos, sentindo meu corpo transfigurar-se e reconectar-se com uma nova história até então não contada, mas que agora, pode ser ouvida.

*Ester Marques de Paula Dionísio*

**“Igualdade de direitos e respeito às diferença de pessoas, reconstituindo suas identidades.”**

**IGUALDADE E EQUIDADE**

**NOSSOS GRITOS!**

IGUALDADEEEEE!!!

A ausência de diferença

Marca a igualdade.

As mesmas condições?

Os mesmos valores?

Um único ponto de vista?

Oh! Igualdade!

Oh! Igualdade, a comparação entre coisas?

Não.

Pessoas!!!

A igualdade, conceito de uniformidade?

Um padrão?

Oh! Igualdade.

A igualdade na justiça parte d’um cenário em que todos os sujeitos, de uma determinada Pátria, são submetidos às mesmas leis que governam um país, subordinados aos mesmos direitos e deveres.

Oh!!! IGUALDADEEEEE!

Eita, Igualdade do/no Brasil?

Está lá, na Constituição Federal!

Princípio da igualdade.

E... que diz que todos são iguais perante a lei.

E... ainda ...

Oh! Igualdade!!!

Na Constituição, incluídas as políticas públicas de redução da desigualdade social e erradicação da pobreza.

Oh! Igualdade!

Oh! Aquilo, aquilo que é igual, semelhante, né?

Igualdade!

Liberdade!

Fraternidade!

Nossos gritos, para a construção de uma sociedade “justa” com zero preconceitos e discriminações.

Igualdade, em todas as constituições humanas, sejam elas: de gênero, credos, sexual, étnicas, social...

Oh! Igualdade  
 Falo, Raça humana?!?!?  
 Oh! igualdade racial!  
 Gritos nossos...  
 Privilégios de poucos? Muitos? De quase nenhum?  
 Lutas, mobilização, avanços,  
 Revolução nossa.  
 Revolução para as reflexões e aprendizados Antirracistas, letramento racial, racismo estrutural, racismo ambiental...

Oh! Igualdade  
 Na cultura escrita, nos processos de ensino e aprendizagem, na competência leitora, vulnerabilidades tantas...

Oh! Igualdade!  
 Dos/nos movimentos inclusivos, menos excludentes, pessoa com deficiência, o capacitismo, as minorias, as mulheres, os idosos, as crianças, os bebês, os núcleos familiares diversos...  
 Oh! Igualdade das contraversões sociais.

Nossos gritos!!!  
 IGUALDADEEEEE?????!  
 Cadê você, IGUALDADE?????!  
 EQUIDADEEEEE?????!  
 Cadê você, EQUIDADE?????!  
 (...) Estamos por aqui e por ali...  
 Nos corpos e mentes de cidadãos constituintes de sede, garra, gritos e acenos para o seus/nossos movimentos identitários.

# Igualdade invisível

Eva Vilma Cavalcante Almeida



1

Do alto de um edifício na Av. Paulista.  
Em pleno sábado  
A vista é linda  
Vejo a cidade  
A DiverCidade  
Mas não enxergo  
A igualdade  
A equidade  
há dentro de mim um desejo  
De ver o progresso da humanidade  
Onde o respeito às diferenças  
E a igualdade de direitos  
Perdurem até a eternidade.

2

Noite fria  
Corpos gelados  
Quanta agonia  
É o que vejo na escadaria  
No centro de uma metrópole  
Quanta hipocrisia  
Foi apenas um passeio  
Um certo dia

\*3..

Uma criança  
O olhar da criança  
Olhando na calçada  
Seres humanos  
Com fome  
Sem teto  
Queres um lanche ?  
Disse a criança  
O sim veio imediato  
Queres ouvir uma poesia ??  
Afinal somos poetas  
Naquele momento, os ouvidos aguçados  
Por um trecho de um poema  
O moço disse:  
“Achei que fosse invisível para o mundo  
Mas agora vejo que alguém me viu  
Mesmo sendo uma criança  
Vejo que o mundo terá jeito  
Pelo o olhar desta criança”

*\*Relato de vivência com a AEL*



# Biografia

*Fabio dos Santos Pinheiro*

**T**odos os dias um buraco no peito de uma bala perdida, extraviada dentro de mim, de tantos que me atiraram. Quando eu era criança, lançaram-me o primeiro tiro: pediram-me para falar direito. Dois problemas eu tive com isso, o de errar as palavras e o de ter em mim uma voz que não engrossava nunca. Isso me fez calar-me para sempre. Escolhia os lugares que podia falar, que no fim das contas era lugar nenhum. Queria ser sem voz. Ficar mudo. Mas existia o segundo tiro: pediam-me para eu agir como homem, andar corretamente, mudar os gestos, os interesses e os assuntos. Contra isso nada adiantava ser sem voz, só morrer. O terceiro tiro era sobre o que em mim se sobressaía fisicamente, o nariz largo, as orelhas grandes e o cabelo que não podia deixar crescer porque não era liso de verdade. Só me restava adequar-me aos padrões de um mundo branco. Por isso aceitava a alcunha de “moreninho”, achava o máximo um topete no cabelo e tinha sempre um amigo branco para me espelhar. Quantas vezes tentaram me matar?



# Ser mulher!

*Fernanda Depizzol*



**S**er mulher é vencer a cada dia uma nova etapa, é estar todos os dias preparada para uma batalha, seja física, emocional, profissional ou pessoal.

Eu acordo, me preparo e digo: Vamos à luta!

Como professora e formadora de professores, vou em busca de uma educação pública de qualidade com muita seriedade, considerando todos os direitos das pessoas envolvidas, sejam estudantes, professores ou comunidades.

Como esposa, filha e irmã, venço todos os dias os desafios da convivência, do compartilhamento, priorizando sempre a troca de amor e respeito entre a família.

Como mulher na sociedade, estou na luta por equidade de gênero, trabalhando para divulgação e incentivo da mulher na ciência, além de apoiar todas as meninas e mulheres em suas escolhas, orientações e opções “ninguém solta a mão de ninguém”.

Para você, que se identifica como Mulher, empodere-se e persista por uma vida mais justa e digna. Conte comigo!

**M**inha infância teve um colorido compatível com as minhas recordações, um vermelho de terra que grudava na pele e nem mesmo banho de mangueira conseguia tirar. Amarelinha é autoexplicativa, pois, naquele cenário, cacos estavam por toda parte e como os quintais ainda não haviam sido concretados, a terra vermelha com a amarelinha desenhada convidava a todos, como uma deliciosa laranjada na hora do lanche.

Nós nos reuníamos nas ruas, ainda sem saneamento básico, para as atividades mais diversas entre bolas, pega-pega, guerra de mamona e pipas, nossos sonhos eram tecidos de forma imperceptível. Foi numa dessas brincadeiras que recebi um incrível convite: uma apresentação na escola da minha melhor amiga.

Sinto este dia em mim constantemente, foi quando percebi que os meus amigos que subiam em árvores comigo com tanta agilidade precisavam estudar em outra cidade, numa escola em que eu não era aceita, pois ali eu era diferente.

Conversavam todos manuseando o ar num belo balé de gestos, olhei curiosa por não entender nada daquela comunicação que mais tarde saberia que era Linguagem Brasileira de Sinais. O mais espetacular aconteceu durante a apresentação, um tablado de madeira sobre caixas de som que vibravam em jovens de pés descalços que liam o ritmo dançante que embalou a todos.

Essa foi a única experiência que tive na escola dos meus amigos, mas desde aquele dia percebi que a troca de experiência seria o melhor caminho e, como a única separação entre as nossas casas era um hibisco rosa que nossos corpinhos de oito anos moldavam a cada escapada de casa sem aviso prévio à mãe, nada pôde nos impedir de tornar realidade viver experiências que não tive enquanto aluna, mas teria para sempre como professora.

# Menino sem CEP

*Fernando José Ribeiro dos Santos*



Mais um dia no bairro de Perus. Quarta-feira pela manhã era sagrado, iria ter um momento de esperança. A biblioteca de Perus abriria um pouco mais tarde e eu já carregava em meu bolso dois documentos fundamentais: o RG que me garantia que, ao ser barrado por algum policial, não apanharia ou seria levado até o DP. O outro era o passaporte para viver um sonho que, em muitas ocasiões, para ter esse momento, tive que não levar em conta o que os colegas marreiros diziam: “Desista moleque, bora marretar no trem. Tá sendo metido querendo estar no lugar de branco e playboy”. Era minha carteirinha da biblioteca que me dava acesso aos computadores e que, todas às quartas-feiras, eu preenchia um cadastro online para uma vaga de estágio como designer gráfico em agências de publicidade e marketing digital. Já sabia a sequência de cor. Nome: Jonathan Ferreira da Silva, Idade: 18 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo. Cursos: Informática e Arte digital. Cor: Preta. Depois vinha o momento mais tenso e doloroso de minha vida: o preenchimento do campo CEP. Três letras que para muitos seria apenas um código de endereçamento postal, mas que para mim era a dura realidade de um jovem preto e periférico que morava num barraco de madeira com tijolos apenas numa parte e forrado com plásticos e com dois colchões. A “móvel” toda fora encontrada no lixo ou doadas por pessoas que ajudavam a gente em troca de fotos para postar em redes sociais a sua imagem de pessoa caridosa. Não tinha um CEP. Nosso barraco é de frente para o rio que, em época de chuvas fortes, transborda e temos que correr com os colchões na cabeça para a casa do “seu Tinoco”, um senhor que tinha uma casa pequena, mas que ainda era bem localizada e não sofria com enchentes nem desmoronamento. Era uma espécie de avô para nós. Sim, nós três: eu que era considerado o homem da casa, minha mãe que tinha trabalhado a vida inteira como empregada doméstica, mas que, por causa de uma trombose, não conseguiu nenhum bico e tenta até hoje um benefício social, e meu irmão mais novo, Maicon, de catorze anos, que tem profunda admiração por mim e que torce para que eu consiga um emprego.

O Maicon quer vender balas comigo no trem. Nunca deixei. Quero do fundo do meu coração que ele não tome as pancadas que tomei da vida e da polícia pelo simples fato de ser preto. Quero que ele estude e ajude minha mãe. Tomei o lugar do pai que nunca conhecemos. Meu genitor nos abandonou quando eu tinha quatro anos e meu irmão era recém-nascido. Covarde. Não quero ser informado mais uma vez que minha mãe saiu fugida dele para não morrer. No início da minha adolescência, minha mãe me disse que ele “morreu do coração” e ela não estava errada: quando eu tinha seis anos e meu irmão dois, meu pai tomou uma bala no peito. O coração de carne dele e não pedra como pensei, parou de bater.

Mas vamos ao preenchimento da minha “carta de esperança”, naquela quarta-feira de novembro, depois de milhares de preenchimento de cadastros na internet e de receber as mesmas respostas automáticas do tipo: “Obrigado por entrar em contato com nossa empresa” ou outras frases frias. Tomei uma decisão: decidi digitar um CEP diferente. Os das ruas de Perus ou outras regiões periféricas já estavam batidos. Mudei a estratégia. Pesquisei um lugar bacana no centro de São Paulo e troquei o preenchimento do cadastro. Mas só isso não bastaria. Troquei o campo cor Preta por cor Branca. E fui almoçar no Bom Prato que fica em frente à Biblioteca. O Marcos, um super parceiro que trabalha no telecentro, me deu um real para o almoço, assim economizava para levar no fim da tarde algo para mim, minha mãe e o Maicon comermos.

Levei o maior susto! O barba, dono do boteco, e que tinha um telefone que eu colocava nas “cartas de esperança”, queria falar comigo. Disse que o Marcos ligou e que eu tinha uma entrevista de estágio para mim de “num sei que lá gráfico” e me

passou o endereço. Ficava na Avenida Paulista. Suei frio e corri pra contar para minha mãe e para o Maicon. O Marcos me deu o dinheiro da passagem e como era um pouco maior que eu, me emprestou sua camisa azul marinho, uma calça tipo social e seu notebook para eu apresentar meus trabalhos. Tudo na vida devo aos professores do CIEJA e aos projetos do CEU PERUS. Entrei em todos os projetos de informática, desenho, e o professor Ronaldo gostou tanto de meus desenhos que pagou para mim um curso de informática e arte digital. Marcos foi um anjo da guarda que disse sempre sobre a importância de acreditar no meu sonho.

Fui até o prédio imenso e muito chique da Paulista. Cheguei em frente ao prédio e, ao entrar, presenciei uma cena corriqueira em minha vida: pessoas ressabiadas, pensando que eu era ladrão. O segurança me barrou, obviamente. E perguntou:

— Aonde o Senhor vai?

— Tenho uma entrevista com a Sônia, do terceiro andar, na agência de Marketing digital – respondi.

— Só um momento, vou pedir para interfonar. - respondeu o segurança, com cara de raiva por ter que barrar uma pessoa que “atrapalhava o fluxo”. Respirei fundo e pensei no que o “Seu” Tinoco uma vez me disse: “Nunca abaixe a cabeça pra ninguém, meu fio. Nós preto temo que saber entrar e saber sair com dignidade em qualquer situação.”

— Pode subir. - o recepcionista disse.

Outra cena de racismo velado que já conhecia: A Sônia, gerente de marketing da empresa, ficou estarecida! Seu olhar e seu corpo não esconderam sua perplexidade. Trazia embutida a seguinte pergunta: “Como um preto tem a audácia de estar aqui tomando meu tempo”? Isso ficou óbvio em sua fala e atitude:

— Pode se sentar, senhor Jonathan Ferreira. Então o Senhor mora em Higienópolis? Por que você mentiu? Aqui diz que o senhor é branco. Eu não sou preconceituosa. Uma parte de seu corpo a desmentiria: seu pé direito revestido por um sapato azul de bico fino tamborilava o chão num ritmo descompassado: toc, toc, toc, toc, e meu coração, ainda mais rápido que seu sapato, seria o fiasco em ritmo de uma bateria de escola de samba. Sônia, ao perceber que o meu computador era dos mais baratos, já imaginou que ali não caberia um projeto decente. Tentei abrir o arquivo e... nada. Não abriu. Tremi ainda mais e não ganhei do sapato azul de Sônia. Toc Toc Toc, Toc, Toc, Toc. Nervosa, e ao mesmo tempo aliviada, por ter argumentos “não racistas” para me reprovar na entrevista, disse:

— Pois bem, S.r. Jonathan Ferreira de Higienópolis! Não consigo ver seu trabalho, quem sabe numa próxima oportunidade...

— Espere dona Sonia! Tentei mais uma vez e o que consegui foi abrir um desenho que fiz na época em que estudava no CIEJA PERUS.

O toc toc do sapato parou. Dona Sonia estava paralisada. O desenho a transportou a um tempo em que ela fora muito feliz. Era um desenho da nossa turma adolescente numa disputa de rimas. O cenário ao fundo era um muro grafitado com vários rostos e escrito com letras grandes: DIVERSIDADE. O tema da batalha. Na imagem, tinha a Paola ou “Paoloka” e a Maria Ester ou Teté para os íntimos. Eram namoradas e ambas me ensinaram três atitudes para amar as mulheres: respeito, presença e verdade. O da cadeira de rodas, era o XeXéu, que ficou paralítico após trocar tiros com a polícia e hoje dá palestras para jovens da comunidade sobre mudança de mentalidade. Eu estava sentado ao fundo e, à frente da imagem, estava o “Monstro”, o maior rimador de todos e que não sabia ler por ter dislexia. Estávamos empatados em 2 a 2, e o nosso Monstro desempatou rimando minoria com Peruseria. O único momento apoteótico de nossa turma renegada e que registrei para toda minha vida, esse momento mostrava que embora diferentes, somos todos iguais quando queremos a mesma coisa: ser feliz!

Dona Sonia perguntou:

- É uma foto trabalhada? Qual programa você utilizou?
- Não. Respondi. Fui eu quem desenhou na escola com prancheta digital.

Ainda incrédula, Dona Sonia insistiu:

- Sabe desenhar em três dimensões?
- Com o programa certo, consigo sim.

— Tá bem Sr. Jonathan Ferreira da Silva. Passe no RH para pegar um crachá provisório. Seu salário vai cair no fim do outro mês e darei um bônus de natal, ok? Você ganhará a passagem de trem, tudo bem? Eu percebi no seu desenho a fábrica de cimento e meu avô, do qual sinto imensa saudade, sempre me contava a história dos Queixadas. Você é de Perus. Parabéns pela coragem e por seu talento!

- Muito Obrigado, dona Sônia! E a abracei. - ela ficou paralisada, mas abriu um leve sorriso.

Naquele dia, fui embora para minha casa no trem completamente lotado da linha 7 Rubi, como passageiro e não como o marreteiro chato que gritava para tentar vender balas. No aperto do trem, uma lágrima rolou dos meus olhos. Não era uma lágrima salgada como as outras. Era ácida de tão concentrada. Continha todas minhas dores, a fome, os Nãos das garotas que amei e das pessoas, os amigos que perdi para violência e para a pandemia de Covid-19..., mas também tinha a dança, o hip-hop, a zoeira e a alegria dos amigos sobreviventes como eu, a escola, a biblioteca de Perus e o Marcos, o coletivo Quilombaque, a fábrica de cimento Perus e os Queixadas, o CEU Perus e o CIEJA. E tinha toda a razão da minha existência: o “seu” Tinoco, o meu irmão e minha mãe. Cheguei em casa e, ao abrir a porta, com a voz meio embargada, mas ainda assim forte, gritei:

- MAICON! MÃE! EU CONSEGUI!

# O valor da diversidade

*Fernando Omar Silveira Almeida*

**E**ra uma vez um mundo não tão, tão distante onde as diferenças eram celebradas e a igualdade de direitos era uma realidade. Nesse lugar mágico, as pessoas compreendiam que a verdadeira riqueza de uma sociedade reside na diversidade de suas cores, culturas e histórias.

Em uma cidade desse mundo, viviam diferentes pessoas, cada uma com sua singularidade e particularidades. Havia aqueles que tinham a pele negra, outros com olhos puxados, alguns com deficiências, e muitas outras características que tornavam cada indivíduo único.

O respeito às diferenças era uma base sólida daquela sociedade. As crianças aprendiam, desde cedo, que todos mereciam igualdade de oportunidades, independentemente de sua aparência, origem ou condição. Nas escolas, os educadores ensinavam sobre a importância de valorizar a diversidade e combater qualquer forma de discriminação.

Naquela cidade, as pessoas se uniam em eventos e festivais para celebrar a multiplicidade de culturas. Havia danças folclóricas, comidas típicas e músicas que representavam a riqueza cultural de cada comunidade. Todos compartilhavam suas tradições, abrindo espaço para o entendimento e a aceitação mútua.

As leis asseguravam que todos os cidadãos tivessem igualdade de direitos. O acesso à educação, à saúde, ao trabalho e à justiça era garantido a todos, independentemente de sua origem ou aparência. Os líderes políticos compreendiam que a força da sociedade estava na inclusão e no respeito às diferenças, e trabalhavam para criar políticas públicas que refletissem esses valores.

Nas ruas, as pessoas se cumprimentavam com sorrisos calorosos e abraços afetuosos. Sabiam que cada indivíduo tinha suas próprias batalhas, mas que, juntos, podiam construir um mundo melhor. Era comum ver pessoas ajudando umas às outras, sem qualquer preconceito ou julgamento.

Nessa cidade, a diversidade era enxergada como uma fonte de aprendizado e crescimento. Todos sabiam que, ao ouvir diferentes perspectivas, podiam ampliar seus horizontes e desenvolver empatia. Era através do diálogo e do entendimento que as barreiras eram quebradas e os laços eram fortalecidos.

Essa pequena cidade era um exemplo vivo de que a igualdade de direitos e o respeito às diferenças são fundamentais para a construção de uma sociedade justa e harmoniosa. Ali, cada pessoa podia ser verdadeiramente quem era, sem medo de ser discriminada ou excluída.

Que possamos, inspirados por essa história, trabalhar juntos para criar um mundo onde a diversidade seja valorizada e todos possam viver com igualdade de direitos, pois é na união de nossas diferenças que encontraremos a verdadeira força para transformar o mundo em um lugar melhor para todos.

# Julgamento velado

*França Helena Amandio Berton*



— Débito ou crédito?

— Débito.

— A senhora gostaria do comprovante?

— Sim, por favor.

E assim a fila de pagamento prosseguiu. As demais amigas pagaram, uma a uma, sem se importar com o papel.

A manhã tinha sido de muito trabalho, a pausa para o almoço era o momento de alimentar e organizar as ideias para a segunda parte do dia.

As amigas trabalhavam juntas e, naquele dia, escolheram almoçar num restaurante novo.

Decidiram dividir o valor da conta e se dirigiram para a fila do caixa. Já no momento da saída, Maria ouviu alguém correr em sua direção e dizer:

— Ei, você não pagou!

Maria assustada e confusa disse:

— Eu? Paguei sim! Aqui está o comprovante.

Maria era a única mulher preta no grupo de amigas.



# Perguntas

*Geni Alves Caetano – pseudônimo: Ágada Alves*

Você ainda tenta fugir dos obstáculos?  
Você ainda chora, quando tem problemas?  
Você está sozinho? Olha para o lado à procura de algo?  
Você se acostumou com o sabor do chocolate?  
Suas roupas perderam a graça?  
O seu sorriso já não é o mesmo? Você perdeu a vaidade?  
A única coisa que lhe resta à noite é ir dormir?  
Você tem certeza de que não está engordando?  
Não consegue ouvir as músicas que já lhe trouxeram algum entusiasmo?  
O calor já não traz tanta alegria?  
No frio é que você se realiza? O seu despertador é o seu pesadelo?  
Foi no trabalho que você se enfiou de cabeça?  
A sua calma já não é a mesma? Você aprendeu que quando a gente ri, também chora?  
Soube distinguir o certo do errado?  
As festas, já não aparecem mais? A sua admiração pela beleza já virou um texto sombrio?  
Você já se desligou da perfeição?  
Por onde anda o seu sorriso?  
Você já perdeu a comunicação com o mundo?  
Você não acha que tudo vai passar?  
Você olhou para os lados e percebeu que tudo é igual?  
Você já perdeu a fé de lutar por coisas nobres, grandes? Você jogou a natureza fora?  
Acreditou em alguma coisa e não deu em nada?  
Os mais belos contos já perderam a graça?  
Os seus ideais mudaram? A chuva já não te prende mais?  
E os trovões te assustam?  
Os olhares maliciosos já não te interessam mais?  
As coisas em que você acreditava já não acredita mais?  
O seu silêncio acabou? O tempo parece que parou?  
Você nunca mais acendeu as velas e rezou?  
A fantasia desapareceu? A realidade se tornou crua?  
O seu passado já não conta mais? E o seu futuro, você acredita?  
O fantasma mostrou a cara? O doce virou salgado? O escuro permanece escuro?  
As novidades estão demorando? Ninguém te convida para dançar?  
Você não acha que é nova demais? Então amadureceu o suficiente?  
Por que ou por quê?





Você acha que tudo é assim tão fácil?  
Você transformou o seu sim em um não?  
Você fez da distância um aprendizado?  
E a solidão te serviu para alguma coisa?  
Você tem deveres a cumprir?  
Você acha que tem algum direito?  
E se o tempo passar e não acharmos a resposta?  
Você já pensou nisso?  
Alguém irá te ajudar?  
Aprender outras línguas será que resolve? Dormir!  
Para que tudo vire passado?  
Será que satisfaz? E as minhas vontades para onde vão?  
Descobri que um dia você amou.  
Você olhou para os lados e não viu ninguém?  
Você já percebeu que o seu passado é o presente de muitas pessoas?  
Você não pediu ajuda porque não tinha com quem falar?  
Você fez do dinheiro um instrumento?  
E a sua felicidade por onde anda?  
Você comprou mais alguma coisa?  
Quanto tempo faz que você não chora?  
As lágrimas, elas conseguem cessar? E agora, como faz para desabafar?  
Você percebeu que o seu corpo e os seus problemas aumentaram?  
Mas a sua idade aumentou?  
Eu sou um jovem-velho ou um velho-jovem?  
Você sabe quem eu sou?  
Sou seu espelho.



# Memória de menino

*Glauciane Maria de Almeida Catanho*

Diziam que ele era muito difícil:  
difícil de se olhar, aspecto repugnante no andar...  
Cabisbaixo, um relaxo, uma voz soando em tom baixo...  
Um adolescente descontente,  
cuja dor não se sente, desmente no sorriso sem dente...

Diziam – e, alguns, ainda dizem – que ele não tinha mais jeito...  
Respeito? Vivia assim: sem deveres nem direitos...  
Afinal, quem é perfeito?

Diziam, por dizer,  
sem ler a história desde o nascer...  
Como se um momento  
pudesse justificar uma vida inteira...  
Tal qual a liberdade prisioneira  
e a amizade traiçoeira...

Diziam que ele não se concentrava nas aulas  
e ficava acuado  
como um leão dentro da jaula...  
A cada novo apontamento:  
desapontamento!  
Caligrafia sem sentimento...

Diziam ainda que o problema era da família!  
E o maior dilema eram as suas manias:  
um empurrão, um punho fechado na mão...  
Um menino sem coração, um caso sem solução...

Com o tempo, pararam de dizer  
Afinal, não tinha nada o que fazer...  
Não havia ninguém para crer,  
nenhuma esperança que pudesse crescer...

O garoto foi-se embora da escola e,  
sem demora, passou a contar o decréscimo das horas...  
Cada dia que nascia:  
era um dia que morria nele...  
Cada lágrima que caía:  
era um grito de silêncio no coração dele...

Um dia souberam  
que ele havia sumido do mapa  
Tal qual som de harpa  
que se esvai no ar...  
Sem deixar pegadas, sem mãos dadas, sem gargalhadas

As bocas caladas  
agora nada dizem...  
Ele foi-se embora  
como rastros de giz  
na poeira de outrora...  
Da escola,  
virou apenas memória...

Olho para o lado e vejo e ouço  
o menino sussurrar em meu ouvido:  
“Quando a vida está por um triz,  
me ensina a ser... feliz?”

# Uma ajuda, por favor!

Igor Leite Sousa



Imagina chegar à velhice sem ter o que comer? Imagina ser criança e precisar trabalhar em período integral? Imagina andar pela cidade vendo várias construções se deteriorando por estarem abandonadas enquanto você mesmo não tem onde morar? Olha, se a rua fosse minha, eu nem mandava ladrilhar não, bastaria que as pessoas que moram nela conseguissem casas decentes.

É assustador perceber como muitos conterrâneos simplesmente ignoram a desigualdade que se escancara no nosso dia a dia. Mas eu digo "ignoram" no sentido de não ligarem, porque ainda que você more num bairro de luxo, vai sim ver, em menor frequência do que quem é da periferia, gente se humilhando pra pedir o básico ou então executando trabalhos pra lá de precários, como vender bala no farol. Direitos humanos? Igualdade social? Já dizia a música, não existe amor em SP...

E aí, qual a sua reação diante disso? Na maioria das vezes, a gente engole seco e segue em frente, porque o nosso poder na esfera individual não permite nenhuma ajuda muito significativa. Às vezes, sobra uma moeda pra dar, um resto de alimento, coisas do tipo. A pessoa que recebe geralmente agradece, e o doador sente que cumpriu a cota de bondade do dia.

Eu penso que a gente sempre deve doar aquela nota amassada no bolso, troco de alguma coisa comprada anteriormente, ou mesmo a moedinha que sobrou do pão, enfim, pequenos valores que podem significar muito para quem está em situação de extrema vulnerabilidade. E esse meu incentivo à doação nem tem algo a ver com se sentir superior. Como disse, o tipo de ajuda descrita aqui é só paliativa, não muda nada no longo prazo. Mas, mesmo assim, ajudemos. É triste para as duas partes quando nada acontece.

Aliás, é sobre isto que se trata este texto. Um dia estava eu comendo uma coxinha num quiosque de terminal. Estava de pé porque no lugar não havia cadeiras e também porque tinha pressa. Nem bebi nada. A tal coxinha foi comprada no crédito e eu queria economizar com o valor do refrigerante. Fiquei lá comendo aquela fritura pouco saudável, mas muito gostosa, e terminei com os dedos engordurados, assim como a embalagem de papel. De repente, me deparei com um homem de meia idade vestindo uma camiseta bem velha, suja, que nem dava pra dizer de que cor era. Também vestia uma calça jeans cheia de buracos e calçava um chinelo de dedo pra lá de gasto.

Ele se aproximou rapidamente e, de jeito ofegante, balbuciou:

— Mano, tô na rua e tô sem comer desde ontem, você pode me dar uma ajuda, por favor?

Fiquei mal com o pedido. Não porque sou contra a abordagem, quem sou pra julgar quem faz o que faz numa situação dessas. O que me entristeceu é que eu não tinha dinheiro. Afundei as mãos no bolso da frente na expectativa de achar alguma coisa, embora já soubesse que não tinha nada. Nesse momento, um semblante de decepção brotou no meu rosto, mas com certeza não era tão forte quanto o que o transpareceu na face no pedinte.

Então, sem ter outras opções, ofereci o resto da coxinha que eu estava comendo, ele o pegou e encaminhou à boca prontamente. Eu falei "foi mal", e o cara se afastou indo procurar outro alimento no entorno. Este é um tipo de episódio que acaba com o nosso dia. Um país tão grande... Com tantas possibilidades. Com mais gado do que gente!



Retirei-me do recinto e fui em direção ao ônibus onde embarcaria, mas ainda procurando observar o pedinte. Parei de vê-lo ao chegar no coletivo, mas minha cabeça matutava o acontecimento. Ao chegar à catraca, peguei o cartão de transporte no bolso de trás e qual foi a minha surpresa ao perceber que junto dele tinha uma nota de 5 reais! 5 reais que pra mim nem tinham importância, tanto que estavam esquecidos. 5 reais que, em breve, gastaria com qualquer besteira. 5 reais bem inferiores ao real valor do meu poder de compra, mas que poderiam representar uma refeição pra última pessoa com quem tive contato.

Que droga! Que azar! Por que eu não verifiquei o bolso de trás 5 minutos antes? Agora o ônibus já estava em movimento, não dava pra voltar. Uma pena!

E é assim que essa narrativa acaba. Não tem um final feliz. É pra lembrar que a desigualdade dói. Muito! Dói pra gente que tá aqui lendo e muito mais pra quem tá agora na rua pedindo.

# O início de uma voz

Jaciara Batista Gomes da Silva

67



Darci ficava horas se olhando no espelho para enxergar o que os outros não viam: os sentimentos. Tinha uma beleza juvenil oriunda da ancestralidade africana, espinhas no rosto, estava acima do peso, tinha dúvidas do que fazer depois do Ensino Médio e muitas vontades reprimidas. Todas as manhãs, respirava fundo cruzando as ruas da periferia de São Paulo rumo à escola.

Na sala de aula, a altura de Darci também incomodava os outros. Sempre tinha alguém reclamando que não enxergava a lousa, e palavras desagradáveis surgiam como beliscões no seu corpo frágil. Na hora do intervalo, por vezes mastigava um pão murcho com margarina no canto do pátio enquanto observava as rodinhas dos colegas divididas em fofocas, risadas e lanches suculentos da cantina. Muitos pensamentos nasciam, mas morriam antes de fugirem pela boca ressecada.

Naquela semana, estavam abertas as inscrições do “Show de talentos” na escola. Darci queria participar, contudo sentia medo, o que diriam os outros ao ver sua performance, roupa e maquiagem extravagante que gostava de usar quando imitava os ídolos dentro de casa? Apesar da timidez visível, um grito interno começava trincar as correntes que os olhares impunham em sua figura dita “diferente”. Precisava se sentir pertencente ao grupo, necessitava expor sua identidade e lutar pelo seu espaço.

Quando passaram a lista pela vigésima vez na turma para participar do Show, Darci arrancou uma força admirável de dentro de si e com a letra trêmula anotou o nome na folha de inscrição. Porém, depois de algum tempo, começou a se arrepender do ato. Por que se jogaria na jaula dos leões? Para que serviria de chacota? Por certo não teria mais paz, seria alvo de piadas e teria que pedir transferência ou até desistir dos estudos futuramente.

No final da penúltima aula, levantou-se rapidamente, foi procurar a professora Meire, que estava organizando o evento; pediria para tirar o nome e, pronto, estaria livre da angústia desnecessária. Logo a encontrou no corredor e sussurrou:

— Professora, gostaria de tirar o meu nome do Show de Talentos.

— Darci, fiquei tão surpresa com sua inscrição! Você é uma pessoa tão tímida! Não fique com receio, eu te ajudo se precisar, tenho certeza de que irá arrasar, mas preciso ir para aula agora, depois conversamos. - e saiu deixando Darci sem palavras para trás.

Em casa, ensaiava. Olhava-se no espelho, via sua plenitude entre as cores da roupa, as bijuterias, o salto alto e os movimentos casando-se com o som estridente dentro do quarto fechado. Quem era Darci? Quem apoiaria sua atitude? A mãe, sua genitora independente? A professora Meire? Quem? Ouvia tantos casos de preconceito e bullying, que um temor nascia como erva daninha lhe apertando o coração. Parou por um momento, desligou o som, se sentou na cama e pensou que talvez fosse a hora de dizer quem era realmente para todos. Então, chorou.

No dia do Show de Talentos, levou mais uma mochila com a roupa e acessórios para se apresentar, estava com o semblante confuso e isso não permitia perguntas alheias. Uma agitação nos espaços da escola tornava Darci quase



imperceptível, se não fosse a professora Meire que, de repente, o conduziu até o camarim improvisado na sala de Arte. Algum tempo depois, saiu em direção à quadra, onde se encontrava o palco improvisado, com a mesma roupa que chegou à escola e segurando a mochila, a professora Meire o segurou pela mão dando a força que lhe faltava.

Aos poucos, no palco, Darci foi se transformando, trocando as vestes, maquiando-se, soltando o cabelo sob a música de Pablo Vittar “Indestrutível”, diante do público composto por toda comunidade escolar.

Mais do que uma apresentação, o que aconteceu ali foi um desabafo, pois se revelava o sentimento de libertação, de dor e de alegria de uma pessoa que não queria mostrar o gênero, e sim, o respeito ao ser humano dentro de sua diversidade. Aplausos e lágrimas misturam-se a olhares atônitos à sua coragem. Após esse evento, muitas coisas mudaram, Darci ganhou visibilidade e direito de fala, abriu mais oportunidades de manifestações através do grêmio estudantil e demais espaços dentro e fora da escola. Recebeu apoio e respeito.

Mas a história não acaba aqui, pois Darci continuou os estudos, se formou em Direito, virou referência LGBTQIAPN+ na luta pela igualdade de direitos, venceu estereótipos e se faz presente a cada dia com sua voz nos territórios percorridos.

# Diversidade harmoniosa

*Janaina Regina Monteiro*



No mar dos seres, um oceano de cores,  
Diversidade em todas as suas formas e sabores.  
Um poema eu teço para celebrar,  
A grandeza da pluralidade a brilhar.

Somos pétalas em um jardim vasto,  
Cada qual com sua cor e encanto casto.  
Unidos, formamos um mosaico único,  
Um retrato vivo, um tesouro magnífico.

As mãos entrelaçadas, sem distinção,  
Não importa a origem ou religião.  
Somos todos fios nesse tecido humano,  
Onde a diversidade é o nosso plano.

No abraço apertado, encontramos igualdade,  
Um sorriso sincero, uma fraternidade.  
Não há barreiras que não possam ser vencidas,  
Quando a diversidade é nossa aliada querida.

Na dança das culturas, ritmos e melodias,  
Encontramos harmonia em todas as harmonias.  
Cada voz, cada nota, uma sinfonia,  
Que ressoa no coração, cheia de alegria.

No respeito às diferenças, encontramos união,  
E na igualdade, um caminho de evolução.  
É no encontro das diferenças que crescemos,  
Compreendendo o mundo que floresce em nossos meios.

Celebrar a diversidade é enriquecer a alma,  
É desvendar novos horizontes, uma viagem calma.  
Unir-se em um só coro, múltiplas vozes a cantar,  
O poema da diversidade, que jamais deixará de ecoar.



## Por amor

Jaqueline Vieira da Silva Boaretto

O início do ano fora de muitas alegrias. O ingresso na vida acadêmica, tão sonhada pelo filho caçula, naquele curso concorrido na universidade pública, finalmente aconteceu. Era vitória para todos da família, afinal o ano anterior fora de muita dedicação, sem fins de semana, somente estudo nos bancos do cursinho e na cadeira no quarto de casa. A mãe acompanhava a ansiedade do filho e procurava lhe dar o suporte necessário para a realização dos estudos, entretanto era difícil acalmar um coração ansioso e que exigia muito de si mesmo.

Dia da publicação do resultado, euforia grande demais para todos os familiares. Tias e primos buscando informações. Sistema travado por causa do número de acesso em todos os lugares. O pai, no trabalho, terminou imprimindo a lista da universidade inteira para encontrar o nome do filho. A tia que morava longe confirmou a notícia: Passou, passou.... Ele entrou!!!

Dia de matrícula, centro da cidade, quanta gente, prédio histórico...

A mãe mais uma vez estava ali, acompanhando o filho na secretaria. Dessa vez, ela não precisou assinar, ele já era maior de idade.

Veio a lista de livros, e quantos livros! Veio também a nova rotina escolar e novos amigos. Agora, havia tempo para resgatar as amizades feitas no ensino médio, no técnico e no cursinho. Nossa, quantos amigos...! E vieram as festas e baladas.

Os estudos continuavam, agora com maior encantamento, afinal era a área dos sonhos, e a mãe também estava encantada. Ela era a primeira geração a frequentar uma universidade e estava feliz por seu filho amar os estudos. Até aquele momento, os dois tinham tamanha ligação que se comunicavam pelo olhar. Mas o filho estava mais quieto, e o olhar já não comunicava tanto. A mãe em sua busca sempre por diálogo começou a se incomodar e tentou encontrar outras formas de saber o que estava acontecendo.

Tudo aconteceu numa sexta-feira. Haveria uma festa, e o filho se voluntariou a trabalhar na organização do evento. Os pais o levaram até a entrada do lugar porque o centro da cidade era muito perigoso. A mãe estava incomodada e seu instinto materno lhe dizia que algo não estava bem. Já era madrugada, a mãe acordou num sobressalto e pediu para que o pai a levasse naquela hora ao evento. Sem questionamentos, ela foi deixada na porta do salão. Estava preparada para encontrar o filho bebendo ou fumando, hábitos que não faziam parte da família.

Ao entrar no salão foi barrada pelo vigia. Num impulso, ela falou rispidamente que estava ali para ver seu filho. O guarda abriu caminho, sem maiores restrições. Buscando pelo jovem, no meio de tantos, a mãe o encontrou, dançando com um outro jovem. Nó na garganta... Ela não se deixou ser vista e resolveu sair para tomar ar!

Na saída encontrou o pai. A mãe voltou para que o pai visse com seus próprios olhos... Ela não conseguia falar. Quando chegaram no local em que o filho estava dançando, a configuração era outra. Um grupo de jovens dançava animadamente. O pai nada entendeu, mas o filho olhou novamente para a mãe.... E ela olhou para ele. Os três saíram do lugar, precisavam de ar. Ao saírem, mais uma vez, os olhos se encontraram banhados em lágrimas. O abraço comunicou o que era preciso. Turbilhão de sentimentos, palavras não podiam ser ditas, era necessário um tempo. O filho informou que não poderia ir embora, estava na organização, mas que às 6h estaria em casa. No caminho para casa, o pai que nada entendera até aquele momento, ao ser conscientizado do fato, ficou perplexo e não aceitou. As horas não passavam...

O dia amanheceu e o filho retornou para casa dizendo que já tinha um lugar para ir. Os pais conversaram e falaram que jamais pensaram em sua saída. Seria necessário um período de adaptação. Era muita insegurança com aquela nova situação. O preconceito e a violência da sociedade era o que mais afligia aquela mãe. Ela precisaria se fortalecer para continuar a lutar a batalha de seu filho. Seria fácil? Claro que não. Também não seria rápido. Era necessário conquistar o espaço e respeito, primeiramente na família. Ela sabia que teria uma longa caminhada pela frente, entretanto estava disposta, sim, por amor, estava disposta.



# [O amor dava medo de morrer]

Jordana Machado Marques



Foi difícil entender por que não podia dar e receber afeto.

Eu era a única pessoa que dormia na sua casa. Você jogava bola com todo mundo, quebrando as regras sobre o que era ter força ou não. De noite, sua mãe deixava você guardar o carro na garagem, mesmo que isso fosse contra a lei. Todo mundo no bairro te conhecia, mas só eu sabia o quanto você correu pra fazer aquele gol. Só eu sabia que você dava uma volta no quarteirão antes de estacionar, passava na saída da escola, depois na frente da minha casa e buzinaava três vezes às vinte três e trinta.

Sua posição de dormir era de barriga pra baixo, sem travesseiro. Na sua cama de casal tinha um plástico enorme por baixo do lençol. Nas primeiras vezes, eu achava engraçado o barulho que fazia quando a gente se mexia. Imaginava que só eu dormia na sua casa porque ninguém podia saber que você já não tinha mais idade pra urinar na cama. Como ninguém podia saber, eu fingia que também não sabia. Então eu acordava com as frestas do sol e o cheiro, e já acordava rindo dos seus olhos meio abertos e meio fechados. Você me fazia dar muita risada, você era a minha alegria.

Você cresceu com as roupas que gostava e com o cabelo que não gostava. Nunca ninguém te disse o que podia e o que não podia. Nas excursões da escola era você quem começava a cantar que tinha muita coragem e nenhum medo da morte. Quando nasceu, recebeu um nome. Mas só muito tempo depois foi saber que as pessoas podiam te chamar de vários nomes. Um dia rabiscou numa árvore a primeira letra do nome dela. Ela era a sua alegria. Mas também te fez conhecer o que significava a palavra medo.

Dizem que nossos pais nos ensinam o que ensinaram para eles, e que a gente dá o que aprendeu. Foi difícil entender por que não podia dar e receber afeto como seus pais te ensinaram. Foi difícil entender por que as regras agora pareciam tão impossíveis de serem quebradas. Talvez você sofresse pra esconder de mim que fazia xixi na cama. Ainda não sabia que teria de esconder coisas muito maiores. Ainda não sabia que nem todas as pessoas fariam qualquer coisa pra você não se magoar ou se envergonhar. Foi difícil entender por que é que tiveram de criar uma lei para que se pudesse andar de mãos dadas na rua. As coisas não são mais como eram na quinta série. Agora o amor dava medo de morrer.



# Verbo amar

*José Wilton dos Santos – pseudônimo: J. Wilton*

Para uma sociedade mais justa  
Devemos a todos respeitar  
E ninguém tem o direito  
De o outro discriminar  
Convido a todo mundo  
Conjugar o verbo amar!

# Cultura de paz

Joyce de Morais Santana – pseudônimo: Joy Santana



Nada é fixo  
Nada é permanente  
Nas palavras de Buda  
Encontra-se nossa gente

A vida está por um fio  
Nós é que vamos costurar  
As histórias e memórias  
Daquilo que é para nós, Bem-Estar

As coisas mudam de figura  
Essa transitoriedade  
O gosto por estar vivo  
Não pode ser pela metade

Quando se é por inteiro  
O inteiro se enxerga  
No eu, você e o outro  
Não existe “Vista Cega”

Volto no transitório  
O que era ontem, hoje pode não ser  
E o que pode ser agora  
Depende do que vamos fazer

A existência é maravilhosa  
Tem muita novidade  
Ouvirmos e vermos direito, com respeito  
É nossa maior verdade

Você é feliz de verdade  
Ou está na onda do outro?  
Pensamentos ou vaidades  
Onde mora o encontro?

Temos uma tendência  
A crítica sem piedade  
Ao invés de olhar  
E ver milhares de qualidades

Ouvir pode ser a chave  
Que nos guia nessa viagem  
Queremos dizer muito  
Mas o que se quer saber de verdade?



## A escada

*Juliana Cavalcanti Candelaria*

Um dia marquei com a minha mãe, que mora em Mogi das Cruzes, de acompanhá-la em uma consulta médica aqui em São Paulo. Marcamos de nos encontrar dentro da estação de metrô.

Era de manhã bem cedo. O movimento era intenso. Como cheguei um pouco antes do horário combinado, encostei-me a uma coluna, próxima às escadas.

Fiquei observando. Havia duas escadas rolantes em movimento; uma para subir e a outra para descer. Havia também uma escada bem larga no meio, com corrimão ao lado e no centro, dividindo e sugerindo o melhor lado para transitar.

Para ter acesso à escada rolante, a cada chegada de um novo trem, formavam-se filas, enquanto a escada comum era pouquíssimo movimentada.

Por um momento, me distanciei da espera e de olhar a chegada e a partida dos trens e só acompanhei o sobe e desce das pessoas.

Notei que a escada é bem democrática: ela acolhe a todos, sem distinção. Também reparei que há uma organização: quem tem mais pressa, sobe pela escada rolante, mas do lado esquerdo e faz os movimentos de subida (ou descida) para alcançar mais rápido seu destino.

Pessoas jovens, adultas, crianças, mulheres, com crianças de colo, no colo, gestantes, idosos, pessoas com deficiência. Pessoas cujo padrão social poderia, aos olhos de muitos, serem consideradas mal vestidas, e os engravatados, todos sobem e descem pelas mesmas escadas. Pretos, brancos, imigrantes, migrantes, gordos, magros, cabelos grisalhos, carecas ou com cabelos coloridos. Tatuados. Absolutamente todos usam as mesmas escadas para chegar ao seu destino.

Para a escada, não importa qual é a classe social, de onde cada um vem; se está indo trabalhar, estudar ou passear. Ela está ali, a serviço. Basta a pessoa querer subir ou descer.

O elevador deveria aprender com a escada. Deveria servir para todos, ser para todos. Não considerar a classe social, gênero, cor, credo ou opção sexual.

Por um instante, pensei que deveria ser proibida a venda do elevador privativo, assim como deveria se valer garantido o direito de acesso à educação, à cultura, à saúde, ao lazer para todos, indistintamente.

O elevador deveria servir apenas àqueles que não conseguem, por qualquer deficiência, ter acesso à escada. Nada mais.

Minha mãe chegou. Nela, dei um abraço apertado e um beijo demorado. Estava com saudades e mentalmente agradeci por tê-la, por poder acompanhá-la e por subir as escadas com ela.

# Ele compõe

*Juliana do Couto Machado de Castro*



Ela anda diferente.  
Em seu coração a voz é tênue e latente.  
Caminha com passos firmes, engrossa a voz, joga bola,  
cresce e se descobre,  
então ali, a vida desenrola  
os sentimentos são como uma tormenta  
e sua presença marcante implementa,  
profusões de opiniões que a Ela,  
ou melhor, a esta altura, a Ele,  
já não faz mais diferença.  
E mesmo depois de tanta descrença,  
marcado por memórias dolorosas que lhe esculpem,  
as asas da metamorfose se abrem,  
vira borboleta.  
Já não pede mais respeito.  
Impõe,  
Pois a sua música é tão somente Ele  
Quem compõe.



# Soneto da igualdade

*Juliana Pio*

Que ferida é esta que postema e sangra  
Diante do grito de rejeição,  
Instigado por nações levianas  
Que propagam a discriminação?

Já não basta o passado torturante,  
As peles escuras dilaceradas,  
O sangue escorrido, rubro, abundante,  
À custa de uma história desgraçada?

Abracemos as nuances humanas!  
Cale-se a hostilidade racial,  
Fale o respeito com voz soberana.

Queremos igualdade, atos fraternos...  
Olhar nos olhos de outrem e enxergar  
Não sua cor, mas seu amor sempiterno.

# Diferenças

*Juliano Gimenes Cruz*



O que seria do mundo se fôssemos todos iguais?  
Imagine um jogo de futebol sem Pelé, Garrincha, Romário e Ronaldo  
Todos com as suas espetaculares diferenças  
Imaginem um mundo sem as "Histórias de índio" de Daniel Munduruku.  
Sem o Rock de Sting e a sabedoria do Cacique Raoni  
Sem as mensagens de Paz de Nelson Mandela ou Dalai - Lama  
Sem as Loucuras de Rita Lee ou as danças de Michael Jackson  
Sem a irreverência de Guga, alegria da pequena Lô ou sem a seriedade de Pavarotti  
Sem a Luta de Marighela e Martin Luther King  
Sem a poesia de Sérgio Vaz ou a Música de Tom Jobim  
Sem a genialidade de Beethoven e Stephen Hawking  
Sem a incrível voz de Fred Mercury e as obras de Leonardo Da Vinci  
Todos incrivelmente diferentes!!!  
O que seria do amor sem a diferença, buscamos no outro aquilo que nos falta.  
Sem diferenças, seríamos Narcisos agonizando diante de nossos reflexos.  
Viva a diversidade, viva a diferença!!!



# Flores oníricas

*Julienne Codognotto*

Gabriel sonha em ser astronauta.  
Lorena flutua imaginando-se bailarina.  
Jefferson quer jogar basquete profissional.  
Mariana quer ser executiva numa multinacional.

Dizem que, pelo visto, o João vai ser ator.  
“É nada! O que ele quer é ser jogador!”  
O irmão talvez sonhe em ser jornalista.  
“Tem mais cara de cineasta! Documentarista!”

Música boa embala menina sonhadora!  
A pequena Aynin sonha em ser escritora!  
Ama muito o sítio do picapau amarelo  
e lá aprendeu a gostar do Gil e seu marmelo.

Pamela sempre soube sua vocação  
e sempre foi visível o talento a florado na menina:  
cuidar das pessoas, sem distinção...  
que longo caminho até poder cursar medicina!

Laryssa, desde que começou a criar na AEL, pensa em ser famosa como atriz,  
Ana Luiza quer ter uma confeitaria conhecida, dessas que fazem todo mundo feliz!  
Uma vai dedicar a vida aos palcos, a outra ao mundo do sabor,  
Dizem que tempero de sonho é isso mesmo: todo tipo de amor.

Manu ainda não sabe o que sonha, mas sabe sonhar,  
Miguel eu ainda não sei o que sonha, preciso perguntar,  
Sei que o Willian queria morar na praia porque ama o sol,  
E o Patrick... sim, mais um jogador de futebol!

Sthephany sonha em viver perto da natureza,  
Se possível, sempre escrevendo sua poesia,  
Luis vai ser programador, com certeza,  
E Kaique queria poder conhecer a Bahia.





Carlens quer visitar o Haiti, de onde sua família migrou,  
“mas a passagem de avião é cara demais, professora!”  
Mas tem também a Isabelly que parece que nunca sonhou,  
“É que sonho costuma ser caro demais, professora!”.

Nos sonhos são completamente diferentes.  
Na realidade dura e crua de sua vida: iguais.  
Meninas, meninos, jovens, adolescentes,  
Periféricos, pretos, estudantes, normais.

Será preciso ainda muito passo, muita luta e união,  
suor, danças, lágrimas, alianças e um bom tanto de “esperançar”,  
para que possam, a partir da desigual situação,  
do chão que compartilham, herança secular: abrir corajosas asas e voar!

É preciso, no entanto - antes - um delírio, uma decisão,  
daquelas silenciosas, que a gente toma dentro do coração:  
cultivar, cultivar, cultivar,  
insistir, insistir, insistir,  
não parar antes de conseguir,  
fazer finalmente começar a brotar:  
as flores oníricas que regam, em segredo, antes de dormir.



# Raízes

*Júlio Henrique Fim*

Sim,  
eu digo SIM!  
Um dia também fui semente  
gerada num ventre  
que me nutriu, protegeu,  
me deu acalanto,  
até que no tempo determinado,  
num romper inesperado  
meu choro, meu grito,  
anunciou:  
Aqui cheguei!

Não,  
eu digo NÃO!  
Também faço parte deste solo  
numa terra tão fértil  
que muitos frutos dá,  
há espaço pro meu eu.  
Tenho raízes,  
carrego cicatrizes,  
marcas que os anos de vida  
me fizeram chorar,  
regando esta planta  
de rara espécie,  
por vezes não reconhecida,  
excluída,  
que neste chão também veio ocupar.

Meu choro,  
meu grito,  
hoje farei ecoar.

Aqui estou, existo,  
e assim como tu  
tenho muito a contribuir para este planeta  
que me acolheu  
na exuberância de sua diversidade,  
decretou minha existência  
com todas particularidades  
presentes em minha identidade.  
Formou, ressignificou, descortinou,  
mostrou-me a força, o brilho, a essência,  
fez-me reconhecer quem realmente sou,  
um ser humano, um cidadão,  
único sim, com direitos sim,  
que tem sonhos, risos, voz e medos,  
que adorna de forma singular  
a completude desta terra a que chamamos de  
LAR.

# Soneto das interrogações

*Kátia Alves Bezerra*

81



Vidas negras realmente importam?  
Vidas LGBTQIAP+ importantes são?  
Vidas indígenas importam? Será?  
Vidas de quais mulheres importarão?

Para as mães enlutadas? Firmeza.  
Para a esposa de Marielle? Claro!  
Para a aldeia dos Guajajara? Eré.\*  
Para as Marias de muitas famílias? Certeza.

Mas como continuam estes corpos,  
os mais baratos do mercado, sendo?  
Elza, eterna Rainha negra. Valei-nos!

Marco temporal, feminicídio,  
Basta! Racismo recreativo?  
O jogador bradou, quem escutou?

*\*Eré significa "Sim" em Guajajara.*



# Diferente

*Kátia Cilene Moreira*

Nasceu diferente, muito especial;  
Meigo, carinhoso ao extremo;  
Um coraçãozinho cheio de ternura;  
Arthur realmente é especial como foi previsto,

O medo de como aceitar o novo, o diferente  
Muitas vezes até mesmo a ignorância, falta de conhecimento,  
Antes de falar, não aceitar, é preciso conhecer,  
Seu pequeno coração, sua ingenuidade de criança,

O que dizer,  
Só vejo uma criança linda, especial para nós, inteligente  
Capaz de amar, de trazer alegrias para nossa família,  
Como explicar tamanho Amor,

Não se explica o amor incondicional  
De um ser tão lindo, puro,  
Que age com pureza, demonstra tanto carinho

Você é um presente maravilhoso que a cada dia ilumina nossa família,  
Amo quando chega e corre ao meu encontro com aquele sorriso que só você tem,  
Te amo, Arthur, você nos ensina a amar sem distinção.



# O encanto do Jarê e a luta pela existência na obra *Torto Arado*

*Kelly Aparecida Brandão Avelino*

As memórias das personagens ecoam como murmúrios que se entrelaçam com a terra ressequida, narrando a persistência e a resistência das comunidades rurais. *Torto Arado* é uma obra que nos convida a refletir sobre a igualdade de direitos e a necessidade de respeitar as diferenças, especialmente as marcadas pela negritude, trazendo à tona a complexidade das relações sociais e a busca por justiça, equidade e respeito às religiões de matriz africana.

No âmago das tradições africanas, entre os caminhos do Jarê, surge um encanto que fortalece as raízes ancestrais. Pouco difundida, a prática religiosa desse rito carrega consigo uma documentação singular. E assim, na Chapada Diamantina, encontramos Pedro de Laura, um guardião de rezas, benzimentos e ervas, curador dos segredos preservados. Sua vida se assemelha à saga de Zeca Chapéu Grande, personagem da narrativa ficcional de Itamar Vieira Junior, em que as histórias são tecidas pelos murmúrios do povo, ganhando vida e se perpetuando.

Em cenas que se entrelaçam, o Jarê se assemelha às festas do interior, pulsando em diferentes recantos do Brasil, mas também traz em si elementos inéditos, construindo uma cena única. Para compreender a singularidade desse rito, é preciso adentrar nas religiões de matriz africana e em seus rituais, desvendando os encantos que tornam o Jarê tão peculiar. Uma das notas marcantes é a entoação de cantigas, trazidas pelos próprios encantados, cujos rituais são impregnados pela influência indígena. Em seu livro "*Jarê: Uma Face do Candomblé*", Senna descreve a assimilação dessas práticas e cunha o termo "cablocarização" dos orixás, que, para a cosmologia do Jarê, são chamados de caboclos. Nessa teia, entrelaçam-se também influências católicas, pois muitos vindos de Minas Gerais buscaram nos diamantes um novo lar.

No desfecho dessa trama, emerge novamente a questão do respeito à religiosidade, quando os habitantes, seguidores de denominações evangélicas, se apresentam para menosprezar o significado do Jarê na vida de Dona Salustiana. Revela-se, assim, um racismo religioso, impondo uma crença sobre a outra. Porém, ela não se deixa influenciar, consciente de que em muitas terras africanas tal prática tem se fortalecido e encontrado êxito.

É na voz da Encantada, que se nomeia Santa Rita Pescadeira, que ecoa a trajetória de luta pela existência, tecendo, simultaneamente, a saga do povo diaspórico em busca de sobrevivência. E é curioso observar que a justificativa para deixar de existir entre os seus ecoa em outras crenças religiosas, assim para que seja possível continuar a existir há que se manter viva na memória dos entes queridos. Para que permaneçam vivos em um plano além do alcance dos olhos, os vivos devem reverenciar a memória daqueles que vieram antes de nós. Assim se desenha o encanto do Jarê, entre a resistência e a transcendência. Entoando em suas cantigas o sincretismo religioso e o respeito às suas crenças.



# Igualdade de direitos\*

Laura Aparecida Guimarães Corrêa

Igualdade de direitos é assim:

Um direito reconhecido, com espaço para todas e todos serem reconhecidos sem nenhuma distinção.

Mas igualdade, pra mim, tem que ser um direito, não só uma palavra bonita, palavra que se usa em discurso, em propaganda política.

Tem gente que gasta muito tempo falando essa palavra, faz propaganda, dá exemplos, falando como deve ser..

Não, eu prefiro viver no meio de pessoas que, quando eu bato o olho, percebo logo: aqui tem respeito...

Igualdade de direitos, para mim, é uma postura em que um respeita os direitos do outro, nada de demonstrar que as pessoas têm mais direitos quanto mais bens materiais elas têm.

Igualdade de direitos, pra mim, é garantir que as pessoas possam viver com dignidade, tenham uma moradia decente, tenham direito à saúde como qualquer político.

Igualdade de direitos é todos poderem ter seus filhos numa escola de qualidade e que essas crianças se sintam bem e aprendam o valor da vida naquele lugar.

Mulheres com salários menores que os dos homens?

Pessoas discriminadas pela cor da pele?

Negros serem parados pela polícia só porque estão de chinelo?

Tá na cara que nessa sociedade não se reconhecem os direitos humanos.

E se as pessoas não compreendem que isso é um problema, é porque ali falta debate, falta conhecimento, falta educação.

Sociedade consciente, pra mim, é aquela que luta pelos direitos, mesmo sabendo que nunca tudo será igual para todos.

Tem gente que resiste, gente que sofre, mas sabe que não pode cruzar os braços...e isso é importante.

Sociedade consciente é aquela que busca sua história e se prende a ela para mudar o presente.

Os bisavós, os avós, os pais, todos têm uma história que não deve ser esquecida.

E, se por acaso, já somos adultos e pensamos que sabemos tudo, temos de abrir nossa mente, há muito o que estudar, há muito o que se discutir.

Façamos debates sempre, façamos leituras sempre, reflitamos sempre sobre o verdadeiro sentido da expressão “igualdade de direitos”...

Mas que essas ações não fiquem só em nossa volta, que possamos reconhecer a verdadeira falta que elas fazem quando ignoramos a igualdade de direitos como um direito de todo ser humano.

*\*Paráfrase do texto “Casa Arrumada”, de Carlos Drummond de Andrade*

# Mero um

*Leon Pires da Conceição de Barros Cordeiro*



Fruto do Abuso,  
nascera com sina pungente da desafeição.  
Crescera como cicatriz da ferida mais profunda:  
da dor do corpo violado;  
da mágoa do sentimento maculado;  
Subsistiu entre violências  
Negações e privações.

Rejeitado desde seu início existencial,  
Carregou consigo a dolorosa sina do desamor  
Desconheceu o afeto,  
O acalento de um colo,  
E as possibilidades das letras.

Os números sim, esses ele conhecia.  
Contabilizava continuamente  
Mais um dia de sofrimento,  
Menos um dia de existência.

Tinha uma afeição numérica  
Gostava de observar os números,  
suas formas e tamanhos,  
através de vistosas vitrines  
que expunham produtos que ele nunca consumiria;

Seu apreço pelos números era tanto,  
Que hoje ele, que os observava ao longe,  
Ele que nada esperava,  
inesperadamente tornou-se mais um:  
quando seu frio corpo foi encontrado  
encolhido e abandonado  
entre as caixas dos produtos que ele nunca  
compraria.

Enquanto jazia frio o frágil corpo do menino,  
na capital mais rica do país,  
Ele, fruto maculoso do dessabor,  
tornou-se um número, mais um número.

Um mero número,  
mais uma vítima do descaso e da indiferença  
humana.



# Sim, deveríamos ser iguais

*Leonardo Angelo Baruffaldi – pseudônimo: Baruffa*

Humilhados e deixados às traças  
Largados com seus trapos, panos e jornais  
Tentando ganhar a vida, lutando pelos seus ideais  
Que já não são os mesmos de outrora  
Mas agora o que importa é sobreviver  
Em dias de luto, em dias de fome  
Dias de peste e pandemia  
Sobreviver à indiferença daqueles que passam  
E ignoram seu sofrer  
Sim, deveríamos ser iguais  
Mas onde está o respeito?  
Pois a nós é negado o direito  
Escrito na constituição  
Na verdade, somos diferentes  
Na cultura, etnias, gostos e crenças  
Oxalá não seja a morte  
Mas que seja então a sorte  
Mesmo sendo diferentes  
Não exista o preconceito  
Mas que haja o respeito  
Para, de fato, sermos iguais



# Revelar-se mulher

Lidyane Rafaela Almeida Santos

87



Eu mulher, você mulher, nós mulheres...  
Qual o cenário nos revela?  
A professora, a escritora e tantas outras...  
Sempre na luta, cheia de prós e contras.  
O passado é deprimente,  
O presente eloquente,  
E o futuro?  
Esse há de ser diferente!

Muito caminho a percorrer,  
Muitas coisas difíceis de deter,  
Mas as mulheres vão se revelando,  
E não se entregam a qualquer desmando.  
Pra chegar aonde chegaram,  
Não foi sorte, foi sofrimento,  
Muito suor derramado,  
Para lutar contra o silenciamento.

Não foi fácil, foi um pleito,  
Figuras com garra e coragem,  
Sempre, sempre na luta,  
Por igualdade respeito.

Revelar-se mulher,  
Sugere inspirar-se em mulher,  
E para compor aqui a rima,  
Trago mulheres que inspiram...

Assim como Marina Colasanti,  
Que foi tecendo o amanhã,  
Elas vão resistindo aos desafios,  
E tecendo novos rumos a cada manhã.

Se Cora Coralina removeu pedras,  
Plantou roseiras e fez doces,  
Assim, elas vão recriando as suas vidas,  
Se empoderando para serem bem resolvidas.

A voz de Conceição Evaristo,  
Ecoa aos quatro cantos,  
Sua escrivência contagia,  
E livra as que estão aos prantos.

Já a Rachel de Queiroz,  
Aquele poço de sabedoria,  
É espelho e motivação,  
Às que anseiam autonomia.

E pra encerrar essa resenha,  
Carolina de Jesus não ficaria de fora,  
Suas palavras são sustento,  
Tão recheadas de sentimento...  
O mundo há de se modificar!  
Não gosto dele como está!



# Pankararu

Lourdes Fátima Basílio

— Você aceita receber um estagiário?

— Minha sala está aberta para quem quiser entrar. - respondi.

Ele chegou. Era um tipo magro e comprido; moreno, com bigode e cavanhaque. Caladão. Trazia no pescoço um cordão com um pingente, que só fui perceber dias depois que era um artefato da sua cultura.

Ele entrou e eu pedi para se sentar. Parecia tímido. Deixei-o observando a aula. Posteriormente me contou que era estudante de Letras e havia reprovado a disciplina de libras duas vezes. Também me contou que era indígena.

Pensei “qual seria o objetivo de um estudante com essa dificuldade vir estagiar em uma escola bilíngue para surdos. Aprender libras?” Questionei-o e ele respondeu:

— Essa escola fica próxima do meu trabalho.

— Ah!

Observei-o novamente. Indígena com bigode e cavanhaque? Seria mestiço?

Os dias foram se passando, ele sempre calado, mas atento e prestativo.

Fomos conversando aos poucos. Na verdade, ele apenas respondia às minhas perguntas. E o tempo foi passando...

Aos poucos, as informações foram chegando. Foi então que eu fui compreendendo seu jeito de ser, tão diferente do que eu imaginava, pois até então, na minha história de vida, apenas os estereótipos sobre seu povo e cultura tinham sido construídos em mim.

Ele contou sobre a experiência infeliz que teve aqui em São Paulo. Estudou em escola pública, mas em bairros nobres, e sempre foi visto como favelado, pobre e desqualificado. Essa vida de bullying mudou drasticamente quando foi estudar na escola indígena no sertão de Pernambuco, território de seus antepassados.

Entre tantos relatos, destacou-se um: o “Flechamento do umbu”. Evento de grande importância e ritual principal entre eles.

Ao iniciar um novo ciclo, que geralmente acontece em dezembro, mas pode ser antecipada ou adiada, dependendo do início da safra, o primeiro umbu maduro encontrado no território é colhido. Ele é levado para um ancião que o guardará. O aviso desse acontecimento percorre as aldeias. É momento de preparar o toré.

...

Terreiro repleto. Os rostos começam a ser pintados com o tauá, espécie de argila branca da região. As quatro cruzeiras brancas no rosto são marcas da identidade cultural e representam a demarcação do território Pankararu em Pernambuco. Os praiás, vestidos com indumentária feita de palha da palmeira de aricuri, se organizam em um grande círculo. Começa o soar dos maracás, que, junto com a melodia entoada na língua ancestral pelo cantor, cria uma atmosfera hipnotizante. Os pés batem no chão e os corpos se movimentam na cadência da dança antiga, levantando a poeira do chão semiárido. Tudo é tão mágico que os participantes, seja quem dança ou quem observa, parecem entrar em transe coletivo. Os encantados estão presentes, trazendo toda a energia e a força da natureza para o toré.



O umbu já foi amarrado no cipó no centro do terreiro. O toré acontece na intenção de que haja uma boa safra. Vários homens, dançando juntamente com os praiás, carregam ramos de cansanção, planta própria da caatinga. Essa planta urticante tem pelos pungentes. Com o passar do tempo, durante a dança ritual, as mãos vão cansando e os ramos vão pendendo. Naturalmente são amparadas nos ombros nus. Quando essas células alongadas tocam a pele, cada ponta inchada e quebradiça se rompe, e as extremidades afiadas penetram rapidamente a pele injetando um veneno como se fosse uma seringa, levando a uma grande irritação na pele. Esses homens, junto com os praiás, continuam sua dança, freneticamente. A dança continua, no mesmo ritmo, pois a presença do cansanção afasta o mal.

Em seguida, forma-se a fila com homens da aldeia e os praiás. Quem conseguirá flechar o umbu? Grande expectativa no ar. Um a um vão flechando até que alguém consiga. Esse ritual de flechamento representa garantia de proteção para toda a safra. Em seguida, buscam uma trança de cipó. Vai começar a “Puxada do cipó”, com a presença e a torcida de toda a comunidade.

Esse cabo de guerra é disputado por dois grupos, que se posicionam em lados opostos. Eles seguram a ponta do cipó. O cantador dá o sinal e cada grupo vai puxando o cipó para o seu lado. Se o grupo vencedor for para o lado oeste, significa boa safra e um ano de fartura. Se for para o lado oposto, significa um período de escassez de chuvas.

O estágio durou três meses. Durante esse período de grande aprendizado sobre sua história e cultura, pudemos, os alunos e eu, conhecer esse e outros relatos.

Assim, sempre muito reservado, ele se foi. As crianças ainda perguntam por ele. Onde estará? Continua aqui em São Paulo ou voltou para a sua terra ancestral em Pernambuco? Não sabemos. Embora ele não esteja mais presente, a convivência serena e carinhosa com todos fez com que a magia dos encantados continue viva em nós.



# Esse tal de ser humano

*Lucinéia de Fátima Guerra Souza*

**E**sse tal de ser humano apareceu tomando posse da natureza e de mera criatura, brincou de ser criador. Conquistou terras, mares e rios. Limitou territórios para avançar no que não era seu.

Esse tal ser humano se apropriou do ar, do lugar e de tudo que tocou. Monetizou o tempo, o invento, o sentimento. Transformou a matéria não só para seu sustento.

Esse tal ser humano aprisionou o outro humano. Decretou a inferioridade para se afirmar na verdade de sua superioridade. Criou normas, padrões e valores por onde passou e tudo foi sendo legitimado.

Esse tal ser humano patenteou a descoberta e letrou a sabedoria, desprezando o que não lia. A vivência foi anulada pela tal da aparência. Confirmando a sua maledicência.

Esse tal ser humano construiu cidades, fez muros, fez muralhas. E, quando não nos separa, usa a navalha para marcar qual é nosso lugar. Cercando e nos guetos nos colocando para nos acomodar.

Esse tal ser humano criou cores, medidas, números, códigos e cifras com intuito de nos coisificar. Classifica-nos para nos separar e nos iguala para nos inferiorizar.

Esse tal ser humano tanto fez que se desfez do ser. Ao longo do tempo, está humano, mas não o é. Perdeu-se de si mesmo e não se reconhece noutro ser, que também é humano.

Esse tal ser humano resolveu os problemas criando leis, mas esqueceu quem os fez. Não lembrou que estranhar é natural. O que se faz com o estranhamento, quando o transforma em racismo, misoginia, homofobia, é o que pode ser o seu mal.

Esse tal ser humano vestiu-se de preconceitos, não olha para trás. Não se recorda que a essência da vida começa com um outro ser, que é humano também. Para existir é necessário coexistir, com o verbo no infinitivo. Respeitar toda forma de vida, toda natureza, todos os seres, a começar pelos humanos.

# Máquinas perfeitas, o retrato de nosso tempo

*Luiz Carlos Pissamiglio Dias Barreiras*



Nesse retrato de nosso tempo  
É possível a todo momento  
Ver alguns batalhões seguindo ordeiramente  
Preocupados não com aqueles, mas com aquilo  
Que virá pela frente  
Com suas máquinas perfeitas  
Prontos para digitar, acessar  
Desconsiderar, acelerar, matar...  
E não prontos para a si próprios acessar  
Em um contexto em que a humanidade é observada de relance  
A convivência é uma mensagem que não veio  
Em SMS, no Whats ou no Face  
Nem no anexo do e-mail.

Com suas máquinas perfeitas  
Prontos para interferir no natural  
O humano diz que constrói  
Mas ao “construir”  
Seu próprio habitat destrói  
Com diversos mecanismos e artifícios  
Ergue condomínios e edifícios  
Que comportam e apresentam de tudo  
Até mesmo sua ganância e seus vícios  
E, com tanto, de sua desumanidade, ignorância e bestialidade  
Dando cada vez mais indícios  
Quando os recursos da natureza  
Se esgotarem por inteiro  
Conseguirão os ensandecidos capitalistas, em suas mesas  
Se alimentarem de seu dinheiro?

Como agentes de sua crescente desumanização  
Com emoções e sensações humanas cada vez mais rarefeitas  
Alguns “humanos” têm seguido à risca as receitas  
Que em breve os transformarão  
Em máquinas perfeitas...



## Por dentro do meu cabelo

Marco Aurélio Botelho de Lima

**E**ram dois quilômetros de caminhada, mas ela até que gostava. Quando tinha companhia, o percurso era menos denso, entremeado de fofocas do dia anterior, dos programas de televisão e das traquinadas do povo da sala.

Havia sempre a preocupação com o tempo, pois a chapinha tinha sido feita com esmero, no deslizar do aparelho por sobre o cabelo crespo, do início do couro cabeludo até as pontas; um cuidado que aprendera jovem com mães, irmãs, tias e primas. Na rua, uma olhadela no céu e outra no espelhinho que carregava na mochila.

Andou por cerca de um quilômetro e ia avistando algumas outras casas, tão simples e precárias quanto a sua. Seria tão bom se houvesse crianças da sua idade para acompanhá-la até a escola. Melhor ainda se a ocupação, na qual morava, existisse para a Prefeitura; assim a van a buscaria na porta de casa; pensava ela enquanto apertava o passo.

Ao divisar a avenida, correu um pouco mais, senão perderia a van do TEG, a qual poucas vezes atrasava.

No veículo, o assunto era a briga do dia anterior, na qual duas alunas haviam se insultado e a branca havia chamado a outra de “preta fedida”. O grupo de alunos negros foi para cima dela e só não houve um estrago maior porque a inspetora veio correndo separar. Então sim, hoje teriam o diretor e sua assistente andando de sala em sala naquele mesmo lenga-lenga do racismo como crime.

Chegaram à escola e foram direto para o refeitório comer a merenda boa e apetitosa. Entre uma garfada e outra, o assunto não podia ser diferente: as alunas tinham sido suspensas e devidamente notificadas.

Porém, quando chegaram à sala, era o professor de história quem começou a falar sobre vários assuntos, os quais desagravavam no caso racista do dia anterior. Ele, o branco ogro de olhos azuis, roupas amarfanhadas e tez alva, falava com uma propriedade dos assuntos negros, da população negra, que deixaram Clara boquiaberta. O branco falava tanto (no modo cuspidor, brincavam os alunos) e, por vezes, esbravejava, como se estivesse num púlpito de uma igreja. Mas nenhum culto frequentado por ela e sua família havia lhe falado das lutas e conquistas de seus antepassados daquela maneira.

Foi quando então ele desfiou sobre o movimento Black Power e da importância do cabelo como resistência. Ali ela parou de anotar no caderno, se viu um pouco incomodada, desses incômodos que quase doem na consciência. Repassou os gestos no espelho, enquanto as imagens de negros ostentando seus pixains pretamente reluzentes fincavam dardos no seu modo de encarar a beleza.

Clara olhou em torno da sala, e as poucas meninas negras que via estavam com a “chapinha em dia”. Quando o professor terminou a sua fala e sugeriu um debate, um aluno o advertiu que sua segunda aula havia excedido em 10 minutos. As próximas aulas seguiram a sua normalidade. A de Ciências repudiou a briga; a de Matemática disse que racismo era crime. A de Artes pediu um minuto de silêncio e um aluno debochado perguntou quem havia morrido.

Na saída, Clara revia a fala de seu professor enquanto esperava o TEG junto aos colegas. Embora sua cabeça estivesse cheia de caraminholas, era bom observar que houvesse outras perspectivas, diversos significados para tantos enfrentamentos diários. Ao olhar na saída os outros meninos e meninas negras como ela, pode ver dessa vez que a chapinha de tantos cabelos não era aquela unanimidade de sua sala de aula: havia tranças, cacheados, alourados, alguns *black power*, só notados naquele momento.

O pôr do sol anunciava o fim do dia e ela iniciava um processo interno que nunca sonhara fosse acontecer.

# Equidade

*Maria Célia Gonçalves Silveira*

93



Todos temos o direito de apresentar opinião  
Pois livres somos com direito à propriedade  
Sem distinção de deficiência, cor, sexo e religião.  
Direitos são necessários para existir com igualdade.  
A lei diz que livres somos, e onde está a liberdade?

Livres somos em território da naturalidade  
Baseados no princípio da universalidade  
Somos diferentes, mas, na lei, iguais sem distinção  
Mas por que não encontramos o respeito e a proteção?

Se livres somos com natureza independente  
Pensando em quem faz o mesmo trabalho igualmente  
E se os direitos são iguais sem discriminação  
Então por que não se recebe uma igual remuneração?

Conhecer nossos direitos é nossa responsabilidade  
Todos temos direitos, de ser tratados com dignidade  
Os direitos são interdependentes sendo então equivalentes  
Com nossas diferenças, peculiaridades e especificidades  
Por que será que a proporção ainda não chegou à equidade?



# Desabafo

*Maria Inês Alves Pereira*

O sentimento é desesperador,  
O ritmo constante das batidas cardíacas,  
Eu só sinto o desamor, eu sei que é uma dor.

Sei que devo cantar e sorrir,  
Mas é impossível viver no mundo do desrespeito  
Não dá mais pra voar, tem que fingir.

O sangue sobe, a lágrima desce,  
É mais uma palavra contra os meus!  
Não tem mais sorriso que floresce.

O preconceito nunca é contra os seus,  
É só uma piada, um olhar, um “não!”  
É uma conversa, é o jeito de imitar, meu Deus!

Por quê? É o cabelo, a cor ou a religião?  
É meu estado, minha fala ou meu amor?  
Venham, digam! Não vão dizer que não!

Também não digam que sim,  
Vocês não sabem nada sobre o mundo,  
Não falem nada sobre mim!

O preconceito se silencia sobre meu poder,  
A minha voz tem que ser mais alta que a dor,  
Isso não pode mais me corroer... nem a você.

Ei, você também não está sozinho,  
Essa luta jamais será fácil,  
Mas estou aqui para te ajudar no caminho.



# Respeite as diferenças

Maria José da Silva



**E**u vim da natureza... foi assim que ela me deu!  
Mas como foi isso? Bom... eu cheguei em algo que é chamado de corpo e com este pude sentir coisas que até hoje sinto, via coisas que até hoje vejo e fiz coisas que até hoje faço.

Em mim, foram nascendo também, como extensões que fui entendendo aos poucos, o meu aprender. Aqui, já tinha gente! Depois, deu-se em mim que eu era gente! Foi essa gente quem primeiro me entendeu, me recebeu e mostrou-me muitas coisas! Uma delas era... fala!... Anda!... Faça! Mas senti que não podia fazer tudo... algumas esse corpo não conseguia dava! Foi assim que eu vim! Havia gente parecida comigo... parecida! Após tudo isso, comecei a compreender que todas essas coisas recebem o nome de criação, e eu possuía as minhas próprias nesse corpo, elas me fazem sem igual!

A cor da minha pele, a forma dos meus olhos, o som da minha voz e muito mais me fazem diferente e, assim, eu existo! Dentro de mim, tem algo que me mobiliza, mesmo quando não estou mexendo meu corpo, isso me faz imaginar e sentir; despertar em mim aquilo que se chama querer, daí eu vou e faço! Veio tanta gente dizer que era errado! O errado é assim um “não pode”!

Com esse som, eu sinto o não querer existir pra essa gente... daí eu percebi que isso se chama intenção, que podemos oferecer isso às pessoas e de presente!

Existe um monte dentro de nós... hora a gente quer, hora não quer, e é preciso parar de oferecer quando não se quer. Ela pode demorar muito tempo, é uma força que me faz querer existir ou é a própria natureza que me quer!



# Simplemente crianças

*Maria Sueli Fonseca Gonçalves - Suelizinha*

**Q**uem imaginaria que dois meninos pudessem se encontrar, já que eram de tempos bem distantes, e mais, que não tinham vivido na mesma época?!!!

Pois bem, isso acabou acontecendo...

Foi num final de tarde, no deserto do Saara, quando um menino chorava, desconsolado. Ele gostava de ver o pôr do sol, quando se sentia melancólico, e no dia em que aconteceu esse encontro inusitado, ele estava muito triste, como antes nunca tinha estado, até chegar à Terra.

Estava desolado, porque sentia muita saudade de alguém. Queria voltar para o seu planetinha, mas não sabia como. Estava arrependido por ter deixado a sua rosa sozinha e indefesa.

De repente, um barulho chamou sua atenção.

Quem estaria ali?

Algo havia despencado de algum lugar. Mas, de onde? Do céu? De um livro?

Havia outro menino ali! Todo desajeitado, despenteado, com a roupa amassada, sapato só em um pé; o outro estava afundado na areia, pela queda que tinha sofrido, brusca e inesperada!

— Como chegou por aqui?

— Escapei de um livro. Juro que não planejei... Ninguém vai acreditar, talvez nem você, porque há alguns fatos do passado que me incriminam, que me condenam, travessuras em que me aventurei sem pensar nas consequências, encrencas onde me meti, tanta coisa... mas eu mudei! Descobri meu coração e de boneco de madeira me transformei em um menino de verdade!

— Você é o Pinóquio???

— Sou, e você quem é?

— Adivinhe... Vou dar umas pistas... Ao contrário de você, fiquei conhecido por ser um menino bom, respeitado... Disse frases tão bonitas, que ficaram famosas e conhecidas no mundo todo! Poucas vezes me viram como um menino comum, travesso e inquieto, aventureiro e exatamente igual a todas as crianças, igualzinho a você!

— Espere aí!!! Você é o Pequeno Príncipe???

— Sou, sim!

— Que legal! Vamos brincar um pouquinho?

Do jeito descomplicado que as crianças têm para solucionar os maiores problemas, saíram correndo, um atrás do outro, rindo e se divertindo a não poder mais!

“Correram pelo deserto

Até o fim daquele dia

O choro virando riso,

A dor virando alegria.

Desta vez o pôr do sol



Espantou melancolia.”

Os dois meninos, cativados um pelo outro, tornaram-se amigos.

Muitas vezes, nessa curta convivência, por mais que pareça estranho, foi o Pinóquio quem consolou e ajudou o Pequeno Príncipe em suas fraquezas e decepções.

Em outros momentos, foi o Pequeno Príncipe quem animou Pinóquio, segurando-o nas tentações, vacilações e incertezas.

Mas o inevitável aconteceu: tinha chegado a hora de se despedirem.

“Afinal, os dois sabiam

Que uma separação

Não encerra uma amizade

Nascida do coração

Que cada um deles tinha

Inadiável missão.”

Tudo terminou bem.

Pinóquio voltou para o seu livro.

“Pinóquio se encorajou

O peito se inflou de glória.

Também preciso voltar

Pro livro da minha história!

Imagine se as crianças

Perderem a minha memória...”

E o Pequeno Príncipe?

Ele foi ajudado por cegonhas migratórias, que passavam pelo deserto do Saara para descansar um pouquinho, antes de continuar a viagem de volta para os seus lugares de origem. E conseguiu, finalmente, voltar para sua rosa!

“Uma daquelas cegonhas

Lenço de seda usava.

Sentiu seu corpo suspenso.

O Príncipezinho voava!

Olhou para sua estrela

Sua rosa o esperava!”

Pinóquio e o Pequeno Príncipe, verdadeiramente, não eram assim tão diferentes um do outro, eram crianças, simplesmente crianças...



# Amanheceu

*Marina Estela Cavali*

Amanheceu...

Muriel vestiu sua saia preferida  
Mesmo não sendo benquista, pela pública crítica  
Julgada por não ter uma beca mais comprida

Camillo partiu com suas rodas na mão  
Passando por ruas de contradição, muitas vezes na contramão  
No desenho universal deixado como rascunho no papel de pão

Augusto tem envolto em si um cordão de girassóis  
Refletindo como grandes faróis, o seu imenso mundo a sós  
Para não ser reduzido a uma composição com alguns poucos bemóis

Neci escolhe para suas tranças a cor, cor de rosa  
Sente em sua pele a observação furiosa, de gente pavorosa  
Que não deseje viabilizar a retinta como uma cor gloriosa

Darcy antes de sair, guarda em sua bolsa seu brilho labial  
Seu estilo visto como proverbial, o que seria natural  
Se não fosse a sua moradia nesta sociedade conjectural

Pedro carrega o que conseguiu, em uma única sacola  
Vida social somente na escola, no futebol ele desenrola  
No embate com a realidade são poucos os momentos que o consola

Todos caminham para o hoje e para o agora  
O hoje é de compreensão, de evolução, de revolução  
O agora é respeitar, é aceitar, é amar

Amanheceu.

# Uma infância livre para uma bela velhice

Marlene Gomes Guimarães de Oliveira



**E**m uma pequena cidade de São Paulo, morava Isabel, uma menina que tinha um comportamento que chamava muita atenção da vizinhança.

Isabel jogava bola, empinava pipa e andava de carrinhos de rolimã pelas ruas esburacadas. Era uma menina feliz e amiga de todo mundo.

— Duas vizinhas da rua, quando estavam na calçada conversando, sempre comentavam:

— Dona Clara, olha a Isabel, brinca um pouquinho com as outras meninas e depois se junta com os meninos e vai jogar bola, correr, empinar pipa... vive toda suja de barro. Se eu fosse mãe dela, dava um jeito nisso. É de pequeno que se torce o pepino!

— Deixa disso, dona Maria, é criança, uma menina feliz! Olha só, parece que as outras que brincam de boneca têm até inveja dela! Eu que não pude brincar na minha infância, tive que ir pra roça ajudar meu pai, fico feliz de ver criança brincando, seja lá do que for!

— Eu também não pude brincar na minha infância, tinha que ajudar em casa, e sempre achei que brincar de boneca, casinha, escolinha é brincadeira de menina, por isso eu estranho. Mas hoje é outro tempo né? Pensando melhor..., a senhora tem razão, a Isabel parece tão livre e feliz que dá até vontade de jogar bola junto com ela.

— Pois é, minha amiga, a alegria dela contagia até a gente, não é? Essa história de brincadeira de menino e de menina separada foi coisa do nosso tempo. Criança tem que ter direito de brincar e experimentar todas as brincadeiras.

E assim, dia após dia, as vizinhas ficavam falando da vida, vendo o tempo passar e observando que a atitude daquela menina estava mudando os olhares dos mais velhos sobre suas antigas crenças.

Junto com Isabel, muitas meninas também foram experimentando as brincadeiras de meninos, e os meninos experimentando as brincadeiras de meninas. Com o passar do tempo, aquela rua se tornou um pequeno laboratório de experimentos esportivos.

O time só aumentava. Uma menininha chamada Antonella, que morava na rua de cima, juntou-se à trupe e foi para a rua jogar bola também.

E assim, as senhoras, que antes só ficavam vendo o tempo passar, começaram a se entusiasmar e pensaram em praticar algum esporte.

Ficaram sabendo que existia o Vôlei Adaptado, pois se mudou para a rua a dona Monica, que já jogava em outra cidade, e trouxe a novidade para o bairro.

Chamaram outras mulheres e formaram um time que ficou bem forte e participou de campeonatos regionais.

Bom, e o que começou como uma brincadeira de criança, se tornou um modelo de projeto para a velhice, pois a imprensa descobriu essa história e começou a divulgar nas diversas plataformas de comunicação.

E eu, esta escritora que vos fala, inspirada por tudo isso, comecei a fazer natação com 63 anos, e quero aprender a andar de bicicleta.

Que as crianças, adultos e os mais velhos possam ter direito de fazer qualquer coisa que os tornem saudáveis e felizes.

Que tenhamos uma infância livre de preconceitos e estigmas e possamos construir um mundo mais justo, igualitário, com uma vida recheada de desafios e bons projetos.

E como disse a antropóloga Miriam Goldenberg, em seu livro *Velho é Lindo*: “Que tenhamos todos direito a uma bela velhice!”



# Diversidade

*Meire Berteli de Souza*

Vivemos em um mundo perverso  
E sem solução,  
Onde ainda se discute,  
Cor, religião...

Pobres almas  
Expurgando toda a sua dor  
Depositando nos outros  
Sua falta de amor.

Cada um no seu quadrado  
Procurando se enquadrar  
Em um mundo dito perfeito  
Onde perfeição não há...

Que haja diferenças  
Que haja igualdades  
Que haja um mundo justo  
E muita diversidade

Quem sabe nestes meus versos  
Encontre a solução  
Do sujeito sem alma  
Que procura se eximir  
Da pior das doenças  
Que é o “não admitir”.

Que estes versos te incomodem  
E te façam expurgar  
Todo o preconceito  
Te fazendo pensar.

Que diversos são os sentimentos  
Que te permitem amar...

# O ser mulher

Michelle Martins de Souza Ganden



Desde pequenas, aprendemos a brincar de “coisas de meninas”. O ninar a boneca e fazer a comidinha parecem ser tão normais. “Menina senta direito” e “toma cuidado” com algumas atitudes em relação ao corpo (suas e dos outros) fazem com que crescamos achando que há algo errado em ser menina. E, com a puberdade, só piora... “Coitada menstruou” ...E se forem de uma família religiosa, como é o caso da maioria das meninas que hoje têm seus 40 anos, então, nem se fala...

Neste cenário, temos mulheres que crescem achando que há algo errado nisso tudo, mas que ainda não conseguem saber ao certo o que é. Aquela mulher que chega à juventude querendo se “rebelar” dessas amarras. Algumas acabam seguindo um feminismo, muitas vezes, extremo. Mas outras, em busca de autoconhecimento, encontram algo mágico... Percebem que podem ter os ideais feministas sem perderem sua feminilidade! Quem disse que para serem felizes precisam casar, ter filhos, cuidar da família. Descobrem a porta que as liberta das amarras de uma sociedade patriarcal.

Ser uma “mulher medicina” é, primeiramente, mergulhar dentro de si e fazer as pazes com você e com sua ancestralidade. Honrar sua mãe... Honrar seu passado... Através desse autoconhecimento, descobrirão “Lilith” a mulher que “Adão não quis” por ter ideais igualitários e aquele peso que nos fizeram carregar (o peso de sermos descendentes de Eva) já não faz mais sentido. E tudo parece que começa a se encaixar.

Então, ao aprofundar nossos estudos, chegamos ao poder do útero. Entendemos que esse órgão tem a função de gerar, mas que esse “gerar” é muito mais amplo do que aprendemos. E é exatamente aqui que está a chave que pode mudar a vida de muitas mulheres... Daquelas que acham (afinal, foi o que nos foi passado desde criancinhas) que gerar um filho é a função máster de todas nós, mas que no fundo não sentem o chamado (sim, a maternidade não é obrigação). Quando descobrimos que com nosso poder e energia concentrados nesse órgão sagrado podemos cocriar o que quisermos, até mesmo uma vida, se assim desejarmos, um poder libertador nos é dado.

E, continuando nossa jornada de autoconhecimento, perceberemos que nem todas nós nascemos com o chamado para a maternidade. E está TUDO BEM! Sim, está! Porque descobrimos que podemos ser mulheres completas gerando outros projetos, seja o que for que nos faça felizes e completas! E, principalmente, sem peso na consciência e sem ligar para os julgamentos de uma sociedade que ainda está presa a certos padrões. Mas tenho fé que, em breve, “a mulher medicina” será a realidade de todas nós... Porque somos uma...



# O beco das panteras

Mônica Battista

Naquela época e especialmente naquele bairro, os papéis femininos e masculinos ainda eram muito bem delimitados, como se o pós-feminismo não tivesse alcançado aquelas bandas: eram as donas de casa (mesmo que tivessem um emprego) e os provedores.

Era um bairro pequeno, na beirada do município. Havia a igreja, claro, e junto dela o colégio, apelidado de “dos padres”. E eram grandes, a igreja e o colégio; ao menos aos olhos das crianças que os frequentavam: muitos cantos e recantos, por onde as aulas do primeiro grau, as quermesses de junho, as missas e as reuniões do clube de mães aconteciam. Havia até um teatro onde as alunas do curso de ballet clássico se apresentavam no final do ano.

Era num desses lugares, mais precisamente em um vão formado quando o grande portão na parte de trás da escola ficava aberto, que as três meninas fizeram seu refúgio. Cada uma contava dez anos de idade e sua amizade sempre as unia na hora da saída, quando se encontravam no tal vão formado entre uma parede e o portão. Ali esperavam por algum parente que iria buscá-las e levá-las para casa, e durante essa espera que não ultrapassava dez minutos, elas se transportavam para uma espécie de quartel general e inventavam histórias, investigavam crimes e assumiam suas identidades secretas: eram As Panteras.

O tempo ali adquiria ritmo diferente e as meninas como que saíam da agitação que era a saída da escola para O Beco, como fora apelidado o esconderijo. As imperfeições da parede rústica se transformavam em botões de controle, pelos quais elas acionavam interfones, abriam e fechavam salas e compartimentos do Beco e registravam todos os relatórios sobre os casos solucionados.

É notável como tudo fazia sentido e parecia tão real quanto a realidade da rotinha escolar. No seriado americano, apesar do evidente apelo à beleza feminina como produto, as personagens eram arretadas: enfrentavam bandidos e solucionavam casos que os policiais homens não tinham sucesso. Ali as três garotas nunca sonhavam com romances e príncipes encantados, mas, entre tranças e marias-chiquinha, eram quem desejavam um dia ser, e sua imaginação era um reflexo sutil de toda a herança deixada pelas feministas dos anos 60: se viam já adultas e não havia resquício de relações de dependência, viam-se detetives, heroínas, fortes; nada parecido com os papéis sociais que a maioria das mulheres desempenhava naquele tempo e bairro.

Suas mães eram mulheres fortes sim - como todas as mulheres o são - desde sempre. Se não lutaram por direitos, o fizeram pela criação dos filhos e por justamente terem de lidar com os tais papéis preestabelecidos, dos quais não tinham muito como escapar. Mas, inevitavelmente, as três meninas não precisariam submeter-se a nenhum daqueles roteiros.

Atrás do portão da escola, mesmo sendo as panteras da série, as reuniões do Beco demonstram como o simples e básico poder de escolha é fundamental. E como é fundamental a sua conquista na História. Que o dia 8 de março seja menos uma data para laços de fita, caixas de chocolate e flores, e mais para relembrar tudo o que foi conquistado e o que ainda há para se conquistar.



# Voleibol da quinta-feira

Mônica Dionísio da Silva

**E**ra quinta-feira, a aula já havia acabado, já era começo da noite, aquele grupo animado na porta da escola organizando a logística do rolê.

Como faríamos para chegar ao local? Quem havia feito a reserva? Quem conhecia o caminho mais rápido? Sim, algo comum para um grupo de adolescentes que se reúne na porta da escola antes de um passeio.

Mas esse grupo não era de adolescentes, e sim, um grupo formado por maioria de professores da unidade escolar. Sim, além de dividirem a jornada durante toda a tarde, estenderiam a convivência às quintas-feiras para o já tradicional voleibol.

Um momento da semana muito aguardado, onde risadas, lesões, analgésicos, esparadrapos, angústias, que só um professor carrega consigo, eram divididos, a prática é tão importante, pois é despreziosa de obrigações e caprichos técnicos, embora alguns lances dignos de um voleibol de alto nível surjam raramente, na frequência de uma chuva no deserto, mas eles acontecem.

O voleibol de quinta-feira começou tímido, com poucos membros da comunidade escolar, mas, como fogo em pólvora, a notícia se espalhou e colegas de outras unidades e turnos distintos ingressaram. Com o tempo, esse momento de lazer foi se tornando tão especial que sua interrupção, por motivos variados, era sentida como um feriado que cai aos domingos.

Às quintas-feiras, éramos a Rosa do “Pequeno Príncipe”: “Se tu vens às quatro da tarde, desde as três eu comecei a me sentir feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz.” Já amanhecíamos felizes, ministrávamos nossas aulas, almoçávamos, cuidávamos das tarefas domésticas com a expectativa do voleibol da quinta-feira.

Na verdade, é difícil dizer se são as demandas do cotidiano que tornam essas práticas pequenos oásis, ou se é o prazer da companhia desses amigos que, apesar dos pesares, insistem em viver fazendo boas memórias.

Foi o rabino, filósofo e ativista dos direitos civis Heschel que dizia que quando “marchava junto a Martin Luther King sentia que minhas pernas rezavam”. Talvez o voleibol da quinta-feira seja a nossa oração, nossa forma de resistir a despeito de tamanha violência que a escola tem sofrido.

Um sentimento, quase indecifrável, que permeia toda comunidade escolar e transborda nos estudantes.

Sim, somos professores, inspetores, merendeiras, coordenadores, gestores com dom de ensinar as novas gerações, algo tão valioso quanto as ciências humanas, biológicas e exatas. Somos capazes de educar o valor da convivência, da amizade, do respeito, da diversidade, uma gente que existe coletivamente, e que vê no outro o sentido de sua luta, e que luta todos os dias pelos seus direitos.



# A igualdade é possível!

*Mônica Heloísa Braga Vasques*

Ações para diminuir as desigualdades devem ser eficientes.

Infelizmente esta questão se agrava por não tratarmos todos iguais. As desigualdades e a violência geram crimes de ódio, preconceitos (religiosos, contra etnias, mulheres homossexuais, imigrantes. ..) entre outras coisas.

Uma violência se instala.

A ideia de igualdade necessita ser fortalecida e revigorada.

Lenta é a conscientização das pessoas.

Diversidade tem ocupado lentamente o sinônimo de igualdade.

As agressões físicas e psicológicas

Devem passar por um processo de conscientização e de educação.

Em uma época de pós-modernidade, cresce o contingente de desiguais.

É com certeza, que tudo começa pelo respeito.

Podemos ser diferentes uns dos outros, mas se houver respeito, a desigualdade reduzir-se-á.

O mundo anseia por isso.

Seus efeitos podem demorar.

Sonhos de estabelecer relações de igualdade em termos relacionais se fazem urgentes.

Idealizados para iluminar as pessoas e combater a violência.

Violência contra a mulher, brigas de torcidas, o desrespeito para a cor da pele, o tipo de cabelo, das preferências de cada um...

Eu te respeito, portanto me respeite também.

Livre-se de ações prejudiciais a quem quer que seja.

Respeite para ser respeitado.

# Entrevista

*Monica Leopoldino Silva Fernandes*

Ela pigarreava na sala de espera, a tensão era grande, muito maior do que quando esperava seu filho, pois ali ela não podia sentir que chegaria logo, que se mexia ou que estava crescendo. Era uma aposta, tudo o que tinha era seu currículo, seus cursos e uma pequena experiência, o currículo fora entregue em mãos, porque assim demonstrava mais compromisso e interesse. Estava cansada, mas precisava sorrir e parecer disposta, afinal, quem contrataria uma atendente com maus modos?

O tempo ia passando e a ansiedade ia crescendo. Queria saber do filho que deixara aos cuidados da vizinha, se estava chorando, se sentia saudades. O garoto tinha dois anos e, se tudo desse certo, teria mais biscoitos e um leite de melhor qualidade, depois daquela entrevista. Olhou para as outras pensando se teriam filhos também, viu que eram muitas, considerando a única vaga divulgada no site de empregos, lamentou ter que competir, olhou no relógio e tinham se passado apenas 4 minutos desde a última olhada.

A janela estava aberta e ventava muito, ela queria fechar, mas ficou sem jeito para pedir permissão à moça que carimbava papéis. Estava faminta e cansada, porque era longe, mas ela se acostumaria logo, o importante era ter uma oportunidade, era conseguir entrar no mercado. Oportunidade, conseguir, conquistar. Aquelas palavras não lhe saíam da cabeça. Quando foi à casa da prima para pegar um sapato emprestado para ir à entrevista, recebeu algumas dicas, entre elas usar essas palavras, mostrar-se segura, ter postura firme e mostrar-se disposta. Lembrando disso, a jovem se questionou sobre o que seria essa tal postura, o que deveria de fato fazer e de onde tiraria essa tal força.

Ela não seria a primeira a ser chamada, mesmo tendo chegado quase uma hora antes do que fora marcado, então sabia que demoraria um pouco para que aquela queimação no estômago fosse embora, junto com o nó na garganta. Os pensamentos foram longe, não tinha como se distrair com o celular, porque o pacote de internet era curto e não teria coragem para pedir a senha do wi-fi, assim estaria estranhamente livre, à mercê dos pensamentos, de suas capacidades e juízos.

E quando a cabeça ficava por conta própria, ela pensava no que seria o futuro. Como não era acostumada a planejar e antecipar, ela pedia, mentalizava, orava. Às vezes, nem sabia bem a quem pedir, pensava nos anjos e nos que já partiram, outras vezes falava com Deus. E ela também não sabia como pedir, se falava formalmente, se repetia uma oração antiga, se era irreverente, se implorava, se dobrava os joelhos. Talvez, por isso, tivesse desistido há algum tempo, talvez porque não soubesse bem o que queria e até mesmo porque, de vez em quando, não acreditava.

Mas naquele dia, olhando para fora da sala de espera, tentando fugir daquele cheiro que juntava perfumes diversos e do medo de ter que falar formalmente com uma pessoa desconhecida, ela resolveu pedir ao vento. Olhou fixamente para tudo que ele movimentava e pensou na força invisível que tinha, prestou atenção no barulho que fazia, uma espécie de canto para guerra, um mantra repetido, mesclando agudos e graves e aquilo a chamava, atraía, e quanto mais pedia, mais força adquiria, estufava o peito, sentia no coração um ritmo renovado.

Naquele contato íntimo com a natureza, ela foi capaz de sentir-se parte dela, sentiu o vento na cara, sem medo ou vergonha, esticou o pescoço para fora da janela. Pensou há quanto tempo não fazia aquilo e no porquê da demora.



Estava, até então, desconectada de sua essência e aquele ar todo na cara trazia uma reconexão. E ela, agora que se ligara a algo transcendente e próximo como o vento, não queria mais voltar para a sala com todas suas demandas e expectativas duras. E quando olhava para fora com mais atenção, conseguia ver o vento a partir de sua ação intensa sobre a terra.

Estava rezando para o vento, orava, rogava, sentia um amor natural e intenso, um amor que a sacudia, que fazia com que o vento fosse também a sua natureza, que mostrasse sua destinação para a força e o seu próprio poder invisível, pois ela também era vento. E ela agora falava, não pedia nada específico, apenas a oportunidade, e depois nada em palavras, era apenas energia. E, aos poucos, foi ganhando força! Sentia-se pronta para enfrentar, para seguir, para vencer a fome e o cansaço, para vencer o medo de não conseguir e não alcançar. E ela ganhava tal força!

Um som externo e estranho a chamou para dentro, era a voz da jovem carimbadora chamando para a entrevista na outra sala. Ela ajeitou os cabelos, esfregou as mãos uma na outra, pigarreou novamente e se levantou da cadeira. Quando tinha que pensar no que dizer, nas dicas da prima e na tal postura, não conseguia, pensava apenas em como seu rosto estava frio, em como sua temperatura se chocava com a da sala. Ela tocou a própria bochecha antes de mover-se em direção à porta onde a carimbadora esperava impaciente, olhando-a de cima a baixo e chegando a balançar a cabeça diante da demora. Ela nem notou, tocou novamente a bochecha, agora com a outra mão, e voltou a sorrir.

Entrou na sala com um meio sorriso, viu que o homem sentado do outro lado da mesa tinha um ar inconformado e sentiu que aquilo tinha relação com sua presença ou sua figura. E quando estava prestes a intimidar-se, a se sentir pequena e novamente insegura, olhou pela janela atrás do entrevistador e viu o movimento na copa da árvore, era ele, o vento, com seu poder que parecia tocá-la. Fortalecida pelo ar em movimento, ela respondeu as perguntas e falou sobre si mesma, sem muitos adjetivos autoelogiosos. Ouviu do homem com voz desdenhosa a clássica frase: - Até amanhã ligaremos, quer a resposta seja positiva ou não. A moça agradeceu e saiu para o vento, com desejo de rodopiar, dançar e sorrir, era como se estivesse religando-se a uma ancestralidade, a um passado original e originário.

A força que habitava e compunha a natureza era salvadora, libertadora e amorosa, mas infelizmente não era capaz de mudar as mentalidades nocivas e nojentas, que ela reconheceria ali presentes. Antes de deixar a empresa, passou no banheiro e, de dentro da cabine privada, ouviu a carimbadora entrar falando com uma companheira, ela reclamava do chefe e dizia que ele não tinha gostado da pré-seleção das candidatas:

- Fiz pelo currículo e não pela aparência!
- Claro, esse negócio de foto no currículo é proibido, ele sabe disso.
- Pois é, ele veio reclamar que as únicas que sabiam alguma coisa, que eram capazes de aprender o serviço, eram as negrinhas.
- Mas como você ia saber? E isso não tem importância.
- Foi o que eu disse a ele, mas ele respondeu que as pessoas que iam trabalhar com o público, iam ser a cara da empresa, não podiam ser...
- Com o que eles pagam, querem o quê?



Ela ouviu as torneiras se abrindo e depois se fechando, pensou que se não tivesse recebido aquela força da natureza, choraria, abriria a porta e deixaria que a vissem destroçada por mais uma negativa a ela, aos seus e a tudo o que representava. Aguardou antes de abrir a porta e urrar por dentro. Quando saiu, foi direto para o vento, doando-se e pedindo-lhe e caminhando a favor dele, ela foi para a casa, pensando em se capacitar mais e mais para vencer na vida, vencendo antes o racismo.

Ainda que alimentada pelo poder do ar, ela cedeu, reclamou em silêncio por causa do esforço que teria que fazer e recordou feitos do passado, quantas vezes tinha passado por isso? Quantas ainda teria que passar? Em casa, abraçou e beijou o filho e o levou para fora, para sentir o vento. Nos dias que se seguiram, como era de se esperar, não recebeu nenhum telefonema. Resolveu ligar, queria ouvir deles que a negativa tinha alguma relação com aparência, mas ouviu que a vaga tinha sido preenchida.

Três dias depois daquela decepção, resolveu voltar à carga procurando por novos anúncios e foi neste momento que teve a confirmação da mentira que ouvira como resposta ao questionamento sobre o resultado de sua entrevista, pois lá estava a vaga, que era certamente a mesma, no mesmo endereço, para o mesmo cargo, no mesmo site. Sim, era a mesma empresa, a mesma sala de espera, a mesma carimbadora, o mesmo entrevistador, o mesmo racismo! E, desta vez, frisaram que estavam procurando por uma jovem para ser “relações públicas”, que deveria ter como formação o Ensino Médio, ter alguma experiência e principalmente ter boa aparência.



# Quando crescer, eu quero ser!

*Natali do Nascimento Batista Aragão*

**Q**uando crescer, quero ser atriz. ATRIZ!  
Não, quero ser bombeira.

Na verdade, queria ser uma daquelas pessoas que descobrem alguma coisa muito importante e ficam famosas por isso. Ganhar nome de praça ou de algum elemento da tabela periódica.

Minha mãe diz que, para eu ser alguma coisa, é preciso estudar muito. A comadre dela, Alice, estudou muito, mas a luz de sua casa vive cortada. Vai entender...

Tem gente desmatando florestas e ganhando muito dinheiro. Em abril, plantei uma mudinha de laranjeira no quintal, tomara que cresça rápido. Estou ansiosa para que vire uma árvore! E eles cortando tantas... acho que não sabem aproveitar uma sombrinha.

Dia desses, mamãe convidou Alice para comer bolo de laranja em casa. Alice comeu muito e pediu para levar um pedaço. Fiquei tão chateada, queria comer no café da manhã...

Quando a porta bateu, reclamei.

Mamãe pediu para me acalmar e imaginar que a vida fosse um bolo, como aquele do café da tarde. E que, nesse bolo, a pobre da Alice sempre ficava com o menor pedaço. Nós também.

Naquele dia, acho que comecei a entender.

— Mas esse bolo, a Alice ajudou a fazer, não é, mamãe?

Será que, algum dia, receberemos fatias iguais? Quando receberemos as mesmas oportunidades? Quando será esse dia? Daqui a um mês, um ano?

Eu não sei, mas ao olhar nos olhos da comadre Alice, percebi que esse dia não é hoje.

O mundo acaba um pouquinho, cada vez que uma criança pensa que não pode ser o que ela quiser.

— Mamãe, qual é o curso que ensina a gente a cortar fatias iguais?

# Ressignificando o olhar

*Natalia Sanches Couto*

109



**E**le sente a natureza, ela o encanta. Com um olhar simples de criança, mais sensível que dos demais, brinca, rasga, pica e se satisfaz.

Os gravetos giram, rodopiam, para um lado e para o outro em suas mãos.

Assim como o seu corpo, para um lado e para o outro, procura uma conexão.

A areia escorre pelos seus dedos, os grãos caem em seu corpo. Seus olhos se fecham, o sorriso aparece, a sensação de bem-estar encanta quem a cena para para observar.

As crianças aprenderam a entendê-lo; sendo assim, participam de seus desejos. Onde antes habitava o medo, agora se constrói um laço de amizade verdadeiro.

Os amigos o chamam, querem a sua presença. Nas brincadeiras infantis, enxergo toda a pureza. Aquela pureza que encanta, que aparece nas risadas e gargalhadas, que traz a leveza que da infância não pode ser tirada.

Suas palavras ainda são em gestos. Quando as suas mãos pequeninas encontram as minhas, sou convidada a compreender o que tanto anseia fazer.

Entro no seu mundo, me desconstruo, aprendo um novo jeito de olhar, de refletir e resignificar. Não vejo mais as dificuldades e sim suas potencialidades.

Ele me ensina diariamente que, antes de tudo, é uma criança que enxerga o mundo de uma forma diferente, de um jeito que apenas quem o ama entende.

Ouçó ainda falas preconceituosas, que acreditam que a solução para os desafios é separar, o que eu entendo como segregar.

Ao ouvi-las, explico que o que faltou na nossa geração, a empatia pelo “diferente”, me motiva a trabalhar, conhecer e estudar para que os que por mim passar vejam o mundo com um novo olhar disposto a incluir e amar.



# Libertar

*Natasha Sonna Santos Verde*

O outro dia me olhei no espelho e não vi ninguém, uma imagem ganhou diversas formas, mas nenhuma delas era eu. Ou será que todas eram um pedacinho do que nunca fui? Sinto-me adormecida, emaranhada em diversas camadas que me sufocam. Não me via mais. Preciso anestesiá-la ou correr para existir? Rapidamente me liberei de tudo, camada por camada, cada uma com um peso diferente. Finalmente vi uma luz refletida em meus olhos, parecia uma chama que ardia novamente, ela é viva, profunda, acho que vi algo que estava escondido há muito tempo. Ela está aqui! Percebo agora a minha forma aparecendo no espelho novamente, resgato a minha identidade, ela não é mais frágil, já que aceitei buscá-la no deserto de minhas profundezas. Algo morreu para que ela pudesse renascer. Sinto-me livre ao arrancar os poderes que tentaram me aniquilar, como o machismo, o preconceito, a desigualdade de gênero, apenas por ser mulher. E, agora, as escolhas que faço geram muita liberdade, já que aceitei me libertar nos possíveis de mim mesma, com a certeza de que lá não quero mais ficar.



# Diferente Macabéa

*Nelsi Maria de Jesus*



O nascimento não foi um acontecimento feliz. Em lugar de acolhimento, um sentimento cinza, áspero, hostil... A REJEIÇÃO. A pequena ainda não sabia, na verdade não entendia, mas, de alguma forma, sentia: teria de conviver com essa asquerosa rejeição ao longo dos seus dias, seria uma vida doída, sofrida.

Sua narrativa iniciou assim que foi fecundada, sua mãe, ainda jovem, foi expulsa de casa assim que anunciara sua chegada, era comum em meados dos anos 50 e, também nas décadas seguintes. Sua genitora - sabe-se lá se por desespero – tentou interromper sua chegada por uma, duas, três, muitas vezes... Mas a pequena resistia, pequena em tamanho, mas gigante em teimosia. Resistia. VIDA que teimava, teimosa vida!

Sobreviveu ainda sem identidade... não só identidade no conjunto de características, é para além, sem registro mesmo. Pois se não a quiseram, até parece que a registrariam. INDESEJADA!

O tempo foi passando e, com cada primavera, a menina crescia como uma flor. E esse dia após dia fazia com que ela começasse a entender o seu lugar no mundo, começasse a entender quais eram os contornos do seu mundo. Ainda pequena, como toda guria, queria brincar e ganhar presente, ela queria tanto ganhar um guarda-chuvinha amarelo, talvez, inconscientemente, para se proteger das ausências, das maldades, das tristezas e indiferenças. E amarelo porque era a cor do sol e sua cor favorita.

Entre verões e primaveras se sucedendo, alguns invernos eram mais longos, intensos e presentes. Mas o tempo não para, nunca para.

Com mais idade, o seu gosto pelas letras, canetas e lápis coloridos surgiu. Com esse gosto, a figura de um homem, sereno e bonachão, que tinha uma pena com a qual escrevia cartas aos familiares mais distantes. Ela ficava admirada e toda encantada com a sabedoria daquele homem que ela amava e cuja figura marcou sua vida e determinou seu caráter. Foi ele quem a presenteou, não só com um guarda-chuva amarelo, mas com nome, sobrenome, condição de vida e afeto.

Adotada, começou a realizar o sonho de frequentar a escola. Poderia ser uma fase incrível de muitas maravilhas, mas essa mesma fase com a qual a pequena tanto sonhava foi a que lhe apresentou, mais uma vez, as maldades, as crueldades do mundo. Era tratada com indiferença na nova casa (era assim que os adultos chamavam a escola, pois ela passava boa parte do dia lá). Nos bilhetes que convocavam a família para reuniões e os convites de festas escolares nunca a representavam... “Dia dos pais”, “dia das mães” e sempre era questionada: “Seu pai não vem?”, “Ela não tem mãe”.

Alguns outonos marcaram a passagem de mais alguns anos, e a menina tornou-se uma moça. E adolescente, ansiava ainda mais por PRESENÇA... Presença de amor, de abraço e carinho, especialmente do pai e da mãe. Nunca teve.

A menina se mantinha forte, obstinada, sabia de suas limitações e acreditava que conquistaria seu espaço, e foi assim que, como uma borboleta, saiu do casulo e tornou-se moça forte, obstinada que nunca desistiu dos seus sonhos e enfrentou o mundo, caindo algumas vezes e se levantando em todas!

Ela havia aprendido com aquele velhinho bonachão e com todas as adversidades que a trouxeram até ali. Entendia que a vida era assim, com seus altos e baixos. Quando pensava em desistir, quando fraquejava, se lembrava de tudo que



já tinha vivido, respirava fundo, erguia a cabeça com os olhos fixos no seu ideal de ter sua identidade. Seu lugar ao sol lhe era muitíssimo caro. Vida que seguia teimosa, contrariando as estatísticas. Mulher mineira que nasceu em berço pobre, tornou-se órfã de pais vivos, foi adotada e precisou, na maior parte do tempo, estar por si. Ela tinha tudo para morrer no chão árido de tristeza ao qual foi submetida, mas resistiu.

Lutou com determinação e coragem. Mudou seu destino traçado ainda no ventre. Abraçou a vida com energia e paixão. Quebrou alguns tabus, venceu preconceitos e, na luta para conquistar seus direitos, travou batalhas silenciosas em que muitas lágrimas rolaram e outras tantas foram engolidas. Indigestas lágrimas, mas que ensinaram que o amargo também existe.

Ela venceu por sua ousadia de viver, porque o mundo é de quem se atreve. ATREVIDA? Que bom, foi! Hoje, mulher adulta, após tantas batalhas, celebra seu direito à vida, celebra o lugar ao sol que hoje é seu! Na jornada, alguns desistem, mas não ela. Nunca ela!

# João, o menino preto

*Nilda Aparecida Conrado de Paula*



**E**ra setembro, mês em que ele chegou lá na fazenda. Era mirradinho, olhos grandes e negros, cabelo enroladinho, nariz achatado, e o mais que chamava atenção era sua cor. Preto. Bem pretinho.

Minha vó, ao avistá-lo no colo do meu avô, foi logo gritando na sua língua enrolada de italiana.

— O que é isso?

Seus olhos azuis quase saltaram da face quando conseguiu identificar aquele serzinho, pequenininho, encolhido, enrolado num cobertor sujo de tecido ordinário.

— De quem é essa criança? - perguntou já censurando meu avô.

Meu avô respondeu calmamente, com a voz de italiano autoritário e lembrando que ali naquela casa quem mandava era ele. E que a criança ele tinha trazido da cidade, uma mulher deu para ele porque não tinha condições de criá-lo.

E, assim, foram passando os anos. João foi o nome dado a ele, mas o chamavam de Joãozinho, porque seu tamanho era bem menor do que as outras crianças da redondeza. Sua alimentação não era igual a dos demais da casa. Comia as sobras e quando sobrava.

Sua cor destoava das outras crianças que ali viviam. Às vezes, vinham os fazendeiros vizinhos com seus filhos para conhecer João. As crianças apalpavam os cabelos dele e passavam a mão na sua pele. A curiosidade das crianças era infinita.

Mas a infância de Joãozinho não foi nada fácil. Meus avós o maltratavam, batiam-lhe muito sem motivos aparentes, com tapas na cara que sua boca e nariz sangravam. Minha mãe era quem o acolhia nessas horas.

Joãozinho fazia xixi na cama e era espancado, às vezes chegava a ficar caído no chão por longos minutos, as pessoas da casa pensavam que tinha morrido. Ele já não chorava mais, já era adolescente. Quando apanhava, só abaixava a cabeça e sumia no mato da fazenda, voltando só ao anoitecer para encher as lamparinas e comer quando lhe davam ou sobrava.

O pé de João era muito inchado, pois os bichos de pé ali moravam, minha mãe era quem cuidava, costurava suas roupinhas humildes que muitas vezes eram feitas de saco de arroz, dava-lhe sabão de soda para tomar banho no rio e alimentava-o.

A família não via com bons olhos as atitudes de minha mãe. Mas ela fazia quase tudo escondido do meu pai e meus avós.

João era quem alimentava as galinhas, os porcos, os cavalos, cuidava da horta, lavava louça, levava comida para os peões na roça e todos os outros afazeres que minha avó não queria mais fazer. Parecia uma punição por ele estar ali. Sua presença a incomodava e passou a incomodar meu avô também. Por vezes, percebia que ele olhava longamente para João, mas os pensamentos pareciam muito longe.

Um dia qualquer, a família resolveu mudar para São Paulo. Minha avó havia falecido, e meu avô iria morar com uma das suas filhas.



E o João? Veio junto.

Nunca tinha ido à escola, agora com 12 anos morando na cidade grande que era um mundo que não conhecia. Meu avô foi morar sozinho, achou melhor não incomodar a filha. João era o seu serviçal, lavava, passava, cozinhava, limpava e não ia à escola.

João com dezesseis anos resolveu trabalhar. Colhia alface na chácara do vizinho. Precisa contar o que conseguia colher. João não sabia contar.

Nesse momento, as famílias já não eram mais famílias. Meus pais se separaram. Meu avô com doenças foi morar com uma das filhas que não aceitou João. E o João? Ficou sozinho no mundo. Analfabeto, sem emprego e sem onde morar.

Minha mãe o acolheu. Colocou-o na escola. Ele aprendeu a ler um pouquinho. Arrumou um emprego de ajudante de pedreiro. Conheceu uma moça. Casou-se. Não deu certo. Sofreu. Separou-se.

Depois de muitos anos de sofrimento, de discriminação e de abandono, João voltou a estudar. Foi para a faculdade. Conseguiu entrar com muito esforço pelo sistema de cotas. Formou-se em engenharia civil. Casou-se. Teve dois filhos. E a felicidade finalmente chegou para ele.

# A charada de Tucanita

Norma Chie Wakizaka

– *Arriba, arriba! Apura, tiene escuela!* (Acorda, acorda! Rápido, tem escola!) *Madrecita* Tucana, com seu trovejar matinal, acorda os filhotes.

Esta é uma família peculiar, a mãe argentina e o pai brasileiro. Os filhotes *tucanitos* cresceram ouvindo e falando português, uma mistura do português e do argentino.

*Tucanita* e seu irmão *Tucán* arrastam sonolentos para a *cocina*, seguindo o cheirinho das *chipas* recém-assadas e do café com *leche*. Depois do delicioso café da manhã, os *hermanos* saem da casa saltitantes. É o primeiro dia de aula na nova escola.

Na sala já quase cheia, os alunos estão na maior algazarra. *Tucanita* senta na carteira ao lado da *ventana* (janela). À sua frente está uma pombinha de tranças, que olha *Tucanita* e pergunta:

– Oi, você é nova na escola?

– Sim. Sou *Tucanita*. *Mucho gusto* em *conocer*.

– Sou *Paloma*, mas me chamam de Palominha.

– Paloma (pomba)?! He, he, he. Que nome *gracioso* (engraçado)!

– Obrigada. E você, tem algum apelido?

– Claro, meu *apellido* é Santiago Souza.

– Eita, mas isso é sobrenome.

– Ah, *sobrenombre*? Meu *hermano* me chama de Tuca. Só que prefiro *Tucanita*.

– O quê? Paloma não entende nada.

– *No, no, no!* Em espanhol, *apellido* é sobrenome e *sobrenombre* é apelido. Eu sempre troco.

Assim começa a primeira amizade de *Tucanita*, com algumas confusões e trocadilhos de línguas.

Blém, blom! Com o sinal chega a professora, deslizando um carrinho abarrotado de material.

– Bom dia, alunos. Vamos sentando nos seus lugares.

– Bom dia, prô!

A professora, com seu óculos de gavião, varre os olhos de rapina pela sala e se apresenta:

– Eu sou a professora de português, Vera Falcão. Bem-vindos ao 6º ano. Quero que me chamem de professora Vera ou mesmo prô Vera, mas não me chamem de “tia” Vera, combinado?

*Tucanita*, acanhadamente, levanta a mão.

– Sim?

– Desculpe *maestra*. Eu sou *zurda*, posso trocar pra carteira de *zurdo*?

– Ahn? Você é surda? Não escuta nadinha?

Instaura uma pandemia, e os alunos começam a falar:

– Nossa, ela é surda! Ela é muda? Mas tá falando? Como? Acho que ouve um pouco. Ela não tinha que falar com as mãos?!

A tal da Libras?!

– Gente, silêncio! Silêncio - pede a prô, a voz estridente ecoando na sala.



*Tucanita* não entende porque todo aquele alvoroço. Mas logo percebe seu engano:

– *No, no, no!* Não sou surda, sou canhota, que é *zurda* em espanhol. Surda é *sorda*.

No meio da aula, um vento gelado entra pela fresta da porta. Quando *Tucanita* pede para *cerrar* a porta... Todos racham o bico e perguntam se vai serrar a porta com serrote. Ela só queria que fechasse a porta. Depois disso, *Tucanita* queria mesmo era fechar o bico.

Quando *Palomita* pede emprestada a borracha, *Tucanita* esburracha de rir.

– Quá, quá, quá! *Borracha?! Hi, hi, hi.*

– Nossa, *Tucanita*, qual é a graça?

– *Borracha* em espanhol significa bêbada.

– Então como se fala borracha?

– Falamos *goma*.

– Qué, qué, qué. - *Palomita* estrebucha de rir. – *Goma?* Há, há, há.

– Ué, por que está rindo?

– Porque *goma* em português é cola.

– *Cola?* Hi, hi, hi,

– O que foi agora?

– *Cola* é fila em espanhol. E assim continuam encontrando diferenças e semelhanças das duas línguas.

Ao sinal do intervalo, *Paloma* chama *Tucanita*, que responde feliz:

– Espere um *rato*.

Aí, os moleques abelhudos começam a zoar:

– Olha o rato, *Tucanita* vai comer um rato!

*Tucanita* range o bico. Imagina se ela fala dos *cachorros de gato?*

– *No, no, no! Caracoles!* Eu quis dizer espere um pouco. Mas vocês são *una basura* (terríveis)! - esbraveja, *roja de ravia* (vermelha de raiva) e fazendo um bicão.

Depois desse início atrapalhado, *Tucanita* vai saltitante para a escola. Líder nata de brincadeiras, ela chama os amigos depois da aula:

– *Chicos*, vamos *jugar* (brincar)! Façam *cola* aqui e vamos a um *sitio* legal (*sitio* é lugar em espanhol). E por esta os amigos não esperavam:

– Vamos ver os “*cachorros de gato*”! - diz.

– O quê? Que é isso?

– É uma charada! - crocita *Tucanita*.

A *cola* da passarinhada segue ansiosa e angustiada para decifrar a grande charada. *Palomita* imagina um gato adotado por cachorro. Já o Pardal, um cachorro mordido por gato. Ana Coruja, a sabichona da classe, solta fumaça da caixaola.

Nos fundos da escola tem uma casa amarelada e abandonada que ninguém chegava perto. Diante da casa sinistra, o trio amarela de medo:



– *Tu.ca..ni...ta*, aqui não é a casa assombrada? Tô com medo! - choraminga *Palomita*.

– Meu pai disse para ficar longe da casa. Ela pode cair em cima da gente, arremata Pardal.

Ana Sabichona faz um muxoxo e torce o bico:

– Que besteira. Absurdo!

Tucanita, ouvindo a discussão, embica na conversa, atiçando:

– Ei, não vamos entrar na casa, só no quintal. Não querem decifrar a charada?

No fundo da casa tem um buraco no muro, que termina num pequeno bosque.

O grupo, sem dar um pio, avança no meio das árvores e entra engatinhando num túnel de galhos, batendo os bicos:

– CRAAC! PLAFT! Ai! Ui! SHHH!! - ecoa no bosque silencioso.

O trio segue calado, o coração quase saltando pelos bicos:

– TUM! TUMM!! TUMTUMTUM!!!

O túnel se abre numa clareira bem verde. Logo, são cercados por um bando de gatos, gatinhos, gatunos e gatões, gatos de todas as cores e pelos, que miam e ronronam:

– Miau! Miaaaau!! Meau! Meaaaau!! Os gatos reconhecem *Tucanita*.

– Aqui estão, os *cachorros de gato*. Olha os gatinhos pretos. Que filhotes fofinhos, os *cachorros de gato*! - *Tucanita* diz matreira.



# Eu tive um sonho

*Pamela Nascimento Gonçalves Fernandes*

Sonhei que sofria preconceito por conta da  
cor da minha pele e minha classe social,  
o homem que me olhava com desdém  
transmitia fúria ao me ver;  
para desvencilhar daquela situação conflitante,  
procurei um grupo de pessoas que estavam próximas,  
disse o que havia acontecido comigo e,  
de repente, com os braços entrelaçados, Uns Com Os Outros,  
formando um grande círculo, numa única voz  
gritávamos:

- O preconceito não te leva a lugar algum!
- O preconceito não te leva a lugar nenhum!



# Menino passarinho

*Patrícia Dos Santos Ciorfi Freitas*

119



Menino Passarinho é assim, meio avoado, meio “diferentão”.  
Parece meio distraído, como quem não faz conta, não.  
Porém, está sempre ligado, prestando bastante atenção.  
Brinca, às vezes, sozinho.  
Às vezes, acompanhado.  
O importante é a folia, garantir a diversão.  
Pensa que bicho é gente, tem os animais como amigos,  
Daqueles fiéis, de grande devoção.  
Também conhece gente que é bicho, que bota medo e incompreensão.  
Gente que deixa o Menino triste, com um nó no peito, um aperto no coração.  
Entretanto, Menino Passarinho tem um grande coração.  
Valoriza o amor, as amizades, o que lhe é diferente,  
E de todos, a sua individualidade,  
Respeita a Maria, o Pedro e também o Seu João.  
Na sua conta, dois mais dois pode ser cinco, seis, sete ou um milhão.  
Pode se chegar minha gente,  
Sempre cabe mais um, dentro do seu enorme coração!  
O mundo dele é uma bola, grande, colorida e vistosa, de todas as fés e nação!



# Admu e o Quilombo de Saracura

*Patrícia Renata de Toledo*

O dia ainda não havia nascido completamente no Bexiga, bairro situado na área central de São Paulo, quando Admu levantava da sua cama na ocupação onde morava com seus pais e irmãos. Logo cedo, estava desperta para ajudar a mãe a preparar o café e a mísera comida de desjejum para sua família. A menina de sete anos ansiava para chegar à escola e viajar pelo mundo da aprendizagem que seu professor Renato lhe proporcionava.

Morava perto da escola, precisando caminhar por uns dez minutos. Nesse dia, a aula seria muito especial, pois a disciplina trabalhada, história, trataria da mais importante para cada um, a sua própria. Os alunos voltaram para casa com a incumbência de pesquisar sua biografia e compartilhar com a sala no dia seguinte.

O nome Admu é de origem africana e significa “rara”. Começando pela origem de seu nome, a garota compartilhou sua história com os colegas. Seus pais moravam no Nordeste brasileiro. Ambos afrodescendentes, sofriam com a seca e a fome onde viviam, em casas de barro. Conheceram-se e casaram-se no sertão de Pernambuco, depois migraram para São Paulo, na esperança de conseguirem vencer a fome e a seca.

Chegando a São Paulo, não conseguiram emprego facilmente, nem lugar para morar. Dormiram nas ruas algumas noites, mas seu pai, recolhendo recicláveis para garantir pelo menos as refeições, conheceu uma pessoa que morava numa ocupação no centro da cidade, na rua Cardeal Leme, no Bexiga. O homem pediu ao coordenador para que os acolhesse. Assim que se mudaram para lá, seu pai conseguiu um emprego. Passou a trabalhar em uma biblioteca como faxineiro. Sua mãe tornou-se diarista em diversas casas para completar a renda.

Depois de alguns meses, a mãe de Admu engravidou, fez o pré-natal no Hospital das Clínicas, descobrindo que ganharia uma linda menina. O pai dela pesquisou em um livro nomes de origem africana e, assim, batizou a filha.

Para seus pais, ela era linda, com sua pele cor de ébano, mas logo na creche começou a sentir a dor do preconceito. Algumas crianças zombavam de sua pele negra, seu cabelo crespo e armado. Ela ficava triste, decepcionada ao ver que até mesmo as outras garotas e os outros garotos negros não se revoltavam, nem se mobilizavam contra este preconceito, pois eram em maior número e poderiam mudar essa condição. Até mesmo as professoras e outros funcionários sofriam com xingamentos e zombarias e pouco era feito para reverter essa situação.

Contudo, nem todos mostraram essa intolerância. Seus amigos da ocupação, que eram brancos, não viam diferenças entre si, mas se identificavam como crianças, que estudavam na mesma creche, tinham condição de vida similar e eram amigos.

Essa foi sua história, ou autobiografia, que compartilhou com o Professor Renato e com seus colegas de classe. A narrativa sensibilizou a turma. Todos perceberam que se sentiam diminuídos de alguma forma. Uns por morarem na rua, uma vez que a escola se situava no centro da cidade, outros por serem extremamente pobres, outros por morarem em ocupações, outros em cortiços, outros por serem negros, outros por serem estrangeiros, outros por serem tudo isso. Todos eram diferentes, com seus problemas, seus obstáculos para transpor, mas tinham a certeza de que deveriam ser tratados da mesma forma, com respeito, dignidade e ter seu lugar garantido na escola e no mundo.

A biografia de Admu, compartilhada com a turma, tornou-os irmãos. Ficaram juntos até o fim do ensino

fundamental, constituindo uma turma excelente. Os professores gostavam de trabalhar com eles e eram muito cobrados pelo grupo. Em consequência, a qualidade da aprendizagem foi muito boa. O ensino médio Admu concluiu em uma escola particular, pois conseguiu uma bolsa. Assim, passou no vestibular da USP, Universidade de São Paulo, o instituto de ensino superior público mais conceituado da cidade de São Paulo. Formou-se em arqueologia.

Ela tornou-se uma linda mulher, representante de sua etnia. Deixa seus cabelos soltos, armados, crespos, usa turbantes e roupas típicas africanas. Aliás, é nesse continente que passa a maior parte de sua vida, pois, como sabemos, a vida começou lá, onde se situam vários sítios arqueológicos, local de trabalho de nossa heroína.

Seus pais moram no Bairro do Bexiga ainda, não mais em uma ocupação. Com a ajuda de seus filhos, conseguiram comprar um apartamento. Admu continua mantendo contato com seus antigos colegas da escola municipal. Dessa forma, ficou sabendo por um deles, engenheiro do metrô de São Paulo, que, no bairro, nas escavações para a construção da estação 14 Bis, na confluência entre a Avenida Nove de Julho e as ruas Dr. Lourenço Granato, Cardeal Leme e Manuel Dutra, foram encontrados vestígios do antigo quilombo Saracura, estabelecido naquela região entre os séculos XIX e início do XX.

Admu voltou imediatamente ao Brasil para participar das escavações. Cada objeto encontrado reproduz o cotidiano dos seus antepassados que viviam naquele quilombo. Refugiados, que conseguiam se livrar das amarras da escravidão, fugindo para aquele espaço, onde podiam ter sua identidade e cultura preservadas, exercer sua religião.

É inexplicável a emoção de construir a história de seus ancestrais através dos achados arqueológicos. Para Admu, é como se estivesse produzindo sua autobiografia novamente, do mesmo modo que fez quando criança. A história do quilombo está sendo escrita por ela junto com sua amiga de escola, que se tornou historiadora, bem como seu outro colega pesquisador. Juntos, com mais ativistas, eles formam o coletivo Mobiliza Saracura Vai-vai, escola de samba cuja quadra foi removida para a construção da estação de metrô.

Todos os colegas da antiga escola municipal encontram-se e reúnem-se em torno do trabalho para resgatar a história do quilombo de Saracura. Cada um na sua área, pois todos tiveram uma boa formação, diferente, uma vez que cada um tem seus talentos, mas todos seguiram seu caminho, devido à luta empreendida a vida toda a fim de marcarem seu lugar no mundo e a qualidade de sua escola municipal.



# Um dia, uma mãe

*Paula Gardenia Lucena Gallego – pseudônimo: Paula Pagú*

Somos muitas coisas nessa narrativa visceral que se chama vida, mas não conheço maior desafio que a maternidade e paternidade. Temos tantos momentos bons e ricos, muitos deles nas páginas das redes sociais, porém ninguém nos ensina que não teremos somente eles.

Era nova em meu primeiro casamento, logo engravidei. Dessa gestação nasceu um menino lindo de cabelos de anjo. Muito chorão como brincamos até hoje, poucas noites de sono nos primeiros momentos.

Quando cresceu, aos 3 anos de idade, já sabia ler e escrever com autonomia, dizer para todos como o avião voava e como funcionava o sistema respiratório e o circulatório... os adultos adoravam, alegria das rodas de aniversários falando dessa forma, agora eu, estudante da Educação, me preocupava.

Quando entrou na escola, começaram as evidências das diferenças, fobia social e dificuldade em fazer amigos.

Eu me desesperei, e para ajudar entrei como voluntária na sua escola de educação infantil para fazer o ofício que carrego até hoje: Contar Histórias. As coisas melhoraram por um tempo, mas esse tempo teima em passar.

Na educação básica vieram mais questões dessa aparente timidez, bullying, violência escolar com o dente e braço quebrado, necessidade de trocas de escolas, aniversário que nenhum amiguinho veio...e diagnósticos inconclusivos que os colocavam como culpado de algo que nem sabíamos o motivo.

As culpas da maternidade real vieram fortes, e o casamento que já não estava bem das pernas se desfez.

Após muitas lutas, idas e vindas, erros de falas médicas, remédios errados, testes e porque não dizer orações, veio um diagnóstico já muito conscientizado, pessoa autista, no caso Síndrome de Asperger. Questões sociais e de rotina, hiperfoco com altas habilidades.

Hoje, aos 21 anos de idade, já terminou o Ensino Médio técnico e Graduação, todos públicos e na área de tecnologia, trabalhando na mesma área como PCD – pessoa com deficiência, com a medicação certa, buscando se abrir ao mundo e, como nós buscamos, respeitando seu mundo, aprendendo com seus desafios, assim como todos nós, vivendo nas diferenças, sem querer ser perfeito ou ter algo como muleta.

Acertando, errando...

VIVENDO!

# Por onde estive presente

*Paulo Giovanni de Almeida Nicolini*

O tempo é 2014. O espaço é uma escola pública municipal, em São Paulo. O fato é um conjunto de jovens cantando “Roda Viva”, de Chico Buarque, para todo o resto da escola. Entretanto, a experiência do que aconteceu ali nunca mais saiu da minha memória. E ela, vira e mexe, funciona como um abraço quando as dificuldades cotidianas do ambiente escolar parecem nos querer fazer esquecer do porquê estamos ali.

Ingressei na prefeitura como professor de História, em 2009. Minhas vivências como docente, até então, tinham se dado em algumas aulas particulares e principalmente como professor de cursinho popular. Assim, logo percebi que os conhecimentos obtidos de uma curta experiência pouco me valiam naquele espaço.

Fui aprendendo esta nova docência, com muitos erros, tentativas, conversas com colegas e algumas leituras. Em 2011, tive que me remover para uma escola da zona oeste de São Paulo, chamada Teófilo Benedito Ottoni. Nela havia atividades para além das disciplinas regulares como o Sarau, idealizado pela professora Marlene, da Sala de Leitura. Já que era uma atividade temática, todas as turmas teriam que apresentar algo relativo ao tema definido no ano, sob a orientação de um dos professores da escola.

Carrego em mim uma história escolar de muita carteira, livro e caderno, porém de pouca exposição. Minha timidez na adolescência, corroborada com bochechas vermelhas que me entregavam a cada fala, me distanciavam de ficar na frente dos outros (eu ter me tornado professor, que “vive na frente dos outros”, é um milagre). Até que, em 2014, pelas divisões do Sarau daquele ano, fui destinado a ser o coordenador do 9º ano A. A própria escola pública, pela sua dinâmica, faz com que muitas vezes sejamos obrigados a sair da nossa zona de conforto e enfrentar desafios que não estávamos preparados.

As minhas únicas referências para “dirigir” um grupo eram as peças de teatro que vi na vida e uma ou outra experiência que tive na adolescência sendo ator em pequenas peças (a maioria, inclusive, dentro da escola). Poderíamos fazer algo simples, mas teria que ser “bem feito”, para que “os aplausos fossem merecidos” pela qualidade da apresentação.

E assim começamos os ensaios. Ensaio era entendido como uma ou duas aulas semanais em que os alunos se encontravam com seu(sua) professor(a) coordenador(a) para planejar o que iriam fazer. Naquele ano, o tema do Sarau eram os festivais da canção, e cada sala ficou com uma música da época. O 9º A ficou com “Roda Viva”, do Chico Buarque.

A partir da escuta e da leitura da letra, algumas ideias começaram a surgir e algo que pareceu plausível era uma coreografia simples, em que os alunos começavam de mãos dadas e conforme a música se desenvolvia, eles iam se movimentando pelo palco, fazendo pequenos círculos que, ao final, juntavam em uma grande roda. Colocamos alguns alunos na frente como se fossem interpretar os músicos. Durante todo o período da apresentação, a música seria tocada ao fundo, portanto era só acertar os passos ensaiados.

Isso que, inicialmente, não parecia difícil, foi um verdadeiro stress: demorávamos muito tempo até os alunos começarem a se organizar; durante a música sempre tinha uma “brincadeira” ou outra; alguns alunos faltavam em um dia de ensaio e, daí, se perdiam no outro; eles não decoravam os passos conforme a música. Enfim, com o passar



do tempo, fui ficando nervoso com a situação e, por consequência, com eles: dei broncas, recomecei, dei “sermão”, todo o necessário (mas pouco efetivo) para fazer entendê-los que precisavam participar coletivamente para aquilo sair minimamente aceitável.

A gota d’água foi o dia anterior ao evento. O que seria o ensaio final estava horrível. De tanto repetir a música e eu insistir, muitos deles estavam até decorando, só que olhando a apresentação, o resultado estava bem fraco. Eu lembro que, ao final da aula, diante do fracasso anunciado, dei meu último “sermão”, pedi para eles ouvirem a música em casa, tentar decorar a letra e os dispensei, com a clara sensação de que havia fracassado. Naquela noite, aceitei minha limitação, com uma mistura de raiva, cansaço e desânimo.

No outro dia, o Sarau seria depois do intervalo. Então me reuni com a sala para repassarmos a música. Já na primeira vez, pareceu bem melhor do que no dia anterior, porém - me lembro como se fosse hoje – uma das alunas sugeriu que eles cantassem a música sem o áudio por trás! “Aí já era demais”, pensei. Afinal, com isso, nem aplauso iria ter, pois era muita coordenação e ensaio para uma coisa que nem direito estava...

Mas a maioria dos alunos aceitou. Na hora, isso já me surpreendeu. E não é que eles estavam bem? Não só na parte da coreografia, mas muitos tinham decorado a letra. Ganhei uma energia como se meu corpo fosse plugado na tomada. Fui para o intervalo com o frio na barriga que precede os grandes acontecimentos. Será que daria certo?

Quando começaram as apresentações, tudo estava indo bem, mas confesso que minha cabeça estava menos ali e mais nos minutos que viriam. Por ser o 9º ano, fomos uma das últimas turmas a se apresentar. Na nossa vez, enquanto eles se posicionavam, eu peguei o microfone para conversar com a plateia: pedi silêncio para eles, pois aquela seria uma apresentação sem música de fundo.

Então, os alunos estavam prontos. Eu é que não estava. Liguei a música para a introdução e, na hora que começaria a letra, abaixei tudo... e eles começaram: “Tem dias que a gente se sente como quem partiu ou morreu”...

É impressionante como ao escrever estas palavras volto a me emocionar. É como se fosse transportado para aquela tensão típica dos grandes momentos. Um arrepio misturado ao corpo levemente trêmulo. Ali já não tinha controle de nada. Eram eles por eles mesmos. Mas foi tão bonito...

A própria voz deles impôs o silêncio à plateia e foi feito tudo como eu não esperava: cantaram alto, acertaram os passos, encantaram o público. Foi tão mágico que eu fiquei com a sensação de filme com final feliz: leve, sorridente, orgulhoso dos alunos.

Essa experiência me impactou tanto que, alguns dias depois, escrevi uma carta para aqueles jovens, pois achei que deveria dar uma devolutiva. Entreguei um bombom para cada aluno e li a carta. Ao escrever estas lembranças, procurei-a nos arquivos antigos e ao lê-la senti a mesma emoção de quando a li para eles.

Ao longo da vida, já escrevi para muitas pessoas, em contextos diferentes. Talvez as palavras mais verdadeiras que escrevi, assim as fiz chorando. Mas pode o choro ser critério de fidelidade textual? Não importa. Entretanto, foi com os olhos suados que revivi estas palavras que agora, publicamente, compartilho.

# Ness, a diferença invisível

*Querina Felisardo Tenorio Rocha*

Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou?  
Qual é o sentido da vida? Quando tudo começou?  
Sou Ness, nessuno, ninguém  
Que faço aqui, acolá também, mais além?  
Dúvidas, confusão, sem respostas porém

Surgiu como flor, duas peças uni,  
Viramos três, mas jamais os senti,  
Andar e falar... esforço descomunal  
Meu pranto à tarde foi um ritual, fatal  
Comunicar-me... processo brutal

Ler foi mais fácil; escrever, um transtorno  
Regras e normas, do mundo um contorno  
E eu só, solitário, sem reconhecer  
Quais vozes, quais faces? Que pude fazer, crer?  
Isolar-me em meu mundo pra sobreviver.

O tempo passando só traz mais questões  
Uma busca perdida, sem aspirações,  
Que vida, que lida, me fez invisível  
Na sociedade risível, inatingível,  
Ser reconhecido é impossível

Mas tudo o que vejo, o que é natural  
Tem explicação, tem resposta normal  
Bastou que alguém me lançasse um olhar  
Na invisibilidade pudesse atuar, enxergar  
E minha existência ressignificar

Ainda sou Ness, nessuno, ninguém  
Mas estou em processo de tornar-me alguém  
Entre girassóis, campinas floridas  
De fora me enxergo, removo feridas, doloridas  
No infinito me encaixando, aos poucos, entre peças coloridas.



"Quero ir para casa"

Entre choros, com olhar assustado e um claro pedido encerrado nele, minha filha sussurrou essas poucas palavras. Queria o aconchego, a segurança, a previsibilidade de um lar e sua saúde restabelecida.

"Quero voltar para casa"

Não, não estava doente. Em meio a uma conversa com amigos, em uma festa de criança, um novo pedido. Já estava cansada, muito tempo fora de casa, em terreno estranho, pessoas semidesconhecidas. Novamente o aconchego, a familiaridade, a rotina e o retorno ao lar se faziam desejo.

"Vou levar essa folha para casa"

Uma folha seca. Uma espécie de árvore que nem sei qual era e continuo não sabendo. Mas, para ela, era uma folha que merecia ser levada para casa, ser guardada na lembrança e mantida "viva" até se perder entre outros objetos memoráveis. Como saber o motivo que a fez merecer ser guardada a ser um afeto entesourado.

Chá com bolachas

Minha primeira refeição feita em casa. Sair da casa dos pais, foi atravessar uma montanha com um passo. Não houve grandes despedidas, frases de efeito, conselhos imortalizados. Só foi. E fui. Sem um ritual talvez? Foi passagem. Passei.

O que faltou

Ao mudar e habitar a casa nova, muitas perguntas moraram em mim. Será que fiz as contas como deveria? Previ tudo, ou pelo menos o que precisava? Esqueci algo? Serei capaz de ser como meus pais? Conseguirei manter uma casa? Eu realmente já posso ter uma casa? Eu sou adulto então?

Adulto

Nunca, ou quase nunca, recebia cartas em casa. Só meus pais recebiam. Normalmente eram contas e outros desinteressantes papéis inutilmente utilizados. Mas era uma marca. A marca de um adulto. Receber a conta de luz no meu nome, a conta de gás, a internet. Marcou-me ver o meu nome nesses papéis.

Lembro até hoje que antes da primeira noite em minha casa de adulto, a ceia foi chá com bolachas. Tudo parecia meio fora do lugar. As louças pareciam estar no lugar errado, deveriam estar me criticando por ter colocado elas lá no armário de baixo.

Sabia onde estavam os utensílios, ingredientes e temperos na casa dos meus pais, mas ainda errava ao localizá-los na minha casa.

No começo, eu acho que nada de fato ainda é, ainda pertence. Tudo começa sendo, até convencermos a nós e aos próprios utensílios, louças e ingredientes de que tudo sempre foi assim.

De alguma forma, a insistência em transformar uma casa em um lar funcionou. Funcionou para a minha filha. Satisfação, alegria, dever cumprido, responsabilidade, medo... tantos sentimentos.

Mas o medo real que senti foi quando ela quis ir para casa. E se ela descobrir que esse lar nem sempre foi assim? Se ela perceber que foi só uma insistência, uma teimosia de duas pessoas. Se descobrir, será que ainda vai pedir para ir





para casa? Se sentirá bem cuidada, bem aconchegada, perceberá a familiaridade nas paredes da casa, a previsibilidade dos objetos e móveis?

Será que ela não vai perceber o que não conseguimos terminar? Os vazios que habitam essa casa no meio de um lar? E se eu a distrair? Não deixar ela notar essa ausência e direcionar seu olhar.

Talvez.

Talvez até dê certo.

Mas acho que vou preferir me abrir, nos expor, mostrar os vazios e explicar que a insistência, teimosia, perseverança, fé (?), foi que fizeram da casa um lar. E que há tanto ainda por fazer e que, aos poucos, vai perceber que ela também não só faz parte do lar, mas também construiu esse lar.

Sim, há espaços vazios, móveis desajeitados, hábitos reprováveis, planejamentos equivocados, perigo de desabamento de sentimentos e muita insegurança em algumas colunas de sustentação. Mas o vazio também pode ser transparência e não somente a falta de algo, e através se pode ver de onde vem e para onde vai.



# Sociedade ruidosa

*Rafael Marques da Silva*

Eu não sou você,  
Mas você não precisa ser  
Para te respeitar e aprender  
Com as nossas diferenças conviver.

Prezamos pela igualdade de direitos  
Rompendo com conceitos suspeitos  
Que não consideram as necessidades de cada pessoa.

A lei e sua aplicação  
Trata todos igualmente  
Sem considerar nenhuma distinção  
Isso é importante e coerente.

Igualdade é ausência de diferença  
Igualdade de gênero,  
Salarial, racial, social, política  
Oportunidades iguais para pessoas com deficiência  
Direitos iguais para a pessoa idosa.

Vamos romper com essa sociedade ruidosa  
e clamar direitos iguais,  
sem distinção de origem étnica,  
credo, situação social,  
ou orientação sexual.

# Projeção

Regiane Cristina Mendes Melo

129



Eu sou

Aquela garota que sofreu assédio quando passava em frente a um bar;

O nordestino que cansado de sua má sorte ouviu ofensas a respeito de sua origem;

A dona de casa oprimida pelo próprio parceiro que duvida de sua capacidade de se reinventar;

O negro que na fila do mercado sofre com os olhares reprovadores daqueles que dele só pensam o pior;

A menina que não se encaixa nos padrões de beleza impostos pela sociedade e sofre ironia por causa de seu nariz singular;

O morador de rua que nunca roubou ninguém, mas obtém sempre como resposta os vidros levantados dos carros;

O que habita na comunidade e sempre passa por vistoria, pois tem gente que teima em pensar que ali só reside quem não tem uma vida digna;

A profissional da vida que tem seu nome ligado a julgamentos e sempre precisa provar que tem direitos como qualquer outro;

Os que têm suas preferências sentimentais peculiares e por causa destas escolhas são tratados como estranhos em um país que não consegue parar de tentar a todos emoldurar;

As gurias e guris que incessantemente mudam de escola para tentar encontrar um pouco de paz na hora de aprender!

Também me sinto o aristocrata acima do peso que já não pode ouvir comentários sobre a sua condição;

A socialite acinturada que a todo instante tem de se deparar com termos que colocam o seu físico acima de sua capacidade intelectual;

Os menos favorecidos que não podem namorar em locais chiques, pois estes não pertencem a eles;

O autista que é impedido de expressar seus temores;

As crianças que são rechaçadas pelo simples fato de terem alegria tamanha em seus divertidos e incansáveis dias;

A empregada doméstica que insistentemente é colocada em um lugar que teimam em dizer: “do qual não pode sair”;

O adorador de sua própria religião que em seu único espaço é privado de oferecer sua crença livremente;

O deficiente que é sempre analisado pela sua condição física;

O deficiente intelectual que se depara com uma sociedade totalmente ensandecida;

Os indígenas que já foram tantas vezes homenageados em músicas, mas que ainda não têm suas vidas asseguradas pelo simples fato de viverem de acordo com suas tradições!

Eu sou todos vocês.

Eu tento ser todos vocês, eu tento ser todos nós!

Eu me enxergo em todos, eu preciso me colocar na condição de vulnerabilidade de todos vocês,

De todos nós!

Estamos lado a lado, trocamos nossos papéis!

Estamos nos redescobrimos com a dor alheia...

E se uma aflição não me comover e não me fizer alterar meu percurso

E por um instante não me fizer parar (e profundamente pensar),

Já não existe mais razão para que o termo racional seja aplicado a mim!

Pois somente a projeção daquilo que dói em meu par e me afeta sobremaneira,

Ainda fornece condições, esperanças e credibilidade de sermos chamados de

HUMANIDADE!



# Vitória

*Renata Aparecida da Silva Fico – pseudônimo: Renata Maria*

Menina pretinha  
Seu sorriso é sol  
Sua inteligência é luz  
Sua sensibilidade farol

Filha, afilhada, sobrinha, neta, linda!  
Aluna, amiga, menina preta, querida!

Quem somos nós sem você?  
Que pássaro voa sem o seu ar?  
Que vereda há sem o seu caminhar?  
Quantas cores brilham com o seu olhar!

Menina pretinha  
Benção da madrinha, rainha!  
Delicada e forte, Vitória, minha sorte!

Ela é livre, é bela, é curiosa, é sensível  
Ela é incrível!

Com lindos caracóis, black enfeitado  
Lindo baby hair decorado  
Ela é pura criatividade, é pura arte!

Um dia princesa, um dia guerreira  
Um dia artista, outro confeitadeira  
Ela sonha, ela é sonho,  
Ela é Vitória, dona de si, dona do mundo!

# Somos todos diferentes

*Renata Chagas de Oliveira da Costa*

131



O mundo em que vivemos  
Tem imenso colorido  
Somos todos diferentes  
Somos todos muito lindos

Você já viu caixa de lápis  
Sem ter cores diferentes?  
Assim é nosso povo  
Assim é nossa gente

Se fosse tudo uma cor só,  
Todo mundo igualzinho  
Não teria muita graça  
E não seria tão bonito

Pois o que alegra nossos olhos  
É vislumbrar o colorido  
As diferenças se completam  
E deixam tudo mais bonito

Pensa só no arco íris  
Que alegra nossa mente  
Cada cor tem sua beleza  
Assim é nossa gente

Por isso que eu afirmo  
Não ter feio nem bonito  
Pois beleza de verdade  
É respeitar nossos amigos



## A margem direita

*Roberto Carlos Soares Sobrinho*

**P**or mais que faça frio, que o vento espalhe a garoa e uive em alguma fresta da janela, o velho quer levantar antes que amanheça. Ouço seus gemidos exagerados, apesar da dor nos ossos. Depois tosse, pigarreia e resmunga. No meu quartinho, faço um silêncio ainda maior, como se o sono fosse o mais profundo. Espero que me chame. Que repita o meu nome três vezes, para então me mexer com algum alarde e prometer que em minutos estarei na cabeceira de sua cama. Cada um teima em seu ritual. Trago sua cadeira de rodas e pergunto como foi o sono. Ele ralha que estou cada vez mais preguiçosa. Às vezes, complementa que, com essa minha indisposição para madrugar, não irei muito longe. Não alcançarei a mesma idade e a saúde que a dele. Parece uma piada. Quando estou para discussões, lembro que faz mais de trinta anos que moro naquela casa e que ele nem levanta da cama sozinho. Mas é um assunto que entristece o velho. Acho que mais pelo seu estado lastimável do que pela lembrança da maneira como cheguei aqui.

Ele se apoia em meu ombro, ajeito seu corpo flácido na cadeira e o empurro até o banheiro. Ainda sente vergonha que eu abaixe suas calças quando pede que eu volte para erguê-lo da privada. Enquanto isso, ouço o despertar do quarto da sua filha, a patroa. Seu marido se apressa para o banho. Ela, já na cozinha, começa a preparar o café. Sempre ajudo arrumando a mesa, cortando as frutas e chamando os dois meninos que vão para a escola. O mais velho é sempre quieto, passa horas fechado no quarto, lendo mangás. Explicou-me, com paciência, que são quadrinhos japoneses. O menor gosta de mexer em meu cabelo, me fazer cócegas, perguntar se lembro de alguma coisa da infância no mato. Digo que quase nada, mas fico alguns minutos revivendo a saudade. Ninguém percebe meu ar aluado, porque tirando o velho, todos estão sempre atrasados para sair. É um alívio quando percebo o carro se afastando.

Trago os jornais e deixo na poltrona. Tiro a mesa, lavo a pouca louça enquanto mastigo um pãozinho. Contei para a patroa que meus dentes estão moles e ela prometeu que no próximo mês deve sobrar algum dinheiro para me levar ao dentista. Uma promessa que se renova todo dia primeiro. Enquanto o velho lê os jornais, aspiro o chão e tiro a poeira dos móveis. O pior é lavar os banheiros. Não entendo como conseguem emporcalhar tanto de um dia para o outro. Abaixar me dá muita dor nas costas. Penso que minha velhice vai ser ainda pior e olho para o velho quase cochilando sobre as folhas do jornal. E como seria se eu tivesse continuado na floresta? Adorava ficar no rio, pescando nos horários frescos e nadando quando fazia muito calor. Outras crianças também vinham nadar, mas não lembro muito bem do rosto delas. Era uma bagunça. Quase todo o tempo era ocupado com brincadeiras e com nossos bichos. Eu tinha uma arara e um porquinho.

Pode ser ilusão, mas de vez em quando ainda sinto o cheiro das árvores, da terra, dos frutos maduros. E agora só o cheiro desse velho. Ele sempre reclama que salgo nossa comida. Diz que serei culpada do seu derrame. O que mudaria em todo o trabalho que tenho com ele? Pelo menos, ficaria calado. Às vezes, começo a cutucá-lo para que fale do meu passado. Então se fecha, cerra os lábios moles e resmunga que já é hora da siesta. É o horário da minha liberdade. Posso ver televisão ou ajeitar o meu quartinho. Passar a minha roupa de ir ao culto. O pastor disse que as mulheres que não tiveram sorte de um casamento podem ser muito mais felizes se dedicando a Cristo. Apesar das brigas, parece que os patrões são felizes. Já surpreendi várias vezes os dois trocando carícias e declarações de amor.



Será que isso aconteceria comigo? Mas nunca percebi um homem me olhando com esse interesse.

O velho disse que eu era bem bonita na juventude, mas naquela época eu não podia nem colocar os pés na rua. Alertavam que a cidade grande era muito perigosa e sempre chamavam minha atenção quando noticiavam os crimes na televisão. Não tenho mais medo. Aos poucos, fui aprendendo os caminhos do bairro, os ônibus para o centro e para outras cidades. Só não sei voltar para o mato. Quando o velho fala dormindo, sento ao seu lado e vou costurando qualquer fio de informação. Três dias de viagem, a margem direita do grande rio, as castanheiras e os babaçus. A bugrinha magrela. Sinto que ele sente algum remorso, principalmente depois que sua esposa morreu. Na maior parte do tempo, foi um homem ruim. Era ela que nunca deixou que me batesse. Agora não tenho ninguém que me prenda aqui. Mais alguns meses vou conseguir esconder toda a comida e a roupa de que preciso. Dinheiro nunca me deram. Mas conheço muito bem o motorista do ônibus. E ele, além de me dar uma carona, deve saber onde fica a margem direita do grande rio.



# Evaristo, presente!

*Rodrigo de Macedo França – pseudônimo: RFrança*

Evaristo é o nosso ontem, o nosso hoje e o amanhã do amanhã  
É o choro da criança órfã de infância  
A lágrima escorrida pelos olhos que tudo vê, tudo ouve e tudo sente  
Do choro soluçado dos que resistiram ao chicote  
Da mãe de todos: a de leite, a que cuida, a que lava e passa. A que ganha o pão que nem o diabo amassa.  
É a resistência que perpassa a ancestralidade, que aguenta e não se cala  
Que ler, escreve, reescreve e se atreve  
Que significa, se ressignifica e nunca se clarifica  
Que produz e não se reduz  
Prolífica e nunca se limita  
Que foi é e sempre será Conceição Evaristo:  
A história que sempre transforma e edifica.



# ECOS, GRITOS E (RE)EXISTÊNCIA

Rogério Dias Micheletti

135



Ethos distorcido pelos ecos hegemônicos de Cronos  
Transubstanciam sujeitos em lucrativos dígitos,  
Sufoca os filhos de Irocô entre açoites e assombros  
Há tanto de terras maternas proscritos

Discursos eloquentes falam de igualdade,  
Mas a máscara de flandres permanece  
Cala a alma da mesma gente encoberta pela fealdade  
Imposta e atada em libambo que não desvanece

Segue em tropel as negras cabeças kafkianas  
Em direção ao direito desfeito pelas diferenças  
Fantasiadas por mentes que se querem soberanas  
Demarcando territórios de saber pelas ausências

Pinturas Negras não imaginadas pelo velho do Sordo  
A cada dia mais vívidas, presentes no inconsciente  
Daqueles que só aprenderam a se ver como estorvo  
De um mundo que prefere suas existências manter incipientes

Mas Oxumarê persiste nos corações lacerados  
De onde retumbam gritos por igualdade e respeito  
A rebentar a flandres – mais um sólido se desfaz no ar  
Assim os sons se espalham – sorrateiro conceito  
Repetido por vozes que não vão mais se calar  
ANTIRRACISTA é a nova história do povo preto



# A diferença

*Rosangela Aparecida Paschoal Brighenti Dayyoub*

Uma mulher sábia e maravilhosa escreveu que a diferença é algo que deve ser respeitado.  
Você a conhece. É a dona Ruth. Sim, a Ruth Rocha.  
É aquela senhorinha das histórias fofas e divertidas;  
Das personagens fortes e marcantes;  
Ela já avisava pra nem tentar,  
E deixar que sejam como são.  
E que coisa mais linda é ver o mundo com sua grande diversidade de gente.  
Ver tantas diferenças e, ao mesmo tempo, tantas misturas.  
Eu observo e penso: Olha só que linda a prateleira de shampoo!  
Os potes são coloridos, de tamanhos e formatos diferentes.  
Mas o mais importante é que foram feitos pra gente diferente.  
Tem pro cabelo claro e pro cabelo escuro;  
O que deixa o liso, mais liso. E o que intensifica os cachos.  
Os fabricantes e a turma da propaganda já entenderam que a diferença existe e é bem lucrativa.  
Que tal deixarem de lado a cegueira e a arrogância, e permitir que a beleza de cada um se destaque da forma  
mais criativa possível?!  
Seja na chapinha ou no Power, seja no lisinho ou no cachinho!  
E por que não, um pouquinho dos dois?  
Sempre houve mistura de povos. São tão bonitinhos juntos, que é bobagem separá-los.  
E assim, no mundo de todas as cores, “O Reizinho mandão” ordenou que todos se respeitem!  
Que não importa o seu nome: “Marcelo, Marmelo, ou até mesmo Martelo”.  
Muito menos seu país ou seu planeta de origem importam.  
Só importa o respeito.  
E que todos seja diferentemente ...  
... ou igualmente F-E-L-I-Z-E-S!

# Hipocrisia x utopia

*Rosemeire Gonzalez Piccoli Menolli*

137



Ando com medo;  
Apreensiva;  
Não olho nos olhos.

Esse sentimento me persegue,  
O noticiário não diz coisas boas;  
Mas tenho que acreditar ...  
Em dias melhores.

O jogador de futebol desrespeitado, pela cor de sua pele;  
A mulher desvalorizada, por ser mulher;  
A criança perseguida, por ser inocente;  
A pessoa com deficiência, não incluída por ser considerada inferior;  
Em terras Guaranis, os povos originários, tratados como invasores.

Hipocrisia? Pode ser!

Onde isto vai parar?  
A sociedade como um todo necessita melhorar;  
Além de igualdade, precisamos de equidade.

Utopia? Pode ser!

Mas tenho esperança;  
No olhar da criança;  
Na confiança e coragem do adolescente;  
Na empatia do adulto;  
Na sabedoria do idoso;  
Com auxílio das culturas de todas as etnias:  
Por um mundo irmão;

Sem preconceito;  
Sem machismo;  
Sem capacitismo;  
Sem tantas fobias.

Tolerar não é aguentar, é deixar que o outro seja...  
Portanto, deixemos que o outro seja,  
Cada um à sua maneira,  
Verdadeiramente felizes,  
Todos pelo amor.



# Aniversário feliz!

*Sarah dos Santos Jerônimo Henrique*

Faço a narração deste texto com uma reflexão sobre a minha vida:

Há um passado não tão distante, ganhei de presente de final de ano o livro intitulado: “Em busca de mim”.

Lendo-o, percebi o quanto foi e é difícil ser uma menina / mulher preta, principalmente quando pequena, nos tempos de escola.

Ao contrário da escritora do referido livro, que retrucava e respondia, até de forma violenta, aos xingamentos que recebia, eu, por outro lado, na maioria das vezes, apenas ouvia: “a neguinha do cabelo duro, sua macaca” e por aí vai...

Mas...

O que eu poderia e/ou deveria fazer?

O que poderia e/ou deveria falar?

Quais eram as referências que eu tinha, inclusive históricas para pautar qualquer argumento?

Em quais lugares me via representada para que, de alguma forma, tivesse "armas" pra lutar?

**EU NÃO TINHA!**

**NÓS NÃO TÍNHAMOS!**

E daí ouvir o povo dizer: “Ah! Mas agora tá na moda ser preto”!

“Ah! Mas agora na escola, a gente vai falar, de novo, sobre os pretos?”

Vocês não têm ideia do que vocês estão falando!

Do quanto foi difícil chegar até aqui!

Por isso, nesta data, dia do meu aniversário, eu quero dizer que me sinto uma mulher preta feliz, que sabe e reconhece o seu valor. Mas que não se dá por contente em saber que é apenas exceção, já que sabemos muito bem qual é a regra que se aplica ao nosso povo preto.

Agradeço a todos e todas que fizeram parte da minha história e que, de alguma forma, estiveram e fizeram parte da minha vida.

Finalizo dizendo que realmente espero o dia em que a regra se torne exceção e que a exceção se torne regra.

Aniversário feliz, pra mim!

# Entre(avesso)

Silvia Maria Garcia Pinto – pseudônimo: MH

139



**P**rocuro o impenetrável das coisas. Observo a profundidade daquilo que não tem forma, indeterminado, transformado pela visão daquele que aprecia o adverso, o que não tem nome, forma ou cor. Os inclassificáveis. Talvez, a razão de tamanha obstrução do equilíbrio que o mantém vivo, desqualificado para o lado certo dos fatos que o retiram dos coletivos.

No constante ressurgir, resgata do fundo poço do interno (inferno), o infinito. Desafio que torna significativo o exercício contra a penitência de uma execução controlada para o constante vazio.

A recomposição que persegue o nada (vazio) .

Espera a cada instante solitário, a sua chegada, aparição do encantamento. Desejo que o mantém ativo. Entre erros, desconhece os fatores que coincidem com o encontro do nunca, ou ele nunca chega. O pensamento ultrapassa o negacionismo abstrato.

Diferenças existem no exercício do olhar para além das coisas.

A reconstrução pós-frustração daquele que aguarda. Sinais que confirmam o inevitável já concebido pelo comportamento previsível daquilo que nunca chega.

A afeição acontece no imprevisível, cada um oferece aquilo que entende pelos sentidos.

Não dado à reciprocidade, aguarda.

A dúvida é sobre o esforço executado pela troca, a recompensa, mas não cabe em tudo que existe. Essa dádiva é o sagrado que pulsa cada corpo que vibra.



# Os mapas de Milton

*Silvio Valentin Liorbano*

*Poema dedicado ao geógrafo e Prof. Milton Santos*

Ah! Estes lugares que a engenharia não passa  
Que são invisíveis e tantos,  
Escapam da boca da traça  
Nos mapas de Milton Santos.

Morro solitário e apinhado  
De esquecimento e gente.  
Morro globalizado  
De dor e entorpecente.

Ah! Estes lugares sem traços de arquitetura  
Que se alimentam de quirelas  
Logo outro barraco surge na altura  
Sobras de madeira das caravelas.

Morro de leitura e escrita  
De conhecimento tomado,  
Da liberdade que grita:  
Morro letrado.

Ah! Este lugar de memória afetiva  
Que me ensina, suga e explora,  
Que deseja tanto que eu viva.  
Ah! Este lugar chamado escola.

# Respirar

*Tâmara Rodrigues Ferreira*

141



Que medo é este do desconhecido?  
Quem te causa temor?  
Volte para a essência...Olhe para o mundo...  
Tú não és o centro do universo...não estamos sós...  
Os elementos são vividos para quem tem disposição...  
Respeite! Não é somente aquilo que aprendeu que é o certo...  
Ei! Olhe a vida, o mar, as estrelas, o fogo, os olhares, as danças...  
Não se feche aos sons! Perceba...sinta a grama em teus pés...  
Ouça o som! Não somente sons pré-testados,ou prejudgados por uma comissão de “perfeitos”...  
Mas esse som que vem pela copa das árvores...pelo suor das mãos, dos sorrisos de alma...  
Garimpando com cuidado perceberás o tesouro que existe, sim! Além do limite de sua visão...



# Diversidade, respeito e inclusão

*Tania Regina da Silva*

Infelizmente o respeito ao próximo está em desuso  
E como se fala em empatia por aí!  
Acredite! Isso me deixa com os pensamentos confusos

O mundo, apesar dos tantos engajamentos,  
Ainda segue em conflito  
Com tantos desmandos, violência, preconceitos e exclusão  
O cidadão segue triste e aflito

Diante de problemáticas gritantes  
Geram-se necessidades de gente que é diferente  
Perante tudo isso, lutar se faz urgente  
É preciso conscientizar, fazer ecoar a voz da igualdade,

Fazer valer a equidade, pluralidade e diversidades  
Não desistir mesmo diante da tristeza, da mágoa  
Vencer o preconceito, a brutalidade e imbecilidade

Por liberdade de ser, de onde for, e quiser  
De ser o que lhe convier  
De ser homem ou mulher  
Trans ... Transgressor

Afro, branco ou indígena  
Descendente, ascendente ou migrante  
Umbandista, hindus, candomblecista,  
Católico, protestante ou kardecista

Assim, conseguir trilhar o caminho da diversidade  
Do respeito, da tolerância, da empatia, da inclusão  
Em uma sociedade consciente que influa  
Aos sete ventos o pertencimento e identidade



# Semana rotineira...

Thais Helena Inglês Silva



Domingo: compartilhei uma mensagem massa do pastor Ariovaldo. Duas curtidas, um compartilhamento.

Segunda-feira: publiquei sobre o projeto de diversidade que lidero na empresa. Uma mensagem de parabenização, uma curtida.

Terça-feira: no fim da tarde, abro o aplicativo com 8 notificações de marcações e compartilhamentos. Novo *caso isolado* de racismo com um jogador de futebol. Recebo cerca de 20 mensagens, todas mencionando o episódio, lamentando e perguntando minha opinião, dizendo que é deprimente e perguntando se já passei por algo semelhante... compartilho uma reflexão sobre o caso e recebo mais uma dúzia de mensagens.

Quarta-feira: publiquei uma música do show do Emicida. Três curtidas.

Quinta-feira: a seleção brasileira de vôlei venceu o jogo por 3 a 2. Jogoço. Compartilhei uma publicação de uma página de esportes. Nenhuma interação.

Sexta-feira: foto no happy-hour com a galera da empresa. Quem está marcado na foto reage com coração, recebo outras duas curtidas.

Sábado: compartilhei um review do filme Medida Provisória, com minhas opiniões. Duas curtidas.

Quando é que a produção, os conteúdos e os interesses de pessoas negras são levados em consideração?



# ECOS

*Urubatan Miranda da Silva*

Existe uma distinção sutil  
o contraste, o diferente, oposto,  
transcrito sobre a pele, explícito...  
Insisto com o olhar, ver a diferença  
mesmo o que constitui a nossa igualdade,  
nas ruas a pele que veste nossos corpos  
nos diferem e por muitas vezes nos assolam  
assombram,  
culpam

    aprimoram  
Oitenta e oito, esculpe o princípio da igualdade,  
elucida um novo porvir ou a noite mais escura,  
e circunscreve nas estrelas, a pequena igualdade  
a mesma natureza, o mesmo princípio.

Me atrevo a escrever e deslocar consciências  
a construir novas engrenagens, encruzilhadas  
por vezes difusas – Qual a medida da desigualdade?

Respeito, liberdade, igualdade  
é preciso estar atento, e deixar o coração pulsar  
vibrar na mesma sintonia, deixando o antigo olhar.  
De longe, ouço novos ecos, outra sonoridade...  
Diversidade

Somos corpos em declínio...

# Inocência preservada

Valéria Caraça Camargo

145



**A**s crianças brincavam no parque, descalças, sujas, suadas de tanto correr. Felizes pelo dia que estavam tendo, já tinham feito piquenique, alimentando os patos, andando de bicicleta. Há tempos não saíam de casa, pensei que nem soubessem mais como era estar ao ar livre, depois de quase um ano de pandemia.

Do outro lado, observávamos sentadas em um banco. Também não conversava com minha amiga assim de perto há muito tempo. Aproveitamos para tirar as crianças de casa e colocar o papo em dia. Já não eram tão pequenas, podíamos deixá-las um pouco livres, mas sempre com o olhar atento. Quando me virei para olhá-las, ela se aproximou. Uma senhora branca, de cabelos grisalhos, com roupas esportivas de grife, parou ao lado das crianças e começou a falar com elas. Mostrei para minha amiga e resolvemos levantar e ir até lá, o instinto protetor sempre fala mais alto.

Ao ver que estávamos nos aproximando, ela saiu bem rápido de perto delas. Então Isa, minha filha, veio correndo até mim:

— Mamãe, aquela mulher falou que aqui não é lugar pra gente. Mandou a gente ir embora. Por que ela falou isso?

Quis correr atrás dela, questionar, chamar a polícia, mas fiquei paralisada “por que aqui não é lugar pra gente?”. Isa continuava a perguntar. Olhei para minha filha, minha linda princesinha. Pensei em explicar que era por causa da cor da nossa pele, que algumas pessoas não aceitavam que estivéssemos nos mesmos lugares, mas meu coração não deixou, ela é nova demais para saber isso.

Pensei em todas as situações que ela enfrentaria ao longo da vida e tive vontade de trancá-la novamente em casa e protegê-la de toda a maldade desse mundo, então me acovardei.

— Ela deve ser louca, a gente pode ir aonde quiser. Presta atenção nisso, o nosso lugar é onde a gente quiser.

Não corri atrás da mulher, não expliquei o que era racismo pra minha filha. Só quis preservar sua inocência um pouco mais.



Leitura  
 Igualdade  
 autonomia  
 Equidade  
 Respeito  
 Ancestralidade  
 cultura  
 humanização  
 diversidade  
 vida

A literatura é uma arte.

Arte construída com palavras.

A literatura tem o poder de nos transportar para outras realidades, para outras vidas. Podemos construir castelos, transformar nuvens em animais, sentir aromas de infância, podemos virar heróis ou bandidos. A imaginação cria asas e nossa fantasia é infinita.

Viajamos sem sair do lugar, conhecemos pessoas, personagens, culturas, que nem podíamos acreditar que existissem.

Bruxas, fadas, duendes, princesas, rainhas, monstros... quem somos nós nessas viagens?

E os amores? Ah... os amores... podemos viver todos eles e ainda temos o poder de decidir se teremos um final feliz ou nem tanto, temos o dom de decidir nosso destino. Entretanto, a literatura também nos toca fundo em nossas certezas, em nossas fraquezas, em nossas dúvidas, em nossos medos, nos questiona sobre nossa forma de enxergar o mundo e o quanto contribuímos para melhorá-lo.

E a literatura sendo arte, transforma, e nos convida à beleza da construção de um lugar mais humano para se viver, acreditando que o amor possa ser a fonte criadora de uma sinergia que transforme todos os seres vivos e, assim, teremos respeito às diferenças e igualdade de direitos em todos os cantos do mundo. E que nossa vida real seja cada vez mais literária.

# Incrustações

*Vanessa Aparecida Gomes de Andrade*

147



Quando as luzes amarelas conquistavam seus espaços na lona, eu desejava que o céu ficasse estrelado e as nuvens se dissipassem, mas eu ainda não sabia que ventar era necessário, ou a queda dos algodões negros era algo preciso. As festas não mudavam de dias, elas eram reconduzidas pela lona azul, ou pelo ambiente quente e aconchegante da casa.

Naquele tempo, a vitrola aquecia-se antes dos convidados chegarem, e os preparativos aconteciam nas primeiras horas do dia, pois a preocupação que se instalava era o desejo de agradar, e papai queria dispensar todos pela madrugada cheios e felizes pela recepção.

As músicas eram dos anos 80. O quintal ficava pequeno para tantas pessoas, que se distribuíam entre dentro e fora, sentando-se em cadeiras e sendo servidas em pequenos espaços de tempo que acabavam recusando tanta comida e logo iam dançar...

Naquele tempo, a industrialização ainda não ofertava alimentos ultra processados e ver alguém ganhando peso com o que comia era de fato tarefa de grande esforço.

No meio de tantas cabeças altas e cabeludas, eu era uma menina franzina e minha mãe me tratava como doente, um cristal era mais forte do que eu para impor sua força e presença no mundo. Eu tentava me enturmar, mas eu não era o tipo certo para estar em agrupamentos. Um esforço tremendo eu fazia para me aceitarem, eu aperfeiçoava meus discursos e concordava com quase tudo... mas não era do tipo certo, eu cheirava à distinção e meus olhos ficavam embaçados.

Minha fala parecia vela ao vento, sendo levada para longe dos pensamentos daqueles meninos de bochechas rechonchudas, pele branca e olhos claros ou amendoados, e eu era uma magrela de cabelos ralos e postura encurvada. Na época, eu era um solo fértil cuja vegetação era fechada demais para abrigar vida, além das bem selvagens.

Minha imaginação corria solta, embora meu corpo estivesse restrito a ambientes como quintal, varanda e o interno lar de minhas solidões. Ir comprar algo na quitanda era um evento aproveitado, embora a prescrição fosse “vá num pé e volte no outro”. Eu respondia a muitos bons dias e conhecia o novo padeiro, as mudanças feitas na organização da padaria. Ficar na fila era a oportunidade de reconhecer a moda dos adultos, havia muitos estilos que me intrigavam, meias de chinelo, roupões, paletós, camiseta e calça jeans com bota em muitos pinos prateados, cabelos pintados das mais diversas cores...ah, mas aquilo era para uma fase de decisões, por ora eu obedecia a lógica do mundo dos meus pais.

Voltar para casa era desgastar as memórias que eu tinha e elas eram pouquíssimas, então, entre as idas e vindas da casa da minha madrinha, nos fins de semana, a escola que seguia uma rotina sem fim, eu tinha as saídas esporádicas ao comércio local, a ida ao supermercado de três em três meses e as festas que meu pai gostava de dar... eu pensava que ele queria encher o mundo de felicidade, mas hoje eu sei que o vazio na sua alma precisava ser redecorado.



Minha mãe passava quase dois dias na cozinha, fazendo o que lhe era de melhor em seu cardápio, meu pai saía atrás dos mantimentos que faltavam, e as últimas horas eram gastas no cabeleireiro, no banho e na Dona Zaira que vendia as melhores roupas do bairro.

Quando os primeiros convidados começavam a chegar, a solidão que recobria os pensamentos do meu pai se dissipavam, já não havia calmantes, goladas de cerveja no sofá e programas televisivos.

Nada lhe caía tão bem quanto ser anfitrião, os sorrisos não largavam seu rosto, seus lábios e dentes, sua fala era sempre encerrada com uma gargalhada estridente, mais parecia o cavalo relinchando após ser solto no pasto, não havia felicidade que não transbordasse em suas atitudes.

# Quero ter cabelos de algodão de paina

*Vinicius Custodio de Lima Silva*

149



**H**oje este homem, o mesmo menino de ontem, se ajoelha em frente àquela velha árvore e apanha um de seus frutos, ele sorri admirando.

Estes meus olhos velhos que observam nos poros do sol esta rua, embora mal cuidada, mas linda no alaranjado do céu, vê ainda um menino, porém de cachos, e sei que, nesse sorriso, seus cachinhos refletem.

Mas sei que esse lugar não é de cultivar pessoas, somos frutos com muitas marcas, algumas não são aparentes, porém são fundas além de nossa pele, indo até mesmo nas entranhas de nossas mechas.

Seu sorriso diante do fruto diz que ele não é mais o menino que subiu pela primeira vez essa rua, com sua mochila cheia de livros para ir à escola. Hoje é nítido que ele vê a beleza que há dentro desse fruto, da paineira ou árvore-de-lã.

No primeiro dia que subiu a rua, o sol ainda não havia se anunciado, estava um frio pela manhã e subiu junto a sua mãe, que carregava sua mochila. Ele vinha tranquilo conversando com ela, olhava os frutos abertos, admirava, mas não compreendia.

Sua mãe tinha os cabelos alisados e castanhos escuros. Já o menino tinha cabelos como os de todos os outros, o clássico corte, máquina um em volta e número dois em cima.

Ele amava a sua mãe e seu irmão, que depois começou a vir junto, e os dois o amavam, esse amor era nítido também quando vinha junto a sua tia ou a sua avó, esta que já não alisava os cabelos, nem os escondia através de um corte.

O menino foi crescendo e sua família envelhecendo, o cabelo do menino continuou com o mesmo corte, máquina um em volta e dois em cima, sua mãe parou de alisar seus cabelos crespos, e sua avó que já não alisava, deixou os cabelos todos branquinhos, o que fez a mãe do menino não querer pintar mais também. Porém em uma de suas idas pela rua, nessa subida tomada pelo muro da escola e pelas árvores que lutavam entre as vigas pela sobrevivência, o menino se encontrava triste ou ao menos ainda não compreendia o que estava vivendo, mal ele sabia que mais alguém caminhava com ele, mas ele disse ao caminhar para um amigo:

— Minha bisavó foi lá para casa, já tem quase cem anos, seus cabelos são branquinhos, mas é difícil, pois ela tem Alzheimer...

Ele não entendia, mas quando falou dos cabelos de sua bisavó se aqueceu quando olhou os frutos abertos da árvore-de-algodão. Sorriu e disse:

— Ela é cega, mas sempre quer presentear eu e meu irmão com cinquenta a cem reais, mas ninguém deixa a gente aceitar.

O menino riu e disse algo sobre laranjas, mas nunca entendi, pois não há laranjeiras nesta rua.

Naqueles dias, o menino de cabelo máquina um e dois começou a deixar de ser o mesmo. Tornou-se um homem,



ainda com seu corte clássico, máquina um em volta e dois em cima. E no meio daquela subida, iluminado pelo pôr do sol em meio à chuva, conheceu uma mulher negra de cabelos alisados que decidiu dar um basta e assumir seus cachos, cortou suas madeixas em um corte curto, ela chorou e ele viu o quão forte ela era. E num outro dia ela propôs:

— Você bem que podia deixar seu cabelo crescer.

A força dela era ancestral, e ele aceitou, lembrou dos dias que viu os frutos da paineira criarem um tapete em volta da árvore.

Hoje, antes de o menino ajoelhar, vi ao longe quando iniciou a subida, percebi que não está e nunca esteve sozinho, que aprendeu a se amar e amar, a ser e estar. Aprendeu a não aceitar e nem compartilhar o que lhe feriu, o que lhe fez ter um corte clássico por anos. Ele decidiu ser como a árvore, dar frutos.

E veio subindo de forma leve, com um corte novo, um degradê em volta e muitos cachos em cima, como uma coroa. Caminhou até a árvore, ajoelhou agarrando o único fruto que ainda não estava aberto, sorriu e abriu o fruto recheado de algodão de paineira, afofou o algodão entre os dedos e olhou para mim, foi a primeira vez que olhou para mim, e disse:

— Quero ter os cabelos de algodão de paina, quero ter os cabelos brancos, iguais aos cabelos de minhas rainhas.

Ao terminar, jogou o algodão no ar e quando tocou o solo, a rua se fez de cachos encaracolados e crespos feitos de algodão de paina à luz do pôr do Sol.



# A casa de Pilar

Wesley Vieira



**E**ra mais uma tarde de aulas com os primeiros anos. As crianças parecem cada vez menores e ainda mais crianças a cada ano. Quem teve a ideia de iniciar um primeiro ano com crianças de 6 anos de idade? Às vezes, elas têm 5 ainda! A rotina de 1 hora e meia de aula é dividida da seguinte forma: entra na sala, uma gritaria de felicidade em ver o professor (“é raro, mas acontece muito”), seguem cinco minutos de abraços, depois mais cinco minutos de coisas que viveram no dia anterior (ou na manhã anterior) do tipo, *meu cachorro vomitou*, o que outro já apanha e diz: *meu gato vomitou* e outro emenda em: *eu já vomitei! E eu já quebrei o braço. Já saiu sangue pelo meu nariz. Meu nariz tá entupido*. E lá vem mais... *um dia óh, um dia eu fui pro hospital, sabia? Eu fui pra praia ...*

E assim vão “cruzando os fios de sol”<sup>1</sup> de suas vidas cotidianas apresentadas em frases curtas e aleatórias, mas o professor precisa interromper ou aquilo dura uma eternidade. Em seguida, vem a marcação de ordem para ir ao banheiro ou beber água. Mais uns 5 minutos da aula é gasta amarrando cadarços (por que não obrigam que tênis infantis sejam sempre de velcro?). Bom, comecemos a aula, apesar de “tudo ser aula” no primeiro ano. Vamos desenhar personagens para fazer animação. Não disse ainda que sou professor de Educação Digital, disse? Pois bem, estamos fazendo personagens para serem animados por um tal site de inteligência artificial. Explico como precisa ser o desenho, escolho duas ou três das dez crianças que se ofereceram para ajudar a entregar papéis, lápis e canetinhas e a imaginação faz a sua graça. Uma musiquinha pra inspirar...hoje ouvimos Salif Keita - M'bemba.

Aquela passada pelas mesas de cada grupo para ver como andam as coisas e vejo que aparece de tudo. Gente pequena, muito pequena, gente muito grande, sem pés, sem braços, jogadores de futebol, princesas, heróis e heroínas, borrões que deixariam Basquiat no chinelo e composições que impressionariam Pollock... Um ajuste ou outro para que a quase inteligência artificial identifique os pontos de articulação e lembrem-se de colocar o nome no desenho.

Detive-me um pouco numa mesa em que uma estudante pediu ajuda para apontar o lápis “cor-de-pele”. Pausa... Vamos verificar as cores de nossas peles e comparar com este lápis rosa claro. Comentário vai, comentário vem e entendemos que ninguém é daquela cor, mas vamos aprofundando a questão um pouco a cada dia, pois a construção da identidade e percepção racial não se dá em uma aula dobradinha. Apontamos o lápis rosa e ela trocou por um mais próximo da cor da pele dela. Seu nome era Pilar<sup>2</sup>, com um sorriso vivo, uma pele preta e os cabelos amarrados com uma fita branca que me lembrava alguém...

Perguntei sobre o desenho que até então era uma menina, mas virou casa com uma menina na janela... Antes de novamente explicar que a animação só daria certo se fosse uma pessoa, perguntei: o que você desenhou?

Professor, é que a minha casa vai mudar.

Ah! Você vai mudar de casa?

Não professor, a minha casa vai mudar, ela vai morar em outro lugar...

Pensei que ela não havia ainda se apropriado dessa expressão e seu uso e concordei com ela. Pedi pra desenhar, ao lado, a

1 Poema “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto.

2 Homenagem a Tula Pilar Ferreira, poeta e escritora dos saraus da zona sul de São Paulo falecida em 2019. Era em si uma casa andante de palavras cantantes. Tula presente!



menina que estava na janela e continuei o giro pela sala. Mas a ideia de uma casa se mudando me alcançou feito uma metáfora retirante.

Acabados os desenhos, as crianças foram entregando e eu as ajudava a fotografar para “subir” no site de animações. Vieram todos, cheios de cores e vida como seus autores e autoras. Mas nada da casa. Fui até lá... vamos, precisamos fotografar. Ela pediu mais um minutinho, fez um ou outro ajuste na pintura e disse:

Acabei...

De pronto senti um calafrio, abri aquele quarto de folha e a cena surgiu da distopia. Era um sonho dantesco... o tombadilho. “Que das luzernas avermelha o brilho. Em sangue a se banhar”<sup>3</sup>.

A casa errante tinha fogo no telhado, água até as coxas grossas feitas camadas fortes de lápis marrom, parece que chovia, parece que havia lama, um dilúvio por baixo, um clarão por cima. Da janela única via-se uma menina, ela própria talvez, e a sombra de uma família ao fundo.

Toda a sensação intensa se fez em segundos, mas o suficiente para apertar a mente da gente. Ainda estaria preso a ela não fosse uma pequena bagunça que começou no canto por conta do “bafo”. A carta é minha, não virou. Virou sim é minha, virou, não virou, virou... Fiz a intervenção: opa, já disse que bater figurinha é só no intervalo ou vamos ter um aleluia.

Fotografei a casa, assim como todos os outros, ainda que atordoado e iniciei as apresentações dos desenhos animados. Viram com gosto, riam, identificavam os seus, percebiam os problemas e inadequações de um braço muito colado ao corpo que não anima, pernas juntas ou desenhos muito pequenos. Chegamos por fim na casa que nada animou. A inteligência artificial não conseguiu entender nada. Fiz ajustes digitais, identifiquei pontos de articulação e finalmente ela esboçou um movimento. Pilar adorou, riu bastante e brilhou os olhos. Eu voltei a viajar em algum lugar entre aquela casa e seu olhar, e agradeci quando o sinal tocou forte. Acordei. Devolvi os desenhos para que levassem pra casa e me despedi da turma.

Na reunião com professoras e professores, descobri que Pilar tem três irmãos mais velhos na escola. São de uma família em vulnerabilidade severa. Moravam na comunidade que passou por um incêndio. A casa dela ficou completamente destruída. Quando a família havia minimamente se recuperado vieram as águas de março alagando o quarteirão. A sua casa, que ficava junto ao córrego, foi praticamente tragada. Agora ela estava num abrigo e aparentemente eles estavam se mudando para uma ocupação no centro da cidade, onde há muitos prédios abandonados, espaços sem função social. A casa dela estava mesmo se mudando. É a casa que determina a vida e a organização daquela família. Mas a casa não aguentava mais o fogo, a chuva, a lama, a enchente. A casa da pequena Pilar estava de saco cheio e decidiu mudar-se dali, e a família que viesse junto.

Fiquei pensando que, quando falta planejamento urbano, falta política pública e falta estrutura social, até o que não é animado se enfurece, se rebela e faz o que é preciso ser feito. A casa se foi e, por ser tão longe, escolheu outra escola para animar a educação dessa família. Até outro dia, até outro lar, querida Pilar!

# Lágrimas vermelhas como o sangue

Coletivo DRE Penha\*

A colonização é ressurgente  
em 1500 a chegada dos portugueses  
nos anos 2000 grandes multinacionais estão vigentes  
A colonização é iminente  
nos adaptamos para manter a cultura viva, a história de nossa gente  
A colonização é evidente  
nossa terra ainda é roubada  
nosso direito subserviente.

A dor não se finda no pedido de desculpas genérico e ensaiado,  
sobrevive ao tempo  
sobrevive às perdas  
se fortalece na saudade e na memória do que desmoronou  
em forma de insônia, de raiva e de medo  
se firma na falta de ar  
na infecção e febre  
na pele irritada no que intoxica  
não se esvai com a lama  
transmuta-se em doença  
crônica e sofrida  
como a lembrança do que passou  
e se espalha feito praga  
pelos olhos e lágrimas  
pelos abraços e encontros  
pela saudade e revolta  
de quem junto reconstrói o que é possível  
suprimindo o que não pode se definir por palavras ou diagnóstico

As águas claras que ficaram embarreadas  
O rio se transformou arrastou tudo pela frente  
A paisagem se transformou trazendo tristeza e dor  
Sentiu o peso da lama, do rejeito, da ganância e pouco apreço.  
Chorou lágrimas vermelhas como o sangue, mas era terra, terra ferida e morta.

O barro matou a vida, desestabilizou a flora e a fauna, desabrigou e deslocou pessoas.  
O rio, enquanto mãe que gera a vida, é um rio triste que perdeu seus filhos.  
Mulheres de força desaparecem diante de dor e tragédia,



Sentir o peso do impacto ambiental em sua família, em sua casa,  
Mulheres invisíveis, solitárias, nesse momento de tantas dores, nesse rio da morte  
com filhos, maridos, tristes e amargurados.  
restou a mulher chorar pela perda do lar, da família, da vida  
O ciclo da vida foi devastado  
não houve tempo  
e nem o tempo devolveu o que é nosso  
sem rio, sem água, sem ar, triste, amargurado, só.  
Quando o corpo cala, a alma para, a vida cessa.  
A natureza é nossa arma, nossa casa, nosso lar.

Um dia fluindo limpo  
transbordando vida  
noutro,  
do nada,  
tudo virou lama  
escorreu a dignidade  
submergiu  
lama vermelha,  
como eram o sangue dos corpos soterrados pelo barro  
sangue preto e indígena  
se misturam aos minérios da lama

a vida parou,  
o lucro continuou.

Um dia um rio,  
um dia um lar,  
um dia sonhos  
... agora só incertezas.

*Poema criado coletivamente no curso "Espaço de leitura verde: educação ambiental por meio da literatura", ofertado pela DRE Penha, com base no desastre de Mariana e Brumadinho, e no livro "Um dia, um rio", de Leo Cunha, pela ótica do impacto as diversidades: feminismo e educação ambiental, questões indígenas e racismo ambiental.*



## Coletivo DRE Penha\*

*Aline Donha Costa Sobrinho  
Ana Claudia Marquez Silva  
Ana Paula Azarias Cruz Almeida  
Barbara Fabiola Turrielli Ladeira  
Caio Henrique Moreira da Silva  
Carla de Lima Perfeito  
Carolina Gregorutti dos Santos  
Caroline Meneses Besson  
Daniel Eric Nistal  
Daniela Cristina Gonçalves Magalhães  
Danilo Lisboa Barros  
Debora Amaral Pechta  
Douglas Maris Antunes Coelho  
Edeni Maria de Oliveira  
Eliane Dias Ferreirinha  
Emília da Silva Alexandre  
Francisca Fernandes da Silva  
Gildene Rodrigues Fernandes  
Greice Malichesqui Leite  
Heliara Oliveira dos Santos  
Isabela da Conceição Silva Iagallo  
Juliana Regina Marques Pereira  
Karina Fernandes Mendonça  
Karla Cardoso Oliveira*

*Khadija Alves Izidoro  
Laura Fernandes da Silva Rodrigues  
Leon Pires da Conceição de Barros Cordeiro  
Lilian Ronqui Pinheiro Franco  
Luana Caroline da Silva Sales  
Luciana Clementino Gomes da Silva  
Maiane Carneiro dos Santos Ferreira  
Maria Carolina Serafim Pontes  
Maria Eliana dos Santos Costa  
Mariana Porfirio Siqueira Valadares  
Marcelle Reis da Silva  
Nilza de Fátima Miranda Gabriel  
Norma Aparecida de Castro Pereira  
Patricia Soler de Souza Antonio  
Ranieri Rangon Ramos  
Roberta Fernanda de Araujo Feitosa  
Sandra Maria Castrequini  
Sirlene Andrade Gonçalves  
Taís Freitas de Souza  
Thalita Garcia Lopes  
Thalita Martha Drumond  
Valeria Maria Avella Verrone  
Yolanda Oliveira Salgueiro*

# ÍNDICE

Adriana Boriollo da Silva.....	5
Alessandra Saragó.....	6
Alessandra Umbelino da Silva .....	9
Ana Cláudia Dantas de Freitas Sales.....	10
Ana Deise de Assis São Martinho .....	11
Ana Flora Pinheiro Salviano.....	12
Ana Maria Cesário Moraes - pseudônimo: Euzinha.....	13
Ana Paula Silveira de Faria.....	14
Ana Regina Barbosa Spinardi .....	15
Anderson Pereira de Almeida .....	17
André Alves de Sousa .....	18
Angélica Dadario.....	19
Artur Antonio Azevedo Amorim .....	20
Barbara Falcão .....	22
Beatriz de Araújo da Costa Barros.....	24
Braz Gomes da Silva Filho .....	25
Caren Alessandra Corrêa de Queiroz .....	28
Carla Cristina Miyachi Ferreira de Souza .....	29
Carlos Roberto Bortolotto .....	30
Cinthia Krayuska de Araujo .....	31
Coletivo DRE Penha* .....	153
Creusa Ruiz .....	32
Dalila Rodrigues do Amaral.....	33
Daniela Tenorio da Silva.....	34
Danilo de Goes Prado - pseudônimo: Danilo Siannys .....	35
Denise Souza da Rocha Franco.....	37
Deusdete Cassio de Jesus - pseudônimo: Cássio de Jesus .....	38

Edna Maria Aparecida de Andrade Cerqueira .....	39
Egle Anny dos Santos.....	40
Elaine Santos Nascimento Leite.....	41
Elaine Silva de Lima.....	42
Elaine Valeria de Camargo .....	43
Elen de Lucas Rodrigues.....	45
Eliane de Jesus Santos Martins .....	46
Eliane Nadejda Pincov .....	47
Elisabete Rabello Machado Brandão - pseudônimo: Liz Rabello .....	48
Emilene Gutierrez de Campos.....	49
Erika Luiza da Fonseca .....	50
Ester Marques de Paula Dionísio .....	51
Eva Vilma Cavalcante Almeida.....	53
Fabio dos Santos Pinheiro .....	54
Fernanda Depizzol.....	55
Fernanda Matos Silva Barbosa.....	56
Fernando José Ribeiro dos Santos.....	57
Fernando Omar Silveira Almeida .....	60
França Helena Amandio Ber ton.....	61
Geni Alves Caetano - pseudônimo: Ágada Alves .....	62
Glauciane Maria de Almeida Catanho .....	64
Igor Leite Sousa .....	65
Jaciara Batista Gomes da Silva.....	67
Janaina Regina Monteiro.....	69
Jaqueline Vieira da Silva Boaretto .....	70
Jordana Machado Marques .....	71
José Wilton dos Santos - pseudônimo: J. Wilton.....	72

Joyce de Moraes Santana - pseudônimo: Joy Santana .....	73
Juliana Cavalcanti Candelaria .....	74
Juliana do Couto Machado de Castro .....	75
Juliana Pio.....	76
Juliano Gimenes Cruz .....	77
Juliene Codognotto .....	78
Júlio Henrique Fim .....	80
Kátia Alves Bezerra .....	81
Kátia Cilene Moreira .....	82
Kelly Aparecida Brandão Avelino .....	83
Laura Aparecida Guimarães Corrêa .....	84
Leon Pires da Conceição de Barros Cordeiro .....	85
Leonardo Angelo Baruffaldi - pseudônimo: Baruffa .....	86
Lidyane Rafaela Almeida Santos.....	87
Lourdes Fátima Basílio .....	88
Lucinéia de Fátima Guerra Souza .....	90
Luiz Carlos Pissamiglio Dias Barreiras .....	91
Marco Aurélio Botelho de Lima .....	92
Maria Célia Gonçalves Silveira .....	93
Maria Inês Alves Pereira .....	94
Maria José da Silva .....	95
Maria Sueli Fonseca Gonçalves - Suelizinha .....	96
Marina Estela Cavali .....	98
Marlene Gomes Guimarães de Oliveira .....	99
Meire Berteli de Souza .....	100
Michelle Martins de Souza Ganden.....	101
Mônica Battista .....	102



Mônica Dionisio da Silva.....	103
Mônica Heloísa Braga Vasques.....	104
Monica Leopoldino Silva Fernandes.....	105
Natali do Nascimento Batista Aragão.....	108
Natalia Sanches Couto.....	109
Natasha Sonna Santos Verde.....	110
Nelsi Maria de Jesus.....	111
Nilda Aparecida Conrado de Paula.....	113
Norma Chie Wakizaka.....	115
Pamela Nascimento Gonçalves Fernandes.....	118
Patrícia Dos Santos Ciorfi Freitas.....	119
Patrícia Renata de Toledo.....	120
Paula Gardenia Lucena Gallego - pseudônimo: Paula Pagú.....	122
Paulo Giovanni de Almeida Nicolini.....	123
Querina Felisardo Tenorio Rocha.....	125
Rafael Augusto Avena.....	126
Rafael Marques da Silva.....	128
Regiane Cristina Mendes Melo.....	129
Renata Aparecida da Silva Fico - pseudônimo: Renata Maria.....	130
Renata Chagas de Oliveira da Costa.....	131
Roberto Carlos Soares Sobrinho.....	132
Rodrigo de Macedo França - pseudônimo: RFrança.....	134
Rogério Dias Micheletti.....	135
Rosangela Aparecida Paschoal Brighenti Dayyoub.....	136
Rosemeire Gonzalez Piccoli Menolli.....	137
Sarah dos Santos Jerônimo Henrique.....	138
Silvia Maria Garcia Pinto - pseudônimo: MH.....	139

Silvio Valentin Liorbano.....	140
Tâmara Rodrigues Ferreira .....	141
Tania Regina da Silva .....	142
Thais Helena Inglês Silva.....	143
Urubatan Miranda da Silva .....	144
Valéria Caraça Camargo .....	145
Valéria Silva Nascimento de Oliveira.....	146
Vanessa Aparecida Gomes de Andrade.....	147
Vinicius Custodio de Lima Silva .....	149
Wesley Vieira .....	151

Coletivo DRE Penha* .....	153
---------------------------	-----

Aline Donha Costa Sobrinho, Ana Claudia Marquez Silva, Ana Paula Azarias Cruz Almeida, Barbara Fabiola Turrielli Ladeira, Caio Henrique Moreira da Silva, Carla de Lima Perfeito, Carolina Gregorutti dos Santos, Caroline Meneses Besson, Daniel Eric Nistal, Daniela Cristina Gonçalves Magalhães, Danilo Lisboa Barros, Debora Amaral Pechta, Douglas Maris Antunes Coelho, Edeni Maria de Oliveira, Eliane Dias Ferreirinha, Emília da Silva Alexandre, Francisca Fernandes da Silva, Gildene Rodrigues Fernandes, Greice Malicheskui Leite, Heliara Oliveira dos Santos, Isabela da Conceição Silva Iagallo, Juliana Regina Marques Pereira, Karina Fernandes Mendonça, Karla Cardoso Oliveira, Khadija Alves Izidoro, Laura Fernandes da Silva Rodrigues, Leon Pires da Conceição de Barros Cordeiro, Lilian Ronqui Pinheiro Franco, Luana Caroline da Silva Sales, Luciana Clementino Gomes da Silva, Maiane Carneiro dos Santos Ferreira, Maria Carolina Serafim Pontes, Maria Eliana dos Santos Costa, Mariana Porfirio Siqueira Valadares, Marcelle Reis da Silva, Nilza de Fátima Miranda Gabriel, Norma Aparecida de Castro Pereira, Patricia Soler de Souza Antonio, Ranieri Rangon Ramos, Roberta Fernanda de Araujo Feitosa, Sandra Maria Castrequini, Sirlene Andrade Gonçalves, Tais Freitas de Souza, Thalita Garcia Lopes, Thalita Martha Drumond, Valeria Maria Avella Verrone, Yolanda Oliveira Salgueiro

## **PROJETO GRÁFICO - CENTRO DE MULTIMEIOS**

Ana Rita da Costa - *Diretora*

### **Núcleo de Criação de Arte**

Angélica Dадario - projeto e diagramação

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Simone Porfirio Mascarenhas

### **Revisão Textual**

Roberta Cristina Torres da Silva

Imagem capa: freshideay - Adobe Stock



**CIDADE DE**  
**SÃO PAULO**  
EDUCAÇÃO